

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JOÃO PAULO PACHECO RODRIGUES

DAS MARGENS DO RIO IVAÍ:
NOSSA SENHORA DAS ÁGUAS E O PATRIMÔNIO CULTURAL DE IVATUBA
(1997-2008)

MARINGÁ
2012

JOÃO PAULO PACHECO RODRIGUES

**DAS MARGENS DO RIO IVAÍ:
NOSSA SENHORA DAS ÁGUAS E O PATRIMÔNIO CULTURAL DE IVATUBA
(1997-2008)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá – UEM, para obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: Política, Movimentos Populacionais e Sociais. Linha de Pesquisa: Fronteiras, Populações e Bens Culturais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra de Cássia Araújo Pelegrini

MARINGÁ

2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

R696d	Rodrigues, João Paulo Pacheco Das margens do rio Ivaí: Nossa Senhora das Águas e o patrimônio cultural de Ivatuba (1997-2008) / João Paulo Pacheco Rodrigues. -- Maringá, 2012. 112 f. : il. color. Orientador: Prof^a. Dr^a. Sandra de Cássia Araújo Pelegrini. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2012. 1. Patrimônio cultural. 2. Patrimônio imaterial. 3. Religiosidade popular. 4. Nossa Senhora das Águas - Festa - Ivatuba (PR). I. Pelegrini, Sandra de Cássia Araújo, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título. CDD 22.ed. 363.69
-------	--

JOÃO PAULO PACHECO RODRIGUES

**DAS MARGENS DO RIO IVAÍ:
NOSSA SENHORA DAS ÁGUAS E O PATRIMÔNIO CULTURAL DE IVATUBA
(1997-2008)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá – UEM, para obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: Política, Movimentos Populacionais e Sociais. Linha de Pesquisa: Fronteiras, Populações e Bens Culturais.

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Carmem G. Burgert Schiavon

Universidade Federal do Rio Grande

Prof^a. Dr^a. Solange Ramos de Andrade David

Universidade Estadual de Maringá

Prof^a. Dr^a. Sandra de Cássia Araujo Pelegrini (Orientadora)

Universidade Estadual de Maringá

AGRADECIMENTOS

Ao término dessa pesquisa, mais que agradecer as pessoas que contribuíram nesta conquista, reconheço que o caminho pode ser ainda mais duro se estivermos sozinhos.

Juntos, podemos alcançar objetivos até então imagináveis.

Deixo aqui expresso os meus sinceros agradecimentos às pessoas e instituições que foram essenciais para a realização dessa pesquisa.

Sou imensamente grato à Prof^a. Dr^a. Sandra de Cássia Araujo Pelegrini, orientadora, por ter acreditado que o meu projeto de trabalho seria viável, pelas críticas construtivas, pelos debates de ideias, pela confiança, incentivo, amizade, disponibilidade e por me fazer enxergar caminhos nem sempre claros nesses três anos de orientação.

Pelos meus pais, João e Alice, pelo carinho, dedicação e confiança nas decisões que sempre tomei. À minha irmã, Juliana, que por tantos momentos desdobrou-se como uma mãe, amiga e companheira.

Aos professores que compuseram a banca, a Prof^a. Dr^a. Carmem G. Burgert Schiavon e Prof^a. Dr^a. Solange Ramos de Andrade David, cujos comentários, sugestões e críticas serviram, sem dúvida, para o aprimoramento desta pesquisa. Sou grato ao Prof. Dr. Clóvis Brito, da Universidade Estadual de Goiás, pela atenta leitura dos originais.

Aos demais professores do Programa do Mestrado em História da UEM, que também colaboraram para minha formação. A Gisele Moraes, pelos sábios conselhos e por sempre se mostrar prestativa.

A Capes, pela bolsa de mestrado a mim concedida durante essa pesquisa.

Ao Anísio Furlan, pela disponibilização de seu acervo pessoal, entrevistas e relatos.

Aos meus colegas da Linha de Pesquisa: Bens Culturais, Fronteiras e Populações.

Agradeço também a Deus, fonte da sabedoria e refúgio, por ter me dado mais essa vitória na vida.

Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento desta dissertação, o meu muito obrigado!

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo estudar a Festa de Nossa Senhora das Águas, realizada na cidade de Ivatuba (Paraná), no período compreendido entre 1997 e 2008. Opta por esse recorte temporal, pois o ano de 1997 constitui o marco do primeiro milagre que a Santa teria realizado e o ano de 2008 sinaliza mudanças substanciais na celebração, decorrentes dos conflitos entre o pároco local e os organizadores da festa. A metodologia utilizada para compreender dos significados da celebração da Virgem do Ivaí para a comunidade católica ivatubense se deu mediante aos pressupostos teóricos das Micro história e pela História Oral, alicerçada nas proposições da História Cultural. Os apontamentos de Peter Burke (2004, 2005) e Roger Chartier (1985, 2002) fundamentaram os conceitos de “cultura”, “cultura popular”, “representação” e “apropriação”. Para a apreensão sobre como a festa vem se caracterizando com um bem cultural e de que maneira os devotos vem nutrindo um sentimento de pertença em relação a essa celebração os autores Nestor Garcia Canclini (1983), José Reginaldo Gonçalves (2003), Regina Abreu (2003), Márcia Fonseca (2003) e Sandra C. A. Pelegrini (2005, 2008, 2009) apresentam os pressupostos essenciais para compreensão dessa problemática. A festa de Nossa Senhora das Águas é uma manifestação da cultura religiosa que pressupõem relações de dádiva e contra dádiva. Para compreender como esse fenômeno ocorre recorre-se ao grupo de autores que debatem o universo do catolicismo popular e as dualidades entre o sagrado e o profano. Nesse âmbito, tornou-se essencial contar com as contribuições de Mircea Eliade (1992, 1996), Rita Amaral (2003), Ivan A. Manuel e Solange Ramos de Andrade (2010). O núcleo documental dessa pesquisa se concentra em três tipos de fontes: narrativas orais (entrevistas e depoimentos) Alessandro Portelli (2004) e Verena Alberti (2005), discursos textuais e imagéticos, a qual utilizamos os preceitos de Erwin Panofsky (1979), Jacques Aumont (2004), Peter Burke (2004), Sandra C. A. Pelegrini (2005), Tânia Regina de Luca (2005), Cardoso e Vainfas (1997) e Portelli (2004). Os principais aportes metodológicos dessa pesquisa se concentram nos seguintes campos: o da Micro História, Jacques Revel (1998) e Giovanni Levi (1992) e o da História Oral, Alessandro Portelli (2004), Ecléa Bosi (2003) e Verena Alberti (2005). No primeiro capítulo é apresentado um breve histórico da cidade de Ivatuba, assim como o surgimento do Condomínio Pontal do Ivaí e o mito fundador de Nossa Senhora das Águas. Na unidade subsequente, a principal preocupação foi caracterizar o culto à Santa do Ivaí, com o registrado da trajetória da sacralização institucionalizada pelo arcebispo Dom Jaime Luiz Coelho, no ano de 2003. E por último, no terceiro capítulo, são analisados os elementos do ritual sagrado instituídos pelo clero e presente nos momentos celebrativos.

Palavras-chave: Patrimônio imaterial. Religiosidade popular. Ivatuba. Nossa Senhora das Águas.

ABSTRACT

Current research analyzed the Feast of Our Lady of the Waters celebrated in the town of Ivatuba PR Brazil between 1997 and 2008. Time limits have been selected due to the fact that the first miracle attributed to Our Lady occurred in 1997, whereas 2008 brought about radical changes in the celebration as the local parish priest and the feast organizers were at loggerheads. The methodology employed to understand the meaning of the celebration of the Virgin of the Ivaí from the point of view of Catholics of Ivatuba consisted of the theoretical presuppositions of micro-history and oral history based on Cultural History. The presuppositions of Peter Burke (2004, 2005) and Roger Chartier (1985, 2002) foregrounded the concepts of “culture”, “popular culture”, “representation” and “appropriation”. Authors such as Nestor Garcia Canclini (1983), José Reginaldo Gonçalves (2003), Regina Abreu (2003), Márcia Fonseca (2003) and Sandra C. A. Pelegrini (2005, 2008, 2009) provided the essential factors for the understanding of such an issue as the manner the feast became a cultural good and the manner the faithful acquired a sense of belonging with regard to the celebrations. The feast of Our Lady of the Waters is a religious manifestation that foregrounds relationships of gift and counter-gifts. The phenomenon may be understood by theories of several authors, such as Mircea Eliade (1992, 1996), Rita Amaral (2003), Ivan A. Manuel and Solange Ramos de Andrade (2010), who investigate popular Catholicism and the duality between the sacred and the profane. The documental nucleus of current research focuses on three types of sources: oral narratives (interviews and depositions) based on Alessandro Portelli (2004) and Verena Alberti (2005) and textual and imagetic discourses discussed according to principles by Erwin Panofsky (1979), Jacques Aumont (2004), Peter Burke (2004), Sandra C. A. Pelegrini (2005), Tânia Regina de Luca (2005), Cardoso and Vainfas (1997) and Portelli (2004). The main methodology of current research is concentrated in two fields, or rather, micro-history based on Jacques Revel (1998) and Giovanni Levi (1992) and Oral History foregrounded by Alessandro Portelli (2004), Ecléa Bosi (2003) and Verena Alberti (2005). Chapter 1 gives a brief history of the town of Ivatuba, the housing estate Pontal do Ivaí and the foundation myth of Our Lady of the Waters. Chapter 2 deals with the characterization of the Cult to Our Lady of the Ivaí and the institutional sacralization by Archbishop Jaime Coelho in 2003. Chapter 3 comprises an analysis of the elements of the sacred rituals instituted by the clergy and extant in celebratory events.

Keywords: Non-material heritage. Popular religiosity. Ivatuba. Our Lady of the Water.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1	Capa da revista Ivatuba Progresso Constante	32
Imagem 2	Fotografia retirada da Revista “Ivatuba Progresso Constante”, os primeiros migrantes da região	33
Imagem 3	Prédio da companhia Grasso e Mazzuco Ltda.	35
Imagem 4	Estado do Paraná, a divisão da região Norte	37
Imagem 5	Panfleto do candidato Daniel Sapata	38
Imagem 6	Panfleto do candidato Daniel Sapata (verso)	39
Imagem 7	População rural, urbana e total do município de Ivatuba, nas décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000	41
Imagem 8	Cruzeiro de Ivatuba	42
Imagem 9	Procissão da festa de São Sebastião. 25/01/1955	43
Imagem 10	Primeira Igreja de Ivatuba	44
Imagem 11	Confraternização da costela assada	45
Imagem 12	Confraternização da costela assada	46
Imagem 13	Casa do Sr. José Bendo	50
Imagem 14	Outdoor de lançamento do condomínio Pontal do Ivaí	51
Imagem 15	Condomínio Pontal do Ivaí	52
Imagem 16	Entrada principal do condomínio Pontal do Ivaí	52
Imagem 17	Construção da rampa náutica	53
Imagem 18	Nossa Senhora dos Navegantes	57
Imagem 19	Nossa Senhora das Águas	57
Imagem 20	Alameda Silvio Furlan	69
Imagem 21	Procissão fluvial	70
Imagem 22	A Tenda para a celebração de Nossa Senhora das Águas	71
Imagem 23	Altar de Nossa Senhora das Águas	72
Imagem 24	Gruta de Nossa Senhora das Águas	79
Imagem 25	Desfile de aniversário de oito anos de Ivatuba	80
Imagem 26	Desfile de aniversario de oito anos de Ivatuba	81
Imagem 27	Inauguração da Avenida Jaime Canet Jr	82
Imagem 28	Desfile comemorativo aos 39 anos de Ivatuba	84
Imagem 29	Barco em louvor a Nossa Senhora das Águas	85

Imagem 30	Desfile de 42 anos do aniversário de Ivatuba	86
Imagem 31	Adesivo da festa de Nossa Senhora das Águas	88
Imagem 32	Romeiros a espera de Nossa Senhora das Águas	89
Imagem 33	Carreata de Nossa Senhora das Águas, nas ruas de Ivatuba	90
Imagem 34	Chegada de Nossa senhora das Águas na Praça da Igreja Matriz	90
Imagem 35	Altar construído na Praça da Igreja Matriz	91
Imagem 36	Missa em louvor a Nossa Senhora das Águas	92
Imagem 37	O Bolo de Nossa Senhora das Águas	94
Imagem 38	Procissão fluvial	96
Imagem 39	Nossa Senhora das Águas	97
Imagem 40	Chegada de Nossa Senhora das Águas no condomínio Pontal do Ivaí	98
Imagem 41	Festa de Nossa Senhora das Águas	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	População rural, urbana e total do município de Ivatuba, nas décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000	41
----------	---	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

CTNP	Companhia de Terras Norte do Paraná.
CMNP	Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.
GM Ltda.	Grasso e Mazzuco Limitada.
IAP	Instituto Ambiental do Paraná
Incra	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Ipardes	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social.
Iphan	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

LISTA DE DEPOENTES

Anísio Furlan.

Claude Ghelere.

João Evangelista Gimenes Rodrigues.

Maria Presa.

Olinda Tenedine.

Olinto Presa.

Padre Francisco Gecivan.

Padre Jair Favoretto.

Paulo Salvador.

Rosilda Von Kriger.

Saul Dandolini.

Vanderlei Santini.

LISTA DE NOMEAÇÕES ATRIBUÍDAS PARA NOSSA SENHORA DAS ÁGUAS

Imaculada das Águas.

Padroeira do Rio Ivaí.

Protetora dos Bens Naturais.

Rainha das Águas.

Rainha do Ivaí.

Santa das Águas.

Santa do Ivaí.

Santa Ivatubense.

Virgem do Ivaí.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 CIDADE DE IVATUBA-PR	25
1.1 Fronteiras de Expansão e o Norte do Paraná	26
1.2 A Frente Pioneira: memórias ocultas e imagens consolidadas na região de Ivatuba	31
1.3 A comunidade Católica de Ivatuba	41
1.4 Negócios, fé e diversão. O condomínio Pontal do Ivaí	44
2 NOSSA SENHORA DAS ÁGUAS: CULTURA E PATRIMÔNIO	54
2.1 Água fonte de vida. A Protetora dos bens naturais	55
2.2 Marianismo, algumas reflexões	61
2.3 A festa da Rainha do rio Ivaí	68
3 RAINHA DO IVAÍ E DE IVATUBA	78
3.1 Das águas do Ivaí para as ruas de Ivatuba	78
3.2 Embates, mudanças e conflitos	87
3.3 O Sacro e o Profano nas procissões	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
FONTES	105
REFERÊNCIAS.....	107

INTRODUÇÃO

No ano de 2009, na fase embrionária dessa pesquisa, foi realizada uma série de entrevistas com alguns moradores de Ivatuba¹. O contato direto com a população residente tornou possível a percepção de valores que faziam parte da construção do seu mundo social, entre eles o seu conjunto de crenças. Dentre as lembranças reveladas pelas entrevistas, fenômenos ligados à festa de Nossa Senhora das Águas foram predominantemente mencionados por um ou outro motivo, ratificando um marco nas suas trajetórias existenciais.

A celebração que acontece anualmente na região Norte do Paraná, desde o início do século XXI, relaciona-se ao catolicismo e reúne valores que abrangem a devoção, a piedade e o compromisso. Referências essas que representam os anseios de uma comunidade unida em torno de uma Santa e, ao mesmo tempo, simbolizam a expressão de fé de determinados segmentos sociais.

Assim, nesta pesquisa, privilegiou-se o estudo de uma manifestação específica da religiosidade católica: “Festa de Nossa Senhora das Águas”. Essa opção se deve ao fato da dimensão que tal festividade atingiu na cidade de Ivatuba, espaço geográfico circunscrito à cidade, posteriormente, ampliado às pequenas urbes que cresceram às margens do rio Ivaí.

Na tentativa de compreender esse fenômeno religioso, o que se propõe nessa dissertação é estudar a celebração em tributo a Virgem do Ivaí, a partir do universo fantástico do catolicismo popular. A festa de Nossa Senhora das Águas, embora seja uma prática que se baseia em crenças e cultos semelhantes às de outros locais, apresenta particularidades que foram solidificadas no processo de criação da santa na região onde serpenteia o rio Ivaí.

Segundo Destefani (2005), a bacia hidrográfica do rio Ivaí é a segunda maior do Estado do Paraná. Com uma área de 36.587 km² e um percurso de 680 km, o rio é afluente da margem esquerda do curso superior do rio Paraná e apresenta uma vazão média de 363 m³. O Ivaí nasce em Prudentópolis², na região Centro-Sul do Estado do Paraná, no encontro entre os rios dos Patos e São João.

Uma de suas características refere-se à tonalidade das suas águas, que na maior parte do ano é vermelha ou marrom. Quando o rio deságua nas águas do rio Paraná, ocorre o fenômeno de instabilidade hidrodinâmica, também conhecido como encontro das águas.

¹ Ivatuba é uma cidade localizada no Norte do Estado do Paraná, a 468 km de Curitiba.

² Prudentópolis é um município localizado na região Sudeste do Paraná e ocupa uma área de aproximadamente 2.308 km², localiza-se ao lado da BR-373, entre Ponta Grossa e Guarapuava. Disponível em: <<http://www.prudentopolis.pr.gov.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

Cabe lembrar que este rio, o mais representativo para região, tem grande importância - para a população rural como para as cidades que o cercam, sendo pela territorialidade que seu recorte faz - ou pela captação de água. Também está na reminiscência de antigos moradores que retém viva em suas memórias as pescarias que até hoje faz parte do cotidiano local.

Nas margens do rio Ivaí desabrochou o mito fundador de Nossa Senhora das Águas. Apesar de ser uma prática recente na região de Ivatuba, alguns pesquisadores revelam que as celebrações marítimas em louvor a Virgem Maria têm origens remotas:

Já há milênios, no Mediterrâneo antigo, faziam-se procissões marítimas em honra de divindades femininas. Quando o Cristianismo dominou o cenário, as procissões tiveram continuidade, mas já assimiladas tanto a teologia como a ritualidade cristã. As divindades pagãs foram substituídas por Maria, Mãe de Deus. Os oficiantes se tornaram os sacerdotes católicos. Em que medida as pessoas entendiam essas procissões à luz da doutrina, ou davam continuidade a rituais de oferenda ao mar que pouco tinham a ver com Maria? Aportadas tais práticas ao continente sul-americano, encontraram aqui ainda outras divindades e concepções sobre a importância das águas. Ao lado dessas interpretações dos ameríndios vieram às práticas e os rituais africanos (PELEGRINI; FUNARI, 2008, p. 87).

As festas religiosas são comemorações abertas à coletividade e seus preparativos podem ser idealizados em diferentes níveis: o primeiro se refere àqueles que estão no controle da Igreja, porque neles estão manifestos rituais particulares que devem ser conduzidos pelo clero. Exemplificando, tem-se a festa de Corpus Christi, a Páscoa e o Natal. Há outras que abarcam um país e tais festas são sancionadas pelo poder civil, como a festa de Nossa Senhora Aparecida no dia 12 de outubro. Existem ainda aquelas que são particulares de uma cidade, como a realizada em Maringá em louvor a Nossa Senhora da Glória, padroeira do município e, por fim, celebrações específicas de uma comunidade ou grupo, como a manifestada na região de Ivatuba, no mês de agosto, em louvor a Nossa Senhora das Águas, padroeira do rio Ivaí.

A antropóloga Rita Amaral (2003, p. 187) pontua:

As festas religiosas, no Brasil, são incontáveis. Das tradicionais festas do cristianismo, como as da Natividade, ao constante homenagear católico de santos padroeiros, como Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Conceição, dos Navegantes, de Nazaré, Santo Antônio, São Sebastião, São Pedro, São João entre muitos e muitos outros, o festejar não cessa. Além disso, outras religiosidades, como a indígena, por exemplo, além dos neo esoterismos, fazem do festejo sua forma ritual preferida. Não têm fim, do mesmo modo, as festas de candomblé e umbanda as festa judaicas, islâmicas e budistas. O fenômeno é antigo e surpreendente para aqueles não familiarizados com a cultura brasileira e seu permanente envolvimento com a linguagem das festas.

Essas celebrações têm no catolicismo uma expressão inigualável desde os tempos da colonização e representam para o Estado português uma forma de agregação sociocultural, na qual, além da experiência comunitária religiosa, ocorrem trocas culturais com diversas faces e sentidos.

Amaral (2003, p. 188) elucida que nestas manifestações religiosas:

[...] Fundem-se, associa-se se sobrepõem e são reinterpretados vários aspectos culturais dos grupos envolvidos, num verdadeiro ecumenismo cultural estabelecido pela arte estética, música e pelas próprias crenças. A Festa de Iemanjá- Nossa Senhora dos Navegantes ou da Conceição, realizada em todo o Brasil por católicos, candomblecistas e umbandistas nos mesmos espaços e tempo é emblemática deste aspecto. Mas além dos aspectos propriamente religioso-culturais, a realização freqüente de festas faz parte de uma lógica de organização social e econômica que muitas vezes passa completamente despercebida. Essa lógica tem raízes no período colonial, quando a participação na festas religiosas engendrou os modos de ação e de expressão favoritos dos brasileiros.

Amaral destaca entre as festas religiosas populares: o Círio de Nazaré, a Festa do Divino, as festas juninas em louvor a São João no dia 24, Santo Antonio no dia 13 e São Pedro no dia 29 e as festas dos santos italianos em São Paulo. Para Maura Petruski (2008), a festividade católica tem as suas origens datadas nas Sagradas Escrituras. No livro do Êxodo, podem-se observar algumas menções em honra ao Criador:

Três vezes por ano celebrarás uma festa em minha honra. Observarás a festa dos Ázimos: durante sete dias, no mês das espigas, como fixei, comerás pães sem fermento (foi nesse mês que saíste do Egito). Não se apresentará ninguém diante de mim com as mãos vazias. Depois haverá a festa da Ceifa, das primícias do teu trabalho, do que semeaste nos campos; e a festa da Colheita, no fim do ano, quando recolheres nos campos os frutos do teu trabalho. Três vezes por ano, todo indivíduo do sexo masculino se apresentará diante do Senhor JAVÉ (BÍBLIA, 1990, Êxodo 23: 14-17).

Poder-se-ia, portanto, ressaltar a existência de um vínculo dessas manifestações com o período das colheitas? Petruski (2008) alega que essas festas, na maioria das vezes, foram estabelecidas dentro de um calendário agrícola. Mircea Eliade ainda assinala:

São um patrimônio comum nas sociedades agrárias, nas quais se observa que toda a infinita variedade dos ritos e das crenças agrárias supõe o reconhecimento de uma força manifestada na colheita. Este ‘poder’ ora é concebido como impessoal, como o são os ‘poderes’ de tantos objetos e atos, ora é representado em estruturas míticas, ou ainda concentrado em certas pessoas humanas. Os rituais, simples ou processados em representações dramáticas densas, têm por finalidade estabelecer relações

favoráveis entre o homem e estes ‘poderes’ e assegurar a regeneração periódica destes (ELIADE, 1992, p. 418).

Na região Norte do Paraná tornou-se comum a organização de festividades após a colheita da agricultura branca, da soja e do milho. No município de Ourizona³, desde o início do século XX é realizada a Festa do Milho, assim como nos municípios de Floresta⁴ e Doutor Camargo⁵, onde ocorrem as festas nos meses de março e julho.

Nestor Canclini argumenta: tais celebrações estão imbricadas à “totalidade da vida de cada comunidade”, incluindo-se a sua “organização econômica [...] suas estruturas culturais e as suas relações políticas” (CANCLINI, 1983, p. 54). Além disso, afirma que existem duas maneiras para se “criar” um evento festivo: a primeira por iniciativa popular, germinando como fruto de aliança comunitária, para louvar fatos ou crenças resultantes em sua experiência cotidiana. A segunda forma se origina quando nasce do poder cultural institucionalizado, ou seja, imposta pelo clero local.

No que concerne à festa de Nossa Senhora das Águas, realizada no município de Ivatuba, observou-se a contemplação dos indicativos apontados por Canclini (1983). A festa passou a existir a partir do anseio de um determinado grupo na busca do bem potável que teria resultado na primeira graça atribuída à Virgem. Já a celebração de Nossa Senhora do Rocio⁶ foi institucionalizada na gênese da cidade e ratificada na década de 1960, pelo então arcebispo Dom Jaime Luiz Coelho.

É preciso considerar que além de manifestações lúdicas, essas celebrações expressam comportamentos, valores e visões de mundo de uma comunidade, na qual “a imaterialidade dos sentimentos religiosos associa-os, de forma muito indireta, ao patrimônio cultural imaterial ou intangível” (PELEGRINI; FUNARI, 2008, p. 84). Nessa linha de abordagem, procurou-se pontuar algumas questões articuladas às práticas religiosas e como elas configuram bens imateriais para os ivatubenses. Para lidar com essa temática, recorreu-se aos autores cujas publicações abordam a problemática da preservação dos bens naturais e culturais (materiais e imateriais).

No Brasil, os debates sobre o papel das expressões populares na formação da identidade cultural são bastante complexos. Sant’Anna (2003) chama a atenção para o fato de que esta preocupação já era preponderante no projeto de lei elaborado por Mário de Andrade,

³ Ourizona está localizada na região Norte do Paraná, a 371 km da capital Curitiba.

⁴ Floresta é um município localizado na região Norte do Paraná, a 463 km da capital Curitiba.

⁵ Doutor Camargo é um município localizado na região Norte do Paraná, a 363 km da capital Curitiba. Disponível em: <www.doutorcamargo.pr.gov.br>. Acesso em: 15 jun. 2011.

⁶ Revista 40 anos de Paróquia Nossa Senhora do Rocio. Ivatuba, 2000. p. 4.

em 1936. Este formulou oito categorias referentes ao que ele entendia como “obra de arte patrimonial”, entre elas destacou manifestações populares como os cruzeiros, os jardins, as músicas, os contos, as superstições e as danças. Em um primeiro momento, o projeto de Andrade não foi absorvido como deveria, no entanto, influenciaria a política preservacionista sugerida por Aloísio Magalhães na década de 1970.

No entanto, a primeira importante política sobre o patrimônio cultural e artístico no Brasil remete à criação de uma agência federal de proteção ao patrimônio em 1936 (GONÇALVES, 2003). Durante o Estado Novo, o ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, convidou o mineiro, Rodrigo Melo Franco de Andrade, para presidir o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

O discurso de Melo e Franco caracterizou-se, fundamentalmente, por uma busca da “brasilidade” e de uma “essência”, ou simplesmente “identidade da nação brasileira” (GONÇALVES, 2003, p. 40) e mostrava-se preocupado com a evasão de parte do patrimônio brasileiro, levados para outros locais fora do Brasil como, por exemplo, relíquias históricas e obras de arte. Para ele, esse processo de perda da “tradição” do Brasil era danoso, pois este deveria resguardar uma cultura genuinamente brasileira. Durante sua gestão foram tombadas várias obras arquitetônicas de características barrocas, principalmente as religiosas, grande parte delas, situadas em Ouro Preto, Minas Gerais.

Entende-se que as mais importantes políticas de salvaguarda são concebidas em meados dos anos de 1970, por Aloísio Magalhães, porque ele deu início a uma nova forma de conceber os bens patrimoniais no país. Sua forma de percebê-los aproximava-se da compreensão antropológica de cultura, cuja concepção ampliou a visão que se tinha dos bens culturais, não os restringindo às elites, tampouco a sua materialidade. A arte e a arquitetura vernácula, o artesanato, as celebrações religiosas, manifestações étnicas, esportes e festas populares também passaram a ser reconhecidas (GONÇALVES, 2003).

Gonçalves afirma que Aloísio Magalhães substituiu a noção de “Patrimônio Histórico e Artístico” de Rodrigo Melo Franco de Andrade por uma noção mais ampla de “bens culturais”, influenciado pelo anteprojeto de Mário de Andrade, enfatizando a diversidade da sociedade brasileira.

Para entendermos a importância da concepção antropológica de cultura na construção dessa noção de patrimônio, é interessante observar o que diz Gonçalves (2003, p. 29):

A originalidade da contribuição dos antropólogos à construção e ao entendimento da categoria de patrimônio reside, talvez, na ambigüidade da

noção antropológica de cultura, permanentemente expostas às mais diversas concepções nativas. Explorando essa direção de pensamento, é a própria categoria de patrimônio que vem a ser pensada etnograficamente, tomando-se como referência o ponto de vista do outro.

Do ponto de vista de Gonçalves (2003), o que fundamentava o discurso de Aloísio Magalhães era a preocupação como o perigo da “homogeneização cultural”, considerada fruto do processo universal de integração e pelo avanço tecnológico, podendo acarretar danos à identidade da nação. Desse modo, a alternativa para que o Brasil não perdesse sua identidade partia da singularidade de sua cultura e da valorização da pluralidade cultural, étnica e religiosa.

Sant'Anna (2003) declara que o principal legado deste período foi a admissão na Constituição Federal de 1988 de um conceito de patrimônio que abarcava os bens de natureza material e imaterial, entre os quais se incluem as festas religiosas. Na mesma linha de argumentação, Pelegrini e Funari (2008) asseveram que na década de 1990 os debates centraram-se na discussão do conceito de patrimônio intangível e propuseram o desenvolvimento de estudos para a criação de ferramentas legais como, por exemplo, o registro – um dos recursos capitais para a preservação dos bens imateriais⁷.

A partir desse momento, linguagens, festas, música, saberes, técnicas, entre outras práticas populares, incluindo-se aqui as celebrações religiosas, passaram a pertencer à categoria de patrimônio, devendo assim ser preservado. Essa noção de patrimônio, segundo Pelegrini e Funari (2008), pautava-se por uma acepção que se opunha ao conceito iluminista de cultura relacionado à erudição e à civilidade. Embora essa ampliação conceitual seja perceptível na esfera política e legislativa, a autora chama a atenção para o fato de que as primeiras festas religiosas reconhecidas como bens imateriais brasileiros nos primeiros anos do século XX se restringiram aos cultos de tradições católicas.

A festa de Nossa Senhora das Águas, também vinculada aos referenciais católicos, tende a embasar os sentimentos que norteiam a convivência humana com acontecimentos de origem inexplicável. Tida como expressão do sobrenatural, sua origem é admitida na dualidade do sacro com o extraordinário. Essa ambiguidade forneceu os subsídios necessários para a consolidação de um conjunto de representações dos fiéis materializados na crença e no discurso do clero ivatubense.

⁷ Tais diretrizes expressas na Carta de Fortaleza ofereceram as bases que fundamentariam o Decreto nº 3.551 (agosto de 2000) que, entre outros aspectos, considerava o Patrimônio Intangível, o Patrimônio Natural e o Patrimônio Genético, fundamentais para a conservação da identidade e memória brasileira

Na crença à Virgem do rio Ivaí, a água é considerada um elemento instituidor, pois a gênese do próprio mito se fundamenta no acesso ao bem potável. Mircea Eliade (2001, p. 126), ao relativizar as reações humanas com fenômenos da natureza, expõe:

A experiência de uma natureza radicalmente dessacralizada é uma descoberta recente, acessível apenas a uma minoria das sociedades modernas, sobretudo aos homens de ciência. Para o resto das pessoas, a natureza apresenta ainda um ‘encanto’, um ‘mistério’, uma ‘majestade’, onde se podem decifrar os traços dos antigos valores religiosos. Não há homem moderno, seja qual for o grau de sua irreligiosidade, que não seja sensível aos ‘encantos’ da natureza. ‘Não se trata unicamente dos valores estéticos, desportivos ou higiênicos concedidos à natureza, mas também de um sentimento confuso e difícil de definir, no qual ainda se reconhece a recordação de uma experiência religiosa degradada’.

Para Eliade (2001), a relação do homem com os elementos da natureza é compreendida por meio da diversidade de significados articulados ao desconhecido e ao mesmo tempo por remeter a experiências religiosas já aviltadas. Dessa forma, para o desenvolvimento desta pesquisa, foram estabelecidos os seguintes objetivos:

1. apreensão do significado da celebração em louvor a Nossa Senhora das Águas em Ivatuba- PR;
2. compreensão dos anseios e temores da comunidade católica de Ivatuba, emblemáticos a partir da relação estabelecida com a Virgem do Ivaí;
3. análise da representatividade religiosa e identitária da santa para essa população.
4. interpretação iconográfica da imagem da virgem e suas interfaces com as construções de Nossa Senhora no catolicismo.

Para tanto, se faz necessário estudar as etapas constitutivas dessa celebração, observando-se as permanências e descontinuidades presentes em cada uma delas, além de sondar se essa prática cultural tem sido reconhecida como um patrimônio imaterial local.

O recorte cronológico dessa pesquisa abrange o período de 1997 a 2008. A escolha dessa temporalidade se justifica porque em 1997 teria ocorrido o primeiro milagre da Santa no condomínio Pontal do Ivaí. A outra baliza é 2008 e diz respeito aos conflitos entre o pároco local e os organizadores da festa que impuseram mudanças significativas nas formas e nas dimensões da celebração.

No decorrer dessa investigação, valiosos documentos foram levantados por meio de indicativos sugeridos nas entrevistas e depoimentos, discursos textuais (a Revista Ivatuba Progresso Constante, 1985), fotografias e audiovisuais.

Os aportes metodológicos dessa pesquisa se concentraram nos campos da Micro-História e da História oral. Vale lembrar que a Micro-História remetia a proposição historiográfica elaborada por um grupo de historiadores italianos no final da década de 1970, como Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, que demonstraram certo descontentamento com a história estrutural e quantitativa. Nesse sentido, propuseram uma mudança de escala para a análise histórica. Entretanto, alterar a escala de observação não significa representar uma realidade constante em tamanho maior ou menor e, sim, transformar o conteúdo da representação.

Os historiadores que se dedicaram a Micro-História estavam convictos de que as vidas de diversas pessoas também faziam parte da história, e por meio dela seria possível reconstruir determinados contextos a partir das vivências dos indivíduos.

Para aprender as manifestações de fé em Nossa Senhora das Águas, também se buscou os recursos da História Oral, visto que esta metodologia oferece subsídios para compreensão dos fenômenos místicos representados nas práticas dos ivatubenses.

Para Verena Alberti (2005), a História Oral é uma metodologia de pesquisa muito utilizada principalmente para o estudo da História Contemporânea, originada em meados do século XX, logo após a invenção do gravador à fita. A sua estrutura metodológica consiste na realização de entrevistas, gravadas ou não, com sujeitos que testemunharam acontecimentos do passado ou presente⁸.

Outros autores que contribuíram para o desvendamento da problemática desta pesquisa foram Ecléa Bosi e Alessandro Portelli. Bosi (2003) salienta que o que poderia ser percebido como um problema deste método, como a falta de confiabilidade entre pesquisador e entrevistado, acabou se transformando em um importante recurso, uma vez que o próprio entrevistador, no ato de produção da narrativa histórica, não deixa de produzir uma versão do que entendeu ter acontecido. Mesmo quando o historiador tem a certeza de que o entrevistado esteja mentido conscientemente, cabe a ele tentar entender as razões da "mentira", ou seja, quais os motivos que estão levando a pessoa a mentir.

Alessandro Portelli (2004) alerta: nenhuma história narrada é “contada de forma idêntica e única”, ela está relacionada ao momento vivenciado pelo narrador, portanto,

⁸ Os primeiros estudos de História Oral surgiram em 1910 com os pesquisadores poloneses William Tomas e Florian Znaniecki, estes dois publicaram histórias de vida de imigrantes poloneses na obra *The Polish Peasant in Europa in América*. Alberti, aponta esta iniciativa como uma das precursoras dessa metodologia, porém deve se considerar o ano de 1948 como o seu marco inicial, foi neste período que o gravador à fita foi inventado e constituiu-se o Columbia University Oral History Research Office, um programa de História Oral que tinha como finalidade colher matérias e entrevistas das principais personalidades norte-americanas para o uso futuro.

interfere na sua interpretação dos acontecimentos e destaca a importância de se preservar a herança cultural das sociedades sem escrita quando esta se torna acessível.

Ciente dos limites e possibilidades da utilização desse método, reúne-se nesta pesquisa uma série de 16 entrevistas efetuadas no período de 2009 a 2011, subdivididas em três grupos: autoridades municipais; membros do clero da Paróquia Nossa Senhora do Rocio e do Sagrado Coração de Jesus e os fiéis que depositam suas esperanças nas dádivas da Rainha do Ivaí.

O primeiro conjunto é composto pelos indivíduos que, de forma direta ou indireta, atuaram na organização da festa, entre eles destacamos o Sr. Vanderlei Santini, prefeito de Ivatuba, o Sr. Anísio Furlan, engenheiro civil e síndico do condomínio Pontal do Ivaí, a Sr^a. Claudete Ghelere, professora e Secretária da Cultura entre os anos de 2005-2008 e a Sr^a. Rosilda Duminelli, Administradora e Secretária do Turismo entre o período de 2005-2008..

O segundo grupo é contemplado por parte do clero, ou seja, os párocos que organizaram as celebrações em torno da Santa das Águas. Nessa ordem destacamos os Padres Jair Favoretto, responsável pela paróquia Sagrado Coração de Jesus e Francisco Gecivan e Edmilson Gonçalves, pela paróquia Nossa Senhora do Rocio.

Os romeiros e devotos da Virgem constituem o terceiro grupo de depoimentos, que de forma intrínseca apresentam percepções dualísticas dos sentidos do sagrado e do profano. Neste conjunto foram privilegiados depoimentos de fiéis que acompanharam a gênese da festa e também daqueles que outrora teriam recebido graças ou milagres da Santa.

Além das fontes orais, recorreram-se também às fontes imagéticas como fotografias e audiovisuais pertencentes ao acervo da comunidade ivatubense. Entre as 142 fotos, foram selecionadas 41, pois elas apresentam elementos significativos para a compreensão dos rituais em tributo à Nossa Senhora das Águas. Elas contêm várias etapas da festa flagradas por diferentes ângulos e enfoques como, por exemplo, a procissão fluvial, a recepção da comunidade, momentos de reflexão, entre outros.

Os vídeos com 06h de gravação permitiram o acesso ao teor dos discursos de autoridades políticas locais e as homilias dos párocos Jair Favoretto, Francisco Gecivan e do arcebispo Dom Jaime.

O trato destas fontes e da imagem de Nossa Senhora das Águas exigiu uma abordagem específica embasada nas proposições de Peter Burke (2004), segundo o qual, a fotografia deve servir como instrumento para suscitar novas questões. Ela jamais deve ser usada como ilustrações de acontecimentos.

O pesquisador afirma que embora essa metodologia tenha se difundido nos meios acadêmicos, a partir das décadas finais do século XX, há estudos que evidenciam o seu uso no final do século XIX.

O historiador, ao analisar uma fotografia, deve pesquisar as motivações do fotógrafo, as suas relações sociais e culturais, com qual finalidade e para quem a foto foi produzida. Sobre os cuidados que o historiador deve tomar ao utilizar a imagética como fonte de pesquisa histórica, Martine Joly (1994) afirma que o uso dessas pode acarretar num paradoxo curioso:

Por um lado, temos as imagens de um que nos parece perfeitamente natural, [...] aparentemente não exige qualquer aprendizagem, e por outro temos a sensação de ser influenciados, de modo mais inconsciente do que consciente, pela perícia de alguns iniciados que nos podem manipular submergindo-se da nossa ingenuidade (JOLY, 1994, p. 10).

Em outras palavras, algumas imagens apresentam-se de maneira “tão natural” que podem gerar dois tipos de sensações: a de que não haveria nenhuma intencionalidade por parte de quem a produziu e a de que a “ingenuidade do observador” poderia impedi-lo de detectar mensagens não explicitadas.

Essa advertência de Joly (1994) é válida também para outras fontes que reúnem textos e imagens como é o caso de matérias jornalísticas e folders. A abordagem de tais fontes recorreu-se também à análise do discurso. Tânia Regina de Luca (2005) aponta alguns passos primordiais para aqueles que propõem o estudo de arquivos periódicos. Para a historiadora, é essencial observar a materialidade do impresso, compreendendo que a grande variação no seu visual é uma consequência da relação de troca entre métodos de impressão disponíveis em um determinado instante e o lugar social tomado pelas publicações.

Espera-se que o presente estudo possa contribuir para apreensão das crenças e da história dos ivatubenses.

A importância da pesquisa justifica-se não somente pela ausência de produção historiográfica referente à cidade. Houve apenas dois trabalhos de caráter memorialista que contribuíram para a preservação de certos aspectos das memórias de diversos segmentos sociais. No entanto, a proposta deste trabalho não foi realizar um estudo do município, mas a compreensão da festa em louvor à Nossa Senhora das Águas como um bem cultural, fértil na construção do mundo social dos ivatubenses.

Os resultados dessa pesquisa são apresentados em três capítulos: o primeiro capítulo apresenta um breve histórico da cidade de Ivatuba, através de uma análise ponderada dos vários discursos produzidos naquele contexto, como se originou o processo de criação da festa

de Nossa Senhora das Águas. Para tanto, foi preciso explicar a origem dos primeiros migrantes e imigrantes que se instalaram na região no final da década de 1950, de modo a compreender as bases da tradição católica da cidade. Nesta parte se analisaram fontes impressas, como a revista Ivatuba Progresso Constante e depoimentos dos moradores da região. Nesse sentido, abordou-se inclusive a emergência do condomínio Pontal do Ivaí, cenário das reapresentações coletivas e individuais da crença na “Rainha das Águas”.

Na unidade subsequente, a principal preocupação foi caracterizar o culto à Nossa Senhora das Águas, buscando registrar a trajetória da sacralização institucionalizada pelo arcebispo Dom Jaime Coelho, no ano de 2003. A partir das fontes audiovisuais e fotográficas, o capítulo prossegue destacando o primeiro milagre da Virgem, a confecção da Imagem da Rainha, a primeira celebração e os embates políticos em torno da sua organização.

No terceiro capítulo são observados os elementos do ritual sagrado estabelecido pelo clero e presente no momento festivo. A procissão é tomada como um dos momentos em que os romeiros entram em contato de forma institucionalizada com o sagrado. A percepção crítica do espaço de devoção, os embates entre as autoridades clericais locais e algumas transformações na composição da festa mereceram destaque.

1 A CIDADE DE IVATUBA-PR

Eu sempre trabalhei na Igreja, como estudei prá freira dois anos. Era eu que acabava ficando responsável pela Igreja, pois o padre vinha uma vez por semana... Teve um dia que ele jogou uma praga na cidade, dizendo que ela nunca iria crescer prá frente, só prá trás, o povo na hora ficou muito assustado e notícia correu a cidade – Maria Presa⁹.

O depoimento da Sr^a. Maria Presa pode ser um exemplo de como as histórias fantásticas germinaram por décadas no imaginário da população do município de Ivatuba. Alçada a condição de “maldição”, as palavras proferidas pelo padre Pedro Jarussi, no início dos anos 1960 do século XX, se transformaram em uma lendária “previsão” no imaginário ivatubense, em que apenas um lado da cidade se desenvolveria.

A migrante, nascida em Nova Veneza e radicada no município de Ivatuba, em 1949, revela que tal “presságio” deve-se ao fato de, naquele momento, existir uma disputa eleitoral para Prefeito no município rivalizadas entre paulistas e catarinenses. Pe. Pedro Jarussi, favorável ao candidato paulista, proferiu que a parte Sul da cidade nunca iria se desenvolver, região que morava a maioria dos migrantes catarinenses.

A crença nessa premunição está intrinsecamente relacionada à construção do condomínio Pontal do Ivaí, além de outros elementos que ofereceram um pseudoembasamento ao mundo mítico que envolve o objeto de estudo dessa pesquisa: a festa de Nossa Senhora das Águas.

Assim, para compreendermos os fundamentos do catolicismo popular na região, tornou-se necessário conhecer os segmentos sociais que migraram para o local durante a década de 1950, onde construíram um conjunto de representações alicerçadas no medo do desconhecido e no temor a Deus, posteriormente sintetizado nos poderes da Virgem do Ivaí.

Nessa direção, tomaram-se os conceitos de “frente pioneira”, de modo a compreender o que teria motivado os trabalhadores agrícolas oriundos dos Estados de São Paulo e Santa Catarina a se deslocarem, desde o princípio da década de 1950 até o final da de 1970, para a região de Ivatuba. Assim, julga-se importante analisar como essa frente teria se desenvolvido e como foi explicada pela literatura que trata o tema.

⁹ Entrevista realizada na cidade de Ivatuba, no dia 25 de julho de 2010, com 2h e 15 min. de duração.

1.1 Fronteiras de Expansão e o Norte do Paraná

Para o sociólogo José de Souza Martins (1997), os pesquisadores das fronteiras no Brasil, ao analisarem a produção que se ocupa do tema, se deparam com duas possíveis noções pertinentes ao estudo: a elaborada pelos antropólogos e outra pelos geógrafos. Desde a década de 1940, os geógrafos se referem a essa realidade como “frente pioneira”, já os antropólogos a denominam como “frente de expansão”. Na percepção deste autor, determinados elementos negligenciados pelos geógrafos poderiam ser contemplados tanto na abordagem da “frente pioneira”, quanto na “frente de expansão”, duas formas diferentes de compreender a fronteira.

Do seu ponto de vista:

Portanto, o que temos, nas duas definições, são antes de tudo *modos de ver* a fronteira, diferentes entre si porque são diferentes nos dois casos, os lugares sociais a partir dos quais a realidade é observada: o do chamado pioneiro empreendedor e o do antropólogo preocupado com o impacto da expansão branca sobre as populações indígenas. Esse antropólogo não vê a frente de expansão como sendo apenas o deslocamento de agricultores empreendedores, comerciantes, cidades, instituições políticas e jurídicas. Ele inclui nessa definição também as populações pobres, rotineiras, não indígenas ou mestiças, como os garimpeiros, os vaqueiros, os seringueiros, castanheiros, pequenos agricultores que praticam uma agricultura de roça antiquada e no limite do mercado (MARTINS, 1997, p. 152-153).

Martins (1997) ressalta que estes grupos não foram abordados pelos geógrafos, pois esses pesquisadores inscreveram suas análises principalmente no contexto em que foi propagada no Brasil a expressão “frente pioneira”. Naquele momento, na primeira metade do século XX, o foco das interpretações centrava-se no reconhecimento das transformações drásticas nas paisagens causadas pela ação do homem. Em tais narrativas, era destacada a construção das cidades, das ferrovias e a disseminação da agricultura comercial em maior escala, na qual se inclui a produção do café e do algodão (MARTINS, 1997).

O sociólogo afirma que ambas as noções não podem ser consideradas conceitos, mas designações, pois na realidade trata-se de dois modos distintos de como determinados grupos se movem, se expandem e se desenvolvem em uma dada localidade. Assim, a noção de “frente pioneira” deixa subentendida a ideia de que, por meio da fronteira, se origina o novo (MARTINS, 1997).

Ela é modernizante, propaga o progresso que civiliza e urbaniza o espaço. A concepção de “frente pioneira” compreende implicitamente a ideia de que na fronteira se cria o novo, nova sociabilidade, fundada no mercado e na contratualidade das relações sociais. No fundo, a “frente pioneira” é mais do que o deslocamento da população sobre territórios novos, mais do que suponham os que empregaram essa concepção no Brasil, é também a situação espacial e social que convida ou induz à modernização, à formulação de novas concepções de vida, à mudança social. Ela constitui o ambiente oposto ao das regiões antigas, esvaziadas de população.

Na concepção de Martins (1997), a diferença nos modos de compreensão das distintas frentes de ocupação se deve à temporalidade e ao espaço distintos, nos quais determinados fenômenos foram observados. Estes lugares sociais correspondem à própria existência da fronteira.

O desencontro de perspectivas é, nesse caso, essencialmente expressão da “contraditória diversidade da fronteira”, mais do que um produto de diversos pontos de vista. Diversidade que é, sobretudo, heterogeneidade de relações sociais marcadas por tempos históricos diversos e, ao mesmo tempo, contemporâneos (MARTINS, 1997).

Ainda sobre os distintos sentidos de “frente pioneira” e “frente de expansão”, o sociólogo ressalta:

A diferença inicial que os dois pontos de vista sugeriam era de que quando os geógrafos falavam da frente pioneira estavam falando de uma das faces da reprodução ampliada do capital: a sua reprodução extensiva e territorial, essencialmente mediante a conversão da terra em mercadoria e, portanto, em renda capitalizada, como indicava a proliferação de companhias de terras e negócios imobiliários nas áreas de fronteira em que a expansão assume essa forma. Nesse sentido estavam falando de uma das dimensões da reprodução capitalista do capital. Quando os antropólogos falavam originalmente da frente de expansão, estavam falando de uma forma de expansão do capital que não pode ser qualificada como caracteristicamente capitalista (MARTINS, 1997, p. 156).

Nestes termos, entende-se que no decorrer do século XX, o estudo da “frente de expansão” passa a ser paulatinamente dedicado aos aspectos econômicos, compreendidos como avanços do capitalismo, por exemplo, como aconteceu na região da Amazônia. No entanto, para Martins (1997), a frente de expansão não pode ser considerada uma frente essencialmente capitalista.

Essa expansão é extensão de uma rede de trocas e de comércio, em que quase sempre o dinheiro está ausente, sendo mera referência nominal arbitrada por quem tem o poder

pessoal e o controle de recursos materiais na sua relação, com os que exploram índios ou camponeses. O mercado opera através dos comerciantes dos povoados, com critérios monopolísticos, mediados quase sempre por violentas relações de dominação pessoal, tanto na comercialização de produtos, quanto nas relações de trabalho, característica da personagem ou da escravidão por dívida. Portanto, muito longe do que Marx quanto Weber poderiam definir como capitalista (MARTINS, 1997).

O autor salienta que o viés econômico acarreta o empobrecimento da análise de determinados fatos históricos, pois algumas conjunturas se tornam incompreensíveis se forem observadas apenas sob esta ótica. Martins (1997) elucida esta questão apresentando uma série de argumentos que não permitem considerar a “frente de expansão” como frente capitalista. Este é o caso dos geógrafos ao abordarem a “frente pioneira” relacionando-a a uma fronteira econômica, enquanto os antropólogos quando falam sobre a “frente de expansão” se dirigem a uma fronteira demográfica.

De acordo com o sociólogo Artur Hehl Neiva, Martins (1997) considera importante diferenciar no interior das fronteiras políticas do país a fronteira demográfica e a econômica, pois a margem desta expansão se dá a partir de uma efetiva linha de ocupação econômica. Por meio desta argumentação, Martins (1997) aponta uma diferença substancial que abrange as duas fronteiras, e torna possível situar tanto a “frente pioneira” quanto a “frente de expansão” no processo de desenvolvimento de um dado território: a de que entre as duas fronteiras existe uma faixa ocupada pelos denominados agentes da “civilização”, que não são por ora os sujeitos típicos produzidos pela produção capitalista.

Neste quadro, observa-se que avante da fronteira demográfica estão situados os povos indígenas, sobre os quais a “frente de expansão” avança regularmente através da presença do europeu. Esta mesma frente está posicionada entre a fronteira demográfica e a fronteira econômica. Já a “frente pioneira”, se situa após a linha da fronteira econômica e é dominada pelos agentes da civilização, do pensamento inovador, do trabalhador que vislumbra o progresso, o “moderno”, enfim, o próspero. O autor adverte que cada uma dessas realidades pertence a um determinado tempo histórico e é fundamental compreendê-los dentro do seu contexto.

No presente momento, atenta-se à discussão sobre a “frente pioneira” e a “frente de expansão”, expondo os principais pontos em que ambas se diferem. Esta reflexão se torna necessária, pois, conforme aponta o sociólogo, se as duas frentes forem compreendidas na sua unidade incorporando o tempo histórico de cada grupo social analisado na fronteira, se torna um instrumento importante para desmistificar elementos até então não compreendidos.

Segundo o antropólogo Otavio Guilherme Velho (1981), na obra “Frentes de expansão e estruturas Agrárias” dentre as mais significativas frentes de expansão no cenário brasileiro podem-se destacar as cidades de Chapada, Poxoréu e Campo Grande no Mato Grosso; o Norte e Oeste do Paraná; os municípios de Rio Verde, Alto Tocantins e Mato Grosso de Goiás; o extremo Sul da Bahia; as cidades de Andradina e Pereira Barreto em São Paulo; o Norte do Espírito Santo e, por último, a Baixada do rio Guando no Estado do Rio de Janeiro (VELHO, 1981).

Associada à frente de expansão, considera-se a existência de outros fenômenos pertencentes ao mesmo movimento, como a “frente pecuarista”, a “frente pastoril” e a “frente agrícola”.

Partindo desta discussão, busca-se abordar, rapidamente, o debate sobre as “frentes de expansão”, exemplificando determinados acontecimentos históricos analisados sobre esta ótica. Por isso, chama-se a atenção para a importância de dois aspectos: o primeiro, ao elucidar os estudos deste âmbito na produção brasileira e, o segundo, na compreensão da importância do movimento de “frente pioneira” na região de Ivatuba-PR na metade do século XX.

Pode-se considerar que a fundação da cidade de Ivatuba está vinculada ao processo de reocupação do Norte do Paraná. O norte-paranaense, conforme já apontam consistentes pesquisas sobre o tema, era local de ocupação humana há muito tempo. Para o historiador Lucio Tadeu Mota (2005), o lugar era habitado por populações indígenas há cerca de 8 mil anos, podendo mesmo chegar a 13 mil anos.

O conjunto de pesquisas realizadas no Sul do Brasil revela três horizontes desta ocupação. Entre 8.000 e 2.000 mil anos atrás, a região foi ocupada por populações de caçadores-coletores, cujos vestígios arqueológicos predominantes são artefatos e resíduos de lascamento lítico, com padrões tecnológicos denominados como Tradição Umbu e Tradição Humaitá.

Segundo Noelli e Mota (1999), cerca de 2.500 anos Antes do Presente, agrupamentos maiores de 300 pessoas ocuparam as áreas das atuais bacias dos rios Paraná, Ivaí, Paranapanema, Pirapó, Tibagi e seus afluentes. Segundo consta na literatura arqueológica regional, esta foi uma das frentes da ampla expansão dos povos falantes da língua Guaraní, que vinham ocupando sistematicamente o território do atual Mato Grosso do Sul e dos canais dos rios Paraguai e Paraná, a partir da bacia dos rios Madeira e Guaporé, em Rondônia. Esses agrupamentos possuíam uma matriz cultural em comum que assegurava a reprodução e a

manutenção de uma estrutura similar em termos linguísticos, socioeconômicos, políticos, religiosos e materiais.

A partir do ano de 1500, as populações europeias começaram a chegar à região já habitada por grupos étnicos de língua guarani. Em 1520, há notícias sobre a primeira expedição europeia que, ao cruzar o interior do atual Estado do Paraná, chegou aos atuais Paraguai e Peru. Em meados do século XVI, os espanhóis fundaram as primeiras cidades nos territórios desses grupos étnicos, localizados a Leste do rio Paraná. Eles fundaram a cidade Ciudad Real del Guairá em 1557, na foz do rio Piquiri, hoje município de Terra Roxa, e a cidade Villa Rica del Spiritu Santo em 1575, junto à foz do rio Corumbataí, hoje atual município de Fênix, Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo, a alguns quilômetros abaixo da foz do rio Keller no Ivaí.

Segundo Noelli e Mota (1999), em 1588, os padres Manuel Ortega, Juan Saloni e Thomas Fields percorreram a região do Guairá com o objetivo de conhecer o potencial humano para futuros trabalhos missionários, a exemplo do que já ocorria desde 1549 na costa do Brasil. Tais homens do clero informaram aos seus superiores sobre a existência de milhares de índios pertencentes a grupos étnicos de língua guarani na região, bem como reconheceram uma série de peculiaridades culturais, sociais e políticas que seriam úteis alguns anos depois. Era o início das atividades religiosas no Guairá, onde os conquistadores passaram a veicular os elementos básicos da sua cultura através dos padres jesuítas.

Os padres da Companhia de Jesus fundaram 16 Reduções nos vales dos rios Paraná, Iguaçu, Piquiri, Ivaí, Paranapanema e Tibagi, mas todas foram destruídas pelas invasões dos bandeirantes paulistas no final da terceira década do século XVII. Extinguidas as Reduções no Guairá, as populações indígenas se dispersam; parte foi para o Sul junto com os padres fundar os 30 povos das missões no rio Paraná, Paraguai e Uruguai, e outra parte voltou a reocupar os seus antigos territórios.

Conforme apontam estes mesmos estudos, é importante dizer que não há uma continuidade étnica e cultural entre os ivatubenses e as populações pré-históricas e indígenas que viveram onde atualmente se encontram os limites do rio Ivaí. Para “existir o Norte do Paraná, foi necessário expulsar, destruir e confinar as populações indígenas que viviam nessas regiões” (NOELLI; MOTA, 1999, p. 6).

No período pós 1930, essa região passou por um processo de parcelamento, comercialização e ocupação do solo de modo mais ofensivo, a denominada ocupação capitalista. A partir desta década, houve a atuação de companhias de colonização, entre elas a

Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), que viria a se tornar a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), em meados de 1940.

Por meio da atuação desta empresa loteadora grande parte de sua área foi sendo reocupada com a plantação de extensos cafezais, que substituíram a mata, e a implantação de ferrovias, rodovias e fundação de cidades (TOMAZI, 1997).

1.2 A Frente Pioneira: memórias ocultas e imagens consolidadas na região de Ivatuba

Antes de adentrar-se na discussão sobre a “frente pioneira” na região de Ivatuba, tornam-se necessárias algumas reflexões sobre o documento “Ivatuba Progresso Constante”, escrito e editado pelo jornalista londrinense Antonio Padilha, com o intento de registrar alguns discursos da época. A compreensão dessas “falas” auxilia identificar a base da formação da comunidade católica, os agentes e os elementos cruciais na construção do imaginário popular na região.

De pronto, detecta-se que este material não se constitui em um objeto único e isolado, esse “conteúdo em si não pode ser dissociado de lugar ocupado pela publicação na história, sendo essa a tarefa primeira e passo essencial das pesquisas com fontes periódicas” (LUCA, 2005, p. 39). Portanto, entende-se que as representações envolvidas nessa publicação remetem a um período histórico, no qual as explicações para a existência de uma “cidade moderna” vinculavam-se ao ideário de uma paisagem em transformação, onde a mata cede lugar rapidamente à civilização.

Publicado no ano de 1985, a pedido do prefeito Adolfo Semprebom, as narrativas sobre a origem dos primeiros migrantes e das famílias mais “tradicionais” da cidade teria sido realizado por encomenda, financiado e promovido pelas mesmas famílias contempladas em suas páginas.

Dois aspectos chamam a atenção do leitor: por um lado, o fato de que esta revista omitiu qualquer tipo de referência à presença indígena naquela região, onde recentemente foram encontrados artefatos de sua cultura material em meio às plantações. E, por outro, a rápida devastação da cobertura vegetal. Evidente que na época da reocupação dessa área pouco se discutia sobre a necessidade de preservação do meio ambiente no Paraná e quando essa revista foi publicada, em 1985, tal preocupação começava a ganhar grande força.

A publicação referida possui um total de 47 páginas e logo na sua segunda página, no item: “Dados Gerais do Município”, são informados, respectivamente, a existência de 2.838 habitantes e 3.023¹⁰ eleitores, bem como a extensão territorial da cidade equivalente a 93.599 km². E, ainda são mencionados nestas páginas dados sobre o clima quente e seco predominante na região, a data de fundação (1949), formação do distrito e emancipação. Uma ênfase singular é oferecida à excelente qualidade do solo, denominado “latos solo roxo distrófico”.

Na análise desse documento, detecta-se que a revista exhibe capa colorida, em que repousa o brasão da cidade junto com três palavras: história, pioneiros e atualidades. Tais designações também marcaram o teor do conteúdo e o enfoque da publicação e como nota-se na imagem a seguir, o slogan da administração municipal é associado à proeminência do “Trabalho e União - Administração Adolfo Semprebom”. Em seu canto esquerdo, o símbolo da distribuidora de combustível Shell e, no direito, um desenho de um aperto de mão, em uma clara alusão à imagem que aquela administração desejava reforçar.



Imagem 1 – Capa da revista Ivatuba Progresso Constante.
Fonte: Acervo João Paulo P. Rodrigues.

¹⁰ Um dado curioso refere-se ao número de eleitores ser maior do que o de habitantes, conforme alguns depoimentos dos moradores, esse quadro era comum na época, pois muitas pessoas que se mudavam para outros centros mantinham seus títulos regularizados no município, essa seria uma maneira de manter os laços com a cidade natal e também de “ajudar” algum amigo ou colega que se candidatavam nas eleições para prefeito e vereador.

Os primeiros moradores e desbravadores da região são mencionados bem como o primeiro ponto comercial e os responsáveis pela “abertura da mata” na área onde hoje se situa o município de Ivatuba. Ao lado das citações, imagens ilustram o discurso do pioneirismo e o processo de ocupação desses migrantes. Neste momento de ocupação da região, tais habitantes eram tratados como verdadeiros heróis, uma vez que eram sempre—retratados durante seus afazeres e carregados de instrumentos para domesticar na mata¹¹, como enxada, pá e facão. Em uma análise prévia, percebemos a existência de dois componentes presentes nas imagens: os instrumentos de trabalho e a árvore figueira.



Imagem 2 – Fotografia retirada da Revista “Ivatuba Progresso Constante”, os primeiros migrantes da região. Fonte: Revista Ivatuba Progresso Constante (1985, p. 5).

O machado, a enxada e o facão são considerados símbolos do trabalho e remetem à exploração da “mata virgem” e da natureza selvagem. A figueira está relacionada tanto com a fertilidade do solo quanto com a força pelo seu tamanho, estrutura e opulência.

Na publicação, os primeiros moradores da região são apresentados como heróis desbravadores, sujeitos fundamentais para o povoamento e crescimento da cidade. Segundo Tomazi (1997) e Pelegrini (2005), esta denominação teve sua origem no início do processo de reocupação do espaço, onde originalmente viviam índios, quilombolas e caboclos, expulsos à força pelas empresas denominadas “colonizadoras”. Tais terras foram adquiridas a preços

¹¹ A pesquisadora Sandra C. A. Pelegrini discute o conceito de domesticação da natureza no capítulo “A paisagem urbana de Maringá expressa em distintas representações pictóricas da cidade”, publicado no livro **Narrativas da Pós-modernidade pesquisa histórica**, organizado por Sandra C. A. Pelegrini e Silvia Helena Zanirato; Editora da Universidade Estadual de Maringá – Eduem, 2005.

módcos por poucos indivíduos aos quais se atribuiu a força da “pujança regional”. Tomazi (1997) menciona o Sr. Álvaro L. Godoy como um dos responsáveis pela formulação desta denominação que foi disseminada durante as décadas de 1970 e 1980 nos estudos históricos:

Pioneiros são homens que vêm de frente, descobrindo e destruindo os obstáculos, e preparando o caminho para a implantação da civilização. A chegada do pioneiro nos sertões ínvios representa o início do progresso. O pioneiro vem para ficar quando se desloca, já traz a família e os haveres, quando os possui. Costumam também chamar de bandeirantes, porém, existe muita diferença. O bandeirante é Nômade, viajam só homens e quando se detém é porque encontraram algum obstáculo, e logo que transposto continuam a marcha, atrás de tesouros, ou seja, fortunas rápidas. O pioneiro vem à procura de terra fértil, encontrando-a, planta sabendo que seu destino será chumbado aquela gleba, que com o passar dos dias se transforma em lugar sagrado para ele e sua família. Quanto mais ele sofre na sua gleba, mais amor ele lhe dedica, chegando ao ponto de ter ciúmes de seu rebanho, de sua rocinha e até das caças que povoam sua terra, e não raro, só a morte o arranca da gleba por ele desbravada (ZORTEA, 1975, p. 52).

Nota-se, como a revista “Ivatuba Progresso Constante” e como o discurso, sobre a figura do “pioneiro” foi utilizado na publicação

SAUDOSO PRIMO FRANCISCO MAZZUCO- Natural de Urussanga-SC, filho de Mariano Mazzuco e **Teresa M. Mazzuco**. Chegou em 1948 e juntamente com Estevo Grasso formou a empresa colonizadora de Ivatuba. Deu o Maximo de si pelo desenvolvimento de Ivatuba, enfrentando o sertão bruto e a mata virgem. Permaneceu no município até 1964, quando transferiu sua residência para Maringá onde foi brilhante vereador. Faleceu em 1967 deixou viúva a Sr Iria Margotti Mazzuco e seis filhos. Ao fundador Primo. F. Mazzuco, uma justa homenagem – grifos nossos (PADILHA, 1985, p. 7, grifos do autor).

Para Tomazi (1997), a existência deste personagem como fantasmagórico idealizado chega ao ponto de silenciar todos aqueles funcionários da companhia que derrubaram e ergueram determinadas cidades. No caso de Ivatuba, apenas os fundadores da companhia Grasso e Mazzuco Ltda. são destaque no periódico, ocultando outros agentes do processo de ocupação. Mais do que isso, esse periódico reforçou entre a população residente e seus mais jovens descendentes a ideia de que a ocupação do Norte paraense se deu de forma ordeira, harmoniosa e sem conflitos. Além disso, a construção da memória da denominada “frente pioneira” mantém-se, ainda hoje, enraizada e constitui-se um dos argumentos de “orgulho” e de sentido de pertença. Difundidos por políticos e demais munícipes em publicações de natureza semelhante a “Ivatuba Progresso Constante”, reverenciadas nas efemérides cívicas e demais datas comemorativas.

Atentamos para o movimento de “frente pioneira” no município. Por volta de 1946, teve início a comercialização das primeiras terras, onde hoje está situada Ivatuba. Segundo Padilha (1985), antes do fim da primeira metade do século passado, Armando Shiamullera comprou da Companhia de Melhoramentos do Norte do Paraná uma parte do lote da “Gleba Caxias” e, em seguida, vendeu uma parte delas aos senhores Antonio Zanoni, Francisco Pareja e Luiz Semprebom. Em 1948, o catarinense Primo Francisco Mazzuco¹² e o italiano, radicado em Gravatal - SC, Estevão Grasso¹³ adquiriram uma faixa de terras da Companhia de Melhoramentos do Norte do Paraná e fundaram a Grasso e Mazzuco Ltda. No mesmo ano passaram a revender as primeiras propriedades rurais para as famílias vindas do Norte do Estado de Santa Catarina, ditando os rumos da ocupação da cidade. Na imagem a seguir podemos observar o escritório da referida companhia.



Imagem 3 – Prédio da companhia Grasso e Mazzuco Ltda.
Fonte: Acervo Família Camotti.

No canto esquerdo da fotografia podemos ver uma edificação de madeira que segundo a Sr^a. Amélia Camotti seria o prédio da Companhia Grasso e Mazzuco Ltda. Foi essa loteadora a responsável pela comercialização das terras ivatubenses, principalmente por parte da população catarinenses, conterrâneos de Grasso e Mazzuco.

¹² Na Revista “Ivatuba Progresso Constante” de Antônio Padilha. Mazzuco, nascido em Urussanga, Santa Catarina, é tratado como um “desbravador” da cidade, o autor menciona o catarinense como um dos principais “desbravadores” que enfrentaram o “sertão bruto” e a “mata virgem”.

¹³ Na mesma publicação, Grasso é mencionado como o principal fundador de Ivatuba, o periódico menciona os grandes feitos do italiano na região e destaca as doações de terrenos para a Igreja Católica e para os principais órgãos públicos.

As vendas tinham uma dinâmica em comum, os parentes e amigos daqueles que acabaram de comprar um lote visitavam a referida companhia e assim adquiriam novos terrenos. No entanto, o meio mais eficaz de atrair compradores para aquela região ainda concentrava-se no trabalho dos corretores de terras. A Grasso e Mazzuco possuía diversos deles espalhados, principalmente pelo Estado de São Paulo e Santa Catarina. Procuravam convencer alguns compradores por meio de fotografias e pelo embasamento no lema da “terra roxa”¹⁴.

Depoimentos orais de compradores atestam a importância dos corretores munidos de fotografias da localidade. Segundo a Sr^a. Maria Presa¹⁵, o corretor de terras Primo Francisco Mazzuco conseguiu realizar várias vendas no Estado de Santa Catarina, na década de 1950, por meio desse expediente.

Assim como a CTN P/CMNP, esta companhia menor utilizava a propaganda como chamariz, amparada em dois aspectos: o primeiro sobre a fertilidade do solo. A terra roxa, segundo a empresa, seria extremamente produtiva para o cultivo dos mais variados produtos. O segundo aspecto pode ser relacionado com a presença do rio Ivaí na região. Muitos migrantes se deslumbravam com a possibilidade de adquirir estas terras próximas ao rio, pois este auxiliaria na implantação das lavouras de cafés, cedendo água e principalmente, legitimando a fertilidade do solo.

O jornalista londrinense reforça que os primeiros moradores do núcleo urbano de Ivatuba, os catarinenses Santo Presa e Leonildo Coral, nascidos em Nova Veneza compraram um sítio de sete alqueires, destinados para o cultivo do café, em 19 de agosto de 1949. No mesmo ano, Francisco Zampronio, natural de Araranguá-SC, adquiriu uma pequena propriedade próxima ao sítio Água Paçandu.

Em 1950, migraram as primeiras famílias procedentes do Estado de São Paulo, entre as quais Padilha (1981) menciona os senhores Antonio Acetti, natural de Ituverava, José Dante nascido em Guairá-SP, Silvestre Dante, oriundo de São José do Rio Pardo-SP e Eduardo Rodrigues Garcia, proveniente de Ibarra-SP.

No decorrer da década de 1960, centenas de famílias naturais destes dois Estados e interessadas no cultivo da lavoura de café migraram para a região. Este movimento também

¹⁴ Conhecido popularmente como Terra Roxa, o Latossolo Roxo Distrófico, é um tipo de solo vermelho bastante fértil, caracterizado por ser o resultado de milhões de anos de decomposição de rochas basáltica. Essas rochas basálticas pertenciam à Formação Serra Geral e se originaram do maior derrame de vulcões que a Terra já presenciou. É caracterizado pela sua aparência vermelho-roxeada inconfundível, pela presença de minerais de ferro principalmente do grande percentual de óxido de ferro.

¹⁵ O nome terra roxa é dado a esse tipo de solo pelos imigrantes italianos que lavoravam nas fazendas de café. Esses povos denominavam o solo pelo nome terra rossa, já que rosso, em italiano, significa vermelho. Historicamente falando, esse solo teve muita importância, no Brasil, durante o fim do século XIX e o início do século XX. Neste período foram plantadas nestes domínios grandes lavouras de café, fazendo com que surgissem várias ferrovias e propiciando o crescimento e surgimento de cidades como Ribeirão Preto, Maringá e principalmente Ivatuba.

esteve presente durante a ocupação do Norte do Paraná, compreendendo, assim, uma “frente pioneira de expansão”.

Segundo Luz (1997), antes da ação da Companhia de Melhoramentos do Norte do Paraná, no início do século XX, a região já apresentava um relativo fluxo migratório, principalmente dos produtores de café do Estado de São Paulo.

Desde o início deste século, a procura de ‘terras roxas’, mais férteis e rentáveis, os programas de defesa do café, bem como o incentivo levado a efeito pelo governo estadual, provocaram uma notável expansão dos cafezais no Paraná. Além disso, a proibição do plantio em São Paulo e em outros estados e o declínio da produção dos cafezais nas regiões de lavouras mais antigas contribuíram para que muitos fazendeiros buscassem as terras paranaenses, próprias para o café e ainda não sujeitas às restrições ao seu plantio (LUZ, 1997, p. 14).

No entanto, após a atuação da Companhia de Melhoramentos do Norte do Paraná houve um progresso da “frente pioneira de expansão” na ocupação da região onde hoje está situada Ivatuba. Luz (1997) menciona como consequência deste processo um relativo aumento no número de fazendas de café do tipo tradicional paulista, além do crescimento da população no território paranaense.

Segundo Nadir Cancian (1977), após a segunda guerra mundial, a produção cafeeira sofreu algumas mudanças pelo aumento dos preços do café e o deslocamento do centro de produção de São Paulo para o Paraná, principalmente no Norte do Estado - Norte Novo em 1951, Norte Novíssimo em 1962 e em 1965 novamente o Norte Novo - onde se configurou como o maior centro dinâmico da atividade. Cabe ressaltar que a região de Ivatuba está situada no Norte Novo do Estado, conforme se observa na imagem a seguir.



Imagem 4 – Estado do Paraná, a divisão da região Norte.
Fonte: Luz (1997, p. 26).

Nas décadas de 1950 e 1960 predominaram no Norte do Estado o fluxo migratório, principalmente da região de São Paulo. Em Ivatuba, podemos constatar algumas disparidades quanto a este processo.

Ao analisar o periódico “Ivatuba Progresso Constante”, observamos que a grande maioria das famílias mencionadas na revista teve origem no Estado paulista e principalmente em Santa Catarina.

Esta nuance provavelmente deve-se ao fato dos fundadores da companhia Mazzuco e Grasso Ltda., serem de origem catarinense, favorecendo a venda de lotes da região para seus conterrâneos. Outro aspecto a considerar é que a maioria das famílias que migravam para região trazia consigo diversos outros grupos de mesmo parentesco. A exemplo disso podem-se destacar os senhores Santo Presa, em 1949, Olívio e Paulo Presa, no mesmo ano, e Olinto Presa em 1952, todos naturais de Nova Veneza-SC. Igualmente, os agricultores Fridolino Michelis, em 1952 e Hugo Evaristo Michelis, em 1955, oriundos de Criciúma, Santa Catarina.

Em 11 de julho de 1951, o povoado foi elevado a distrito de Maringá. Em 25 de julho de 1960, elevado a município e o Sr. Satoshi Murata, nomeado prefeito interino. Cabe ressaltar que essas frentes de expansão configuraram no âmbito político duas correntes rivais, protagonistas das três primeiras eleições em Ivatuba. No pleito de 1961, o candidato que representava os migrantes paulistas, o Sr. Vander Ribeiro venceu Augustinho Grasso, filho de Estevão Grasso, representante da comunidade catarinense.

Em 1965, na disputa da sucessão para o chefe do executivo, Daniel Sapata, a favor dos paulistas, venceu Silvestre Salvador representante dos catarinenses. No panfleto partidário a seguir se observa:

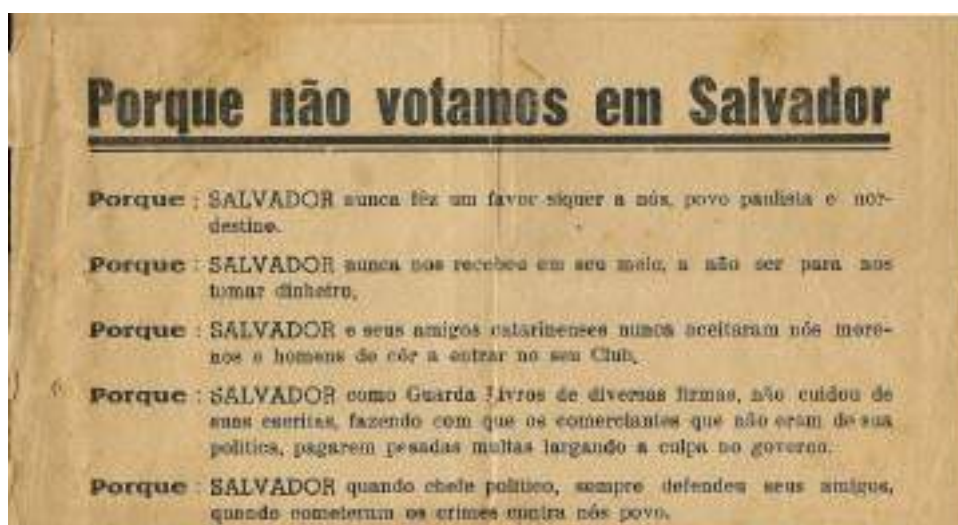


Imagem 5 – Panfleto do candidato Daniel Sapata.
Fonte: Acervo família Salvador.

O panfleto foi distribuído em Ivatuba na semana que antecedeu à eleição para chefe do executivo municipal e segundo Paulo Salvador, filho do candidato Silvestre Salvador, o documento “era jogado na madrugada pelos correligionários de Daniel Sapata”. No documento nota-se a rivalidade entre os povos catarinenses e paulistas, atenuada nos primeiros dizeres do panfleto “SALVADOR nunca fez favor [...] a nós povo paulista e nordestino”. Silvestre Salvador era natural de Nova Veneza-SC, foi vereador na gestão de Vander Ribeiro (1961-1965) e junto com os Srs. Augusto Grasso, José Bendo, Francisco Baggio, João Fabre e Otávio Perin construíram o prédio do Hospital Municipal.

No terceiro indicativo, novamente percebe-se a conturbada relação entre paulistas e catarinenses “SALVADOR e seus amigos catarinenses nunca aceitaram nós, morenos e homens de cor, [...]”. Paulo Salvador¹⁶ entende como “Club” o lugar de encontro entre os catarinenses, o Porto de Areia, atual condomínio Pontal do Ivaí.

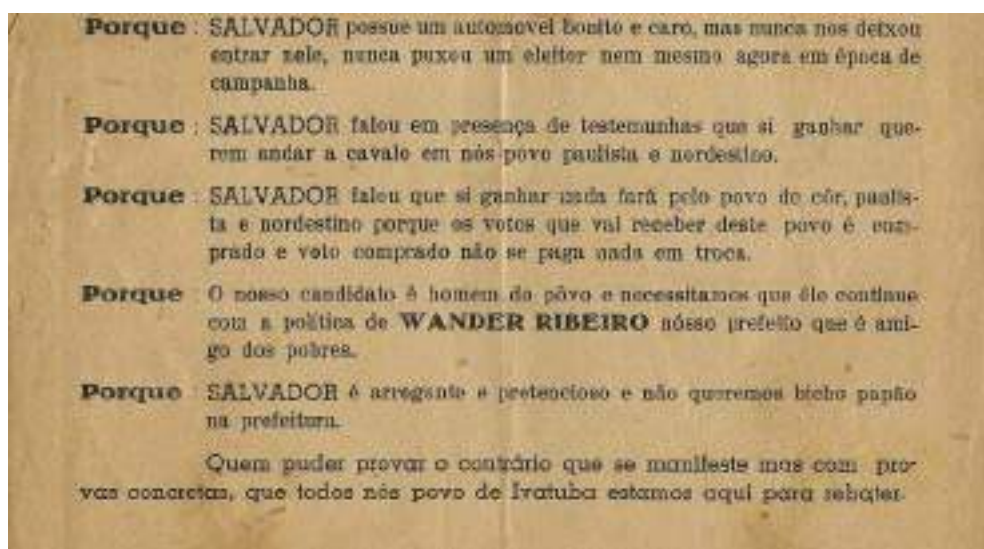


Imagem 6 – Panfleto do candidato Daniel Sapata.

Fonte: Acervo família Salvador.

No verso do panfleto notam-se conotações adjetivadas com a finalidade de tecer a imagem de Silvestre Salvador como um homem “mesquinho” e “arrogante”. Nota-se, também, o conflito entre paulistas e catarinenses reforçado, na medida em que “SALVADOR falou que si ganhar nada fará pelo povo de cor, paulistas e nordestinos”.

Silvestre Salvador foi derrotado na eleição de 1965 e os catarinenses só venceriam as votações quando Adolfo Semprebom, natural de Nova Veneza-SC conquistou o pleito de 1968. Segundo Maria Presa, foi a partir desse momento que a relação entre as duas

¹⁶ Entrevista realizada no dia 20 de novembro de 2011, com 40 min. de duração.

comunidades tornou-se mais estreita, pois Semprebom “foi um ótimo líder, capaz de convencer a todos de seus ideais”¹⁷.

Nas décadas de 1960 e 1970, o fluxo migratório da região de São Paulo e Santa Catarina continuou constante. No entanto, a partir do momento em que ocorreram as primeiras geadas, as frentes pioneiras de expansão na cidade de Ivatuba, paulatinamente, perderam a força.

Esse fenômeno climático provocou profundos impactos na organização social, espacial, econômica e ambiental de toda região, ocasionando um redirecionamento da população interiorana para os grandes centros populacionais, como Maringá e Londrina.

As estatísticas dão uma relativa dimensão deste acontecimento. Conforme dados do IBGE¹, na safra de 1975, cuja colheita já havia sido encerrada antes da geada, o Paraná havia colhido 10,2 milhões de sacas de café. No ano seguinte, a produção foi de 3,8 mil sacas. A exportação, na qual o Estado se destacava como principal exportador caiu a zero e a participação paranaense na produção brasileira caiu de 48% para 0,1%.

No período de três dias da geada as temperaturas mantiveram-se muito frias à noite e relativamente quentes durante o dia, além de um vento seco e constante. Nos dias que prosseguiram a imagem que se observou foi de muitos danos: plantações, pastagens, pomares “torrados”, aparentando uma cor escurecida pela requeima. É devido a este aspecto que o fenômeno foi denominado, popularmente, de “geada negra”. Para o historiador Roberto Bondarik (2008), a Geada Negra de 1975 foi o maior golpe da história na economia e na sociedade do Paraná.

A historiadora Vanderleia Mori (1999) entende que esse fenômeno climático exigiu que novas técnicas de produção fossem implementadas na região de Ivatuba. Esta ocasionou um impacto entre a população residente, pois em conjunto com a mecanização e modernização da agricultura, a substituição do plantio de café pela lavoura branca gerou desemprego e o êxodo rural.

Dessa forma, passou-se de uma “agricultura tradicional” com a mão de obra predominantemente familiar, e substancialmente, voltada para o consumo próprio, para uma “nova agricultura” com novas lavouras como a soja, um produto cujo cultivo exige pouca mão de obra e visa à exportação.

Mori (1999) ressalta que a na nova fase que passava a agricultura ivatubense, a falta de incentivos do governo para o plantio de café e a geada de 1975, obrigaram os trabalhadores

¹⁷ Entrevista realizada na cidade Ivatuba, no dia 25 de julho de 2010, com 2h e 15 min. de duração.

rurais a deixarem o município e partirem para outras regiões e centros urbanos. Nesse período, a população rural de Ivatuba, segundo dados do Caderno de Estatística Municipais - Ipardes, era de 12.122 e a urbana de 1.979, totalizando aproximadamente 14 mil habitantes. Na década de 1980, esse número caiu para 1.132 e 1.418, respectivamente. Na tabela a seguir, conforme a pesquisa, nota-se esse movimento de êxodo rural, pertinente ao Norte do Paraná.

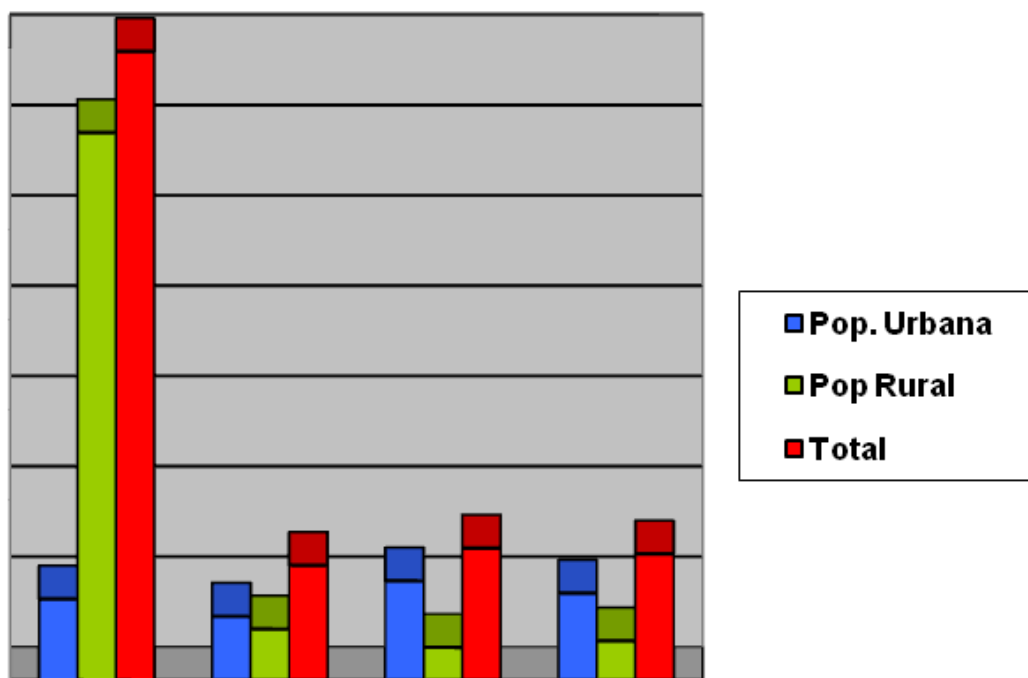


Imagem 7 – População rural, urbana e total do município de Ivatuba, nas décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000.

Tabela 1 – População rural, urbana e total do município de Ivatuba, nas décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000.

População	1970	1980	1990	2000
Pop. Urbana	1.799	1.413	2.198	1.926
Pop. Rural	12.122	1.132	727	870
Total	13.921	2.545	2.925	2.796

1.3 A comunidade Católica de Ivatuba

As primeiras manifestações de fé do povoado Ivatubense ocorreram no ano de 1947, período que os primeiros moradores vindos de Santa Catarina ergueram um “cruzeiro” na área rural. Como podemos observar na imagem a seguir.



Imagem 8 – Cruzeiro de Ivatuba.
Fonte: Acervo família Camotti.

Nessa imagem, observa-se a intencionalidade do fotógrafo em registrar com destaque a cruz de madeira em meio à “mata fechada”. Há controvérsias em relação ao local: alguns antigos moradores relatam que se tratava de um lugar onde as pessoas se reuniam para fazer suas preces, outros afirmam que esse espaço era um campo santo, ou seja, o cemitério da comunidade.

No canto superior esquerdo, presenciamos o número 48, provavelmente o ano em que a foto foi registrada. Segundo Amélia Camotti, futuramente esse espaço tornar-se-ia o Cemitério Municipal.

Para Pelegrini e Rodrigues (2011, p. 141):

A cruz, desde longa data representa um dos símbolos da devoção católica, cujo sentido remete simultaneamente à lembrança dos sacrifícios do Redentor e às promessas da salvação eterna. No entanto, alguns fiéis a tomavam como um talismã, considerado um artefato capaz de livrá-los de enfermidades, de proteger suas plantações de pragas e intempéries climáticas, e ainda, lhes garantir uma boa colheita. Nestes termos, quando o lugarejo recebia a visita de um padre eram em volta dessa cruz que se realizavam as missas e outros rituais. Ademais, o cruzeiro também configurava como um marco ou ponto de encontro dos moradores, políticos e visitantes que vinham conhecer as ‘abençoadas terras férteis’.

Segundo Olinto Presa¹⁸, os primeiros moradores de Ivatuba escolheram como protetor São Sebastião, pelo fato do Santo ser padroeiro em cidades catarinenenses como Bom Retiro

¹⁸ Entrevista realizada no dia 14 de novembro de 2011, com 50 min.. de duração.

e Painei. Outro fator é pelo mesmo ter sido um soldado romano, fator que “conquistava a empatia dos moradores”. Vale destacar a popularidade do padroeiro também representado na literatura, no livro “Fabiola”, do Cardeal Nicholas Wiseman e no cinema, pelos filmes “A revolta dos Escravos” e “Fabiola” adaptado da obra homônima.

Segundo Saul Dandolini¹⁹, nos meses de janeiro eram realizadas as procissões e as festas em louvor ao Santo, que contavam com a participação efusiva das comunidades tanto paulista quanto catarinense.



Imagem 9 – Procissão da festa de São Sebastião. 25/01/1955.
Fonte: Acervo Família Salvador.

Na procissão em louvor a São Sebastião, o fotógrafo coloca em evidência um ângulo mais restrito da procissão, na qual um aglomerado de pessoas ocupa todo o centro da fotografia. Paulo Salvador explica que os pontos 1, 2 e 3 referem-se, respectivamente: (1) Sobradinho de madeira onde funcionou por algum tempo a alfaiataria do Sr. Hercílio Panatto e depois um pequeno bar, (2) Salão de Bailes, lugar em que ocorreram as famosas “domingueiras” e (3) o Telhado do Cartório de Silvestre Salvador em frente à Avenida Principal.

No canto esquerdo nota-se a entrada da Igreja Matriz, construída em madeira no ano de 1957. Conforme Maria Presa²⁰, os párocos rezavam as missas mais prestigiadas como a de Natal, da Páscoa e de Corpus Christi. A Capela não era capaz de abrigar toda a comunidade, por esta razão os oficiantes da missa colocavam-se à frente do pórtico da igreja.

¹⁹ Entrevista realizada no dia 21 de novembro de 2011, com 40 min.. de duração.

²⁰ Entrevista realizada na cidade Ivatuba, no dia 25 de julho de 2010, tendo 2h e 15 min de duração..



Imagem 10 – Primeira Igreja de Ivatuba. 1961.
Fonte: Acervo Família Salvador.

No centro da foto vê-se Pedro Jarussi, primeiro pároco do município, mas chama a atenção o montante de fiéis que aparecem atentos às palavras do padre. Essa edificação de madeira foi, segundo depoimento dos primeiros moradores, a primeira igreja construída na cidade.

A paróquia foi oficialmente consagrada por Dom Jaime Luiz Coelho à Nossa Senhora do Rocio, em 31 de maio de 1960. Embora relutante, a população aceitou essa padroeira. Posteriormente, Ivatuba acolheria mais duas capelas devotadas ao Sagrado Coração de Jesus e a Nossa Senhora de Fátima, popularmente conhecida como Capela Sapata.

1.4 Negócios, fé e diversão. O condomínio pontal do Ivaí.

É nesse contexto que está inserida a construção do condomínio Pontal do Ivaí, local em que “nasceu” a figura de Nossa Senhora das Águas. Para se compreender este fenômeno, recorreu-se a entrevistas realizadas com o Sr. Anísio Furlan²¹, engenheiro agrônomo, natural de Ivatuba e dono do loteamento. Mais uma vez, a análise pautou-se nos conceitos metodológicos da História Oral, a fim de explanar e identificar a gênese do processo de criação da Virgem do Ivaí.

²¹ Entrevista realizada no município de Ivatuba, no condomínio Pontal do Ivaí, no dia 20 de junho de 2011, tendo 2hs e 40 mim de duração.

Na entrevista realizada, atentou-se para um grande dilema da fonte oral, apesar do seu uso crescente: a sua credibilidade foi por muito tempo questionada por alguns pesquisadores. Estes acreditavam que o entrevistado poderia ter uma falha de memória, poderia criar uma trajetória artificial, se autocelebrar, fantasiar, omitir ou mesmo mentir. Para driblar possíveis problemas, optou-se pela utilização de fotografias e outros tipos de imagens relativas ao período. Ao mesmo tempo, cojetaram-se os depoimentos e entrevistas de modo a cruzar informações e diminuir dúvidas. Assim, busca-se estabelecer uma metodologia bem estruturada para a produção histórica nos relatos orais.

Anísio Furlan relata que seu pai Silvio Furlan – catarinense migrado em 1951, foi proprietário do primeiro estabelecimento comercial da região, uma cerâmica. Junto com o seu sogro, José Bendo, comprou da empresa Mazzuco e Grasso um lote de 40 alqueires na região próxima ao rio Ivaí em 1960.

Nesta área, eles se dedicavam à pecuária e à plantação de café até a geada de 1975. Com a produção próxima ao rio Ivaí, Anísio Furlan lembra que era muito comum a realização de almoços e confraternizações, recorda que diversas lideranças políticas celebravam aniversários e outras festividades nas margens do afluente.

Na imagem 11, observa-se uma dessas reuniões. A fotografia é do acervo de Adolfo Semprebom, prefeito por três mandatos no município e falecido no ano de 2009. O cabedal ainda inclui fotografias de diferentes famílias e momentos da história de Ivatuba.



Imagem 11 – Confraternização da costela assada.
Fonte: Acervo particular do Sr. Adolfo Semprebom.

Interessante ressaltar que essa imagem, evidentemente, não tem o caráter publicitário ou mesmo enfatiza as riquezas naturais da região. O fotógrafo ao efetuar o registro se preocupou em enquadrar em um mesmo ângulo o maior número de pessoas. A composição é feita de modo a dirigir o olhar para as pessoas sentadas no primeiro plano e para outros indivíduos que interagem prazerosamente. Nota-se a presença de algumas autoridades políticas, entre elas Anísio Furlan menciona a figura do Sr. Fúlvio Pozza, então vereador, ao centro, o Sr. Paulo Presa, (agricultor renomado na região) e no canto direito, o Sr. José Bendo, dono do estabelecimento. Furlan lembra que, provavelmente, o prato degustado era de uma costela ao fogo de chão, iguaria comum nos encontros nas proximidades do rio Ivaí.

A escolha de tal cenário para a tomada da fotografia supõe uma relevante significância do bosque para a vida dessas pessoas. O paisagismo floral é evidenciado pelo ângulo do fotógrafo. Vale ressaltar que a incorporação dessa tipologia de fonte (fotografia) permitiu o reconhecimento da pluralidade de um documento iconográfico. A fotografia permite abordagens múltiplas, de forma que, junto com as fontes escritas, as imagens – e nesse caso a fotografia – podem ser tomadas como mais um instrumento da compreensão histórica.

Na segunda imagem, também integrante do acervo de Adolfo Semprebom, observa-se a mesma confraternização, no entanto do lado oposto da imagem supracitada.



Imagem 12 – Confraternização da costela assada.
Fonte: Acervo particular do Sr. Adolfo Semprebom.

Aqui se tem noção do espaço em que eram realizadas essas confraternizações e também nota-se a presença de um grupo maior de pessoas interagindo com o bosque. Furlan ressalta que havia uma casa no local, onde os padres, os políticos e outras autoridades passavam os finais de semana.

No início da década de 1960, a capela de Ivatuba foi proclamada paróquia. O arcebispo de Maringá, Dom Jaime Luiz Coelho, nomeou Pe. Jarussi para reger a diocese entre 6 de junho de 1960 e 12 de junho de 1966. Maria Presa relata que esse sacerdote fez a “premonição” de que a cidade desenvolveria apenas no sentido Norte, local oposto aonde aconteciam as reuniões e encontros da família do Sr. José Bendo.

Mais do que uma “previsão”, o acontecimento foi proclamado como uma “praga” pelos fiéis. Assunto comum entre os habitantes, a história de que o padre teria amaldiçoado a cidade atravessou décadas no imaginário popular ivatubense, sustentado nos diálogos em grupos, missas, cultos e novenas católicas no processo de ocupação da região.

A conversa sobre esse e outros acontecimentos de natureza fantástica, ajudava a disseminar a certeza alimentada pelas pessoas quanto à veracidade dos casos contados. De acordo com a literatura, a proeminência das relações sobrenaturais foi explorada por religiosos com a finalidade de amedrontar a população. Da Silva (2009), por exemplo, afirma que muitos clérigos notaram a oportunidade de tirarem proveito dos temores que esses produziam nos cristãos em benefício da causa que serviam. Entre os membros da Igreja, Priore (2000) ressalta que esta era uma prática antiga comum entre o clérigo católico e lembra que Santo Agostinho era:

Admirador dessas curiosidades maravilhosas da natureza, exaustivamente inventariadas pelos autores latinos. Subtraindo às raças de monstros o estatuto de realidade, que na tradição clássica era realmente o seu ponto, fazendo de sua existência algo de provável e de incompreensível, ele as tornava maravilhosas ao mesmo tempo em que as integrava ao sistema de representações exigido pela Bíblia. A hesitação do texto agostiniano é, quanto a isso, característica: é preciso acreditar nessas raças não porque os autores antigos as mencionassem, mas porque a crença em sua existência ajudava a compreender os nascimentos monstruosos (PRIORE, 2000, p. 25).

Como explica a autora, a dúvida já era suficiente para que os fiéis respeitassem os preceitos divinos, pois:

Os monstros seriam criações estranhas da natureza e de Deus. Limitando, pois, a crença a um certo nível de realidade, Agostinho abria as portas para a admiração diante das maravilhas incompreensíveis da Criação. Ele situava o

monstro no espaço terrestre, ainda que os preparando para que se tornassem fabulosos (PRIORE, 2000, p. 25).

Por essa via, o processo de solidificação das crenças passava pela tentativa de legitimação que, em geral, utilizava alguns artifícios produzidos ao longo do tempo. Sua essência visa a sua institucionalização por meio de discursos, nos quais se destacam a objetividade da fala aliada ao uso de expressões gestuais, características fundamentais para oferecer materialidade e “veracidade” aos eventos narrados e incorporados à memória coletiva.

Da Silva (2009, p. 25) expõe:

O desenvolvimento das crenças contribuiu para a consolidação de um universo mágico. Sua razão consiste em um legado valioso para a preservação da memória coletiva. O diálogo sobre fenômenos sobre-humanos, operado pelos moradores a respeito dos eventos ocorridos, sobrevive efetivamente nas práticas da comunidade, perpetuado nas representações dos primeiros moradores e, agora, nas representações dos jovens.

O historiador Da Silva (2009) mostra que o enlevo do homem religioso sobre a natureza é entendido pelo fato do ambiente apresentar na sua estética traços misteriosos relacionados ao passado distante. A natureza quase intocável acarretou uma complexidade de elementos que contribuíram para que essa despertasse desconfiças no ser humano. A sacralização atribuída ao mundo natural inclui o espaço onde as graças alcançadas, por isso as bênçãos da Santa das Águas, permeou a comunidade católica ivatubense numa dualidade de sentidos: apego e pavor, o temor e curiosidade.

Os “eventos” supracitados se mantiveram presentes nas práticas e nas remanências dos ivatubenses. Eles são rememorados quando os devotos se reúnem para realizar as novenas, a reza do terço e outros encontros. Esta rememoração constitui como um fator essencial para o fortalecimento da fé e da identidade local centrada no culto à Nossa Senhora das Águas.

A análise das fontes levantadas no decorrer dessa pesquisa aponta para o fato de que a proteção atribuída a Rainha do Ivaí fez aflorar a confiança nos seus milagres, na dádiva e “contradádiva” emergente no âmbito individual e coletivo. Ademais, simultaneamente evidenciam o desabrochar do sentido de pertencimento dos ivatubenses ao grupo de devotos eleitos pela santa e ao grupo maior formado por aqueles que se preocupam com a proteção ao planeta e seu bem potável.

Assim, reconhece-se que a lenda existente na região de Ivatuba está articulada a essas construções discursivas que passaram de geração a geração, pois elas informaram as percepções e os sentimentos que norteiam a maneira como os seres humanos convivem com fenômenos da natureza que lhes são estranhos e lhes causam grande curiosidade.

A luta entre as forças divinas e satânicas disseminaram-se entre os católicos de todo o mundo chegaram à região ainda na sua gênese por volta do final da década de 1950 e início da de 1960. Reforçado pelo discurso do clero e das narrativas expressas em passagens bíblicas, esse conflito gerou nos cidadãos ivatubenses a convicção do combate entre as forças do “bem” e do “mal”. Na esfera do fantástico, tais embates mantêm um vínculo misterioso, mas tomado como “natural” porque é justificado nessas histórias relacionadas à “Maldição do Padre” que fazem parte da construção do mundo social ivatubense, que envolve os indivíduos de todas as faixas etárias e crenças cuja dinâmica apresenta os elementos que dão subsídios a sua prosperidade da cidade.

Anísio lembra que essa história ganhou contornos emotivos e palpáveis no final da década de 1970, quando um grave acidente ocorreu às margens do rio. Uma senhora, cujo nome o agrônomo não recorda, se afogou e veio a falecer horas depois. Com isso, o Sr. José Bendo passou a proibir as visitas naquele local. No entanto, estes encontros teriam despertado em Furlan, ainda menino, o sonho de construir um espaço de lazer, principalmente com “segurança e dentro da lei”²².

Em 1970, outro fato chamou a atenção de Furlan, seu primo Siberio Bendo encontrou, nas proximidades do Ivaí, uma imagem de Nossa Senhora. No entanto, esta imagem não tinha sua extremidade superior, fato que o próprio síndico do condomínio ressalta como primeiro indicativo da necessidade de arquitetar alguma menção divina, relacionada com o pontal do Ivaí. Anísio lembra que esta estátua foi entregue ao padre da Paróquia Nossa Senhora do Rocio, o mesmo a benzeu e a guardou em seu acervo.

Na imagem a seguir, pode-se observar o local onde a Santa foi encontrada, assim como a casa onde eram realizados os encontros entre o clero e as autoridades políticas de Ivatuba.

²² Grifos de Anísio Furlan.



Imagem 13 – Casa do Sr. José Bendo²³.
Fonte: Acervo Anísio Furlan.

A “maldição da cidade” acompanhou todo o desenvolvimento econômico daquela região, onde, segundo Furlan, a produção de grãos raramente era rentável. Pensando nisso e como forma de explorar sensatamente a terra, Anísio retomou o sonho de construir um condomínio de lazer naquele local.

No final da década de 1980, ele contratou advogados e especialistas na formulação de leis que pudessem dar respaldo para a concretização do seu projeto. Com toda documentação levantada e aprovada, em 1996 foram confeccionados 25 outdoors espalhados na região de Maringá, com os dizeres “o mar esta pra peixe... e pra bons negócios também”. Além deste tipo de propaganda, exposições na mídia impressa e televisiva também foram efetuadas. Na imagem a seguir, observa-se um desses meios de propaganda e nota-se que a palavra escrita somada às imagens, lado a lado, se complementam e atribuem maior intensidade ao sentido de lazer e faturamento.

²³ A predominância de veículos da marca Volkswagen estacionados nessa área se deve ao fato de que o “fusca” era muito popular na década de 1960.



Imagem 14 – Outdoor de lançamento do condomínio Pontal do Ivaí.
Fonte: Acervo particular Anísio Furlan.

Furlan lembra que o condomínio loteado por ele foi o primeiro a ser implementado de acordo com as leis de proteção e conservação do meio ambiente. Anteriormente, existiam apenas condomínios clandestinos, que não respeitavam as normas ambientais e tampouco a mata ciliar. Este condomínio foi modelo para outros loteamentos de lazer, como o Paranapanema, Helena, Tropical e Barra do Ivaí I e II.

A implantação do condomínio foi gradativa, aproximadamente sete anos separaram o período de elaboração do projeto para a comercialização dos lotes. O empresário salienta que o plano teve o aval do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), do Instituto Ambiental do Paraná (IAP), da câmara municipal e do poder executivo da cidade.

O Pontal do Ivaí foi criado como bairro de Ivatuba e a arrecadação de impostos foi destinada ao município, fortalecendo os setores econômicos, desgastados desde a segunda metade da década de 1970. Desde a sua implantação, o número de estabelecimentos dobrou na região de Ivatuba, porque além de oferecer uma forma de entretenimento, o loteamento é responsável pela geração de 50 empregos com carteira assinada.

Com uma intensa propaganda fundamentada no ideário de lazer, diversão e convivência com o meio ambiente, os primeiros 90 de 98 terrenos com cerca de 4 mil m² foram vendidos rapidamente. Das 98 unidades, 90 foram vendidas. No ano de 1997, o preço inicial era de 8 mil reais, hoje cada área do condomínio custa cerca de R\$ 100 mil. Trata-se de uma valorização de cerca 1.250%. Segundo Furlan, isso ocorreu mediante o sucesso da comercialização dos terrenos e, também, pela figura de Nossa Senhora das Águas estar relacionada às boas condições

climáticas e a fertilidade do solo no local. Esta discussão será aprofundada no terceiro capítulo, quando será analisado o espaço sacro que a virgem está inserida.

Nas imagens a seguir, observa-se todo o processo de construção do condomínio Pontal do Ivaí. As imagens datam os anos de 1997 e 1998 e pertencem ao acervo de Anísio Furlan.



Imagem 15 – Condomínio Pontal do Ivaí.
Fonte: Acervo particular do Sr. Anísio Furlan.

Nesta fotografia é possível detectar os primeiros procedimentos para a construção no loteamento. O terreno, ainda baldio, deu espaço gradativamente às obras de infraestrutura e pavimentação. Na Imagem 16, vê-se a entrada do condomínio Pontal do Ivaí.



Imagem 16 – Entrada principal do condomínio Pontal do Ivaí.
Fonte: Acervo Sr. Anísio Furlan.

Nota-se a intencionalidade do fotógrafo em registrar em um ângulo de 180°, toda a superfície que então desabrochava a passos largos na região. No canto direito, identifica-se a primeira caixa d'água que abastecia as obras no condomínio. No centro está localizada a guarita, onde funcionava a única entrada do local. No seu verso, encontram-se as inscrições que datam a fotografia do ano de 1998.

Na próxima foto foi registrado o trabalho dos pedreiros durante a construção da rampa náutica do Pontal do Ivaí. Este lugar, além de servir de bordo aos barcos que navegam na região do rio, também alicerçou um dos ritos e festejos da festa de Nossa Senhora das Águas, como se assinalará no terceiro capítulo.



Imagem 17 – Construção da rampa náutica.
Fonte: Acervo Anísio Furlan.

No ano de 1998, após rápida venda de lotes, Anísio Furlan e os responsáveis pelo condomínio Pontal do Ivaí encontraram um problema que poderia interferir na comercialização: a falta de água na região. Esse seria o fator determinante para a crença em Nossa Senhora das Águas, discussão que será aprofunda na próxima unidade.

2 NOSSA SENHORA DAS ÁGUAS: CULTURA E PATRIMÔNIO

Nesta unidade será centralizada a discussão do objeto central de estudo: a construção discursiva que tornou viável a criação da Nossa Senhora das Águas e as festividades em sua homenagem. Para tanto, inicia-se com uma reflexão sobre a figura da Virgem Maria, consolidada no último milênio pela Igreja Católica, assim como as suas representações mais relevantes. O capítulo prossegue dando destaque à Rainha das Águas do Ivaí e ao festejo circunscrito em torno da mesma. O recorte se encerra em 2007, quando passaram a ocorrer as primeiras mudanças na organização da festividade.

Documentos textuais e orais como matérias jornalísticas, fotografias, entrevistas e depoimentos fazem parte do núcleo de fontes desta unidade. O levantamento de dados, por meio da história oral e da utilização de fotografias durante as entrevistas foram essenciais para a recuperação das tramas enredadas na Festa de Nossa Senhora das Águas.

Alberti (2005) revela que o uso da metodologia da história oral possibilitou ao pesquisador navegar em diversas áreas do conhecimento, sendo uma prática interdisciplinar, não restrita ao campo da História, utilizada em investigações da Sociologia, Antropologia, Literatura, Psicologia, Economia e Medicina.

Apesar do seu uso crescente, a sua credibilidade foi, por muito tempo, questionada por pesquisadores que apontavam a existência de falhas na memória humana que poderiam criar uma trajetória artificial sobre o tema tratado. Mesmo diante desse obstáculo, essa metodologia foi sendo bem estruturada e na atualidade constitui um recurso importante para a produção histórica.

Na década de 1960, o exercício da denominada “Historia Oral Militante” foi tomado como uma oportunidade para dar voz às minorias e possibilitar uma história vinda de baixo. Fundamentada em Michel Trebitsch, Alberti (2005) afirma que após essas experiências, a História Oral passou a ser difundida como oposição ao Positivismo, restauradora das historicidades locais e dos humildes. No entanto, a “História Oral Militante” trouxe alguns equívocos que tornaram mais difícil a sua aceitação nas práticas acadêmicas, pois a mesma considerava o relato resultante da entrevista como a própria “História”. A ideia de que a entrevista expressava uma revelação do real constituiu um grande equívoco que, segundo Alberti (2005), se faz ainda hoje presente em dissertações e teses

acadêmicas²⁴. Atento aos problemas citados, procurou-se driblar o uso de métodos inadequados, na realização de entrevistas e coleta de depoimentos e na sequência se optou por estabelecer os primeiros contatos com os devotos de Nossa Senhora das Águas. Após realizar entrevistas estruturadas com os organizadores e participantes da festa, transcreveram-se os dados coletados e tal como sugere Portelli (2004), evitou-se a transcrição das entrevistas, ou seja, não se acrescentaram palavras e tampouco interferiu-se nas falas dos sujeitos históricos contatados.

2.1 Água fonte de vida. A Protetora dos bens naturais

No capítulo anterior discutiu-se como uma série de fatores que, de forma direta ou indireta, contribuíram para o surgimento da primeira Santa ivatubense. Segundo Anísio Furlan, preocupado com o problema da falta de água contrataram-se alguns geólogos para localizar e perfurar o poço artesiano no condomínio. A empresa Poços Iguatu, responsável pela obra dos reservatórios, perfurou cavidades de até mil metros, mas em nenhum deles foram localizados sinais da existência de água.

Preocupados com o problema, os responsáveis pelo loteamento solicitaram que o Padre Jair Favoretto fizesse uma bênção em louvor a Nossa Senhora, com o intuito de que ela intercedesse em favor dos condôminos pela busca da água potável. O Padre aceitou o pedido e celebrou uma missa pedindo a intervenção da Virgem Maria.

Após alguns dias, a empresa voltou ao condomínio e perfurou um buraco de 15 metros, onde encontrou o bem potável. Com 90 metros de profundidade, o montante de água encontrado já era suficiente para abastecer todo o condomínio.

O fato ocorrido e narrado dramaticamente, tanto por Anísio Furlan, quanto pelo Padre Jair Favoretto, teria dado pujança e solidez para a construção do mito fundador da Virgem das Águas do Ivaí.

Em dezembro 2001, após o término das obras de infraestrutura que, segundo o agrônomo Sr. Anísio Furlan, só teria sido possível graças à construção do poço artesiano, o

²⁴ Na década de 1970, teve início o processo de mudança dessa perspectiva e foram publicados nos Estados Unidos alguns manuais, com a intenção de estabelecer um modelo para a coleta e o tratamento de entrevistas. A partir de 1990, esse crescimento contínuo e acentuado, resultando numa massiva participação de instituições e pesquisadores nos encontros acadêmicos. Em 1994 durante o Encontro Nacional de História Oral foi criada a *Associação Brasileira de História Oral* (ABHO), na qual tem promovido regularmente encontros regionais e nacionais que ajudam a propagação e o intercâmbio em volta da História Oral no país.

Padre Jair Favoretto²⁵ o procurou com a intenção de realizar uma festa similar a de Nossa Senhora dos Navegantes. Tendo em vista a potencialização do turismo na região e ecoar entre os fiéis a importância da preservação do meio ambiente e os cuidados com o rio Ivaí.

No entanto, ambos rejeitaram a ideia da celebração ser em louvor a Nossa Senhora dos Navegantes²⁶, pois essa festa acontecia em diversos lugares do Brasil, como na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e no Paraná, nas cidades de Boa Esperança²⁷, Coronel Domingos Soares²⁸, Itaipulândia²⁹ e Paranaguá³⁰

Segundo Padre Jair Favoretto, foi realizada uma série de reuniões com a comissão organizadora do loteamento, para a escolha do nome da festa e criação da alcunha da Santa que passaria a ser a padroeira do condomínio. Decidiram então, pelo título de Nossa Senhora das Águas. A celebração iria acontecer às margens do rio Ivaí, como forma de agradecimento à Virgem Maria pela graça alcançada, o acesso à água potável, ainda no processo de comercialização dos lotes. E também, pelo tema da Campanha da Fraternidade³¹ que versava “Água fonte de vida”.

Atentamos para o processo de construção da imagem da Rainha das Águas. Após algumas reuniões, o Padre Jair Favoretto viajou para cidade de Aparecida do Norte, centro do catolicismo no Brasil, e contratou um artesão especializado na confecção de santos. Favoretto lembra que uma das primeiras observações que o mesmo pediu ao artista era que fizesse uma estátua com traços “serenos” e com cores claras. Exigiu também que a Santa fugisse do estereótipo da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes e de Iemanjá, que na opinião do pároco era “muito poluída e cheia de traços”.

²⁵ Entrevista realizada no dia 21 de maio de 2009, na Igreja Sagrado Coração de Jesus, Maringá com Padre Jair Favoretto, com 60 min de duração.

²⁶ Os primeiros relatos sobre a fé em Nossa Senhora dos Navegantes datam o início no século XV, com a navegação dos portugueses. As pessoas que viajavam pelo mar pediam proteção à Nossa Senhora para retornarem aos seus lares. Assim, a Virgem era vista como protetora das tempestades e demais perigos que o mar e os rios ofereciam.

Edésia Aducci lembra que a primeira imagem da Santa no Brasil foi trazida de Portugal junto com os navegadores.

²⁷ Boa Esperança é uma cidade do Estado do Paraná, sua população estimada em 2007 era de 4.736 habitantes.

²⁸ Coronel Domingos Soares é uma cidade do Estado do Paraná. Sua população estimada em 2004 era de 7.178 habitantes.

²⁹ Itaipulândia é uma cidade do Estado do Paraná, sua população estimada em 2004 era de 8.199 habitantes.

³⁰ Paranaguá é um município localizado no litoral do Paraná, considerada a cidade mais antiga do Estado. Segundo dados do IBGE, em 2010 possuía 140.469 habitantes. .

³¹ Segundo o Pe. Jair Favoretto, a Campanha da Fraternidade realizada sempre no período da quaresma tem como objetivo despertar a solidariedade dos seus fiéis e da sociedade em relação a um problema concreto que envolve a sociedade brasileira, buscando caminhos para sua solução.

Ao observar a efígie criada pelo artesão paulista³², pode-se considerar uma diferença substancial em relação a Nossa Senhora dos Navegantes. Ao contrário desta, na escultura de Nossa Senhora das Águas, a âncora, símbolo dos pescadores e navegadores se encontra nas mãos do Menino Jesus bem próxima do seu coração. Na Nossa Senhora dos Navegantes a mesma âncora se encontra no canto esquerdo da imagem e é também carregada pelo Menino Jesus que parece brincar com a âncora, como se pode observar a seguir:



Imagem 18 – Nossa Senhora dos Navegantes.

Fonte: Henrique Licht. Retirado do Livro “Nossa Senhora dos Navegantes: Porto Alegre 1871-2006”.



Imagem 19 – Nossa Senhora das Águas.

Fonte: Acervo Anísio Furlan.

³² Na entrevista realizada na cidade de Maringá na Igreja Sagrado Coração de Jesus no dia 21 de maio de 2009, o Pe. Jair Favoretto afirmou não recordar o nome do artesão responsável pela confecção da imagem da Santa.

Uma nuance entre as duas imagens refere-se à cor do manto. No caso de Nossa Senhora das Águas, a vestimenta tem o tom azul claro e branco predominante em toda imagem. Pode-se considerar esta mudança como uma alusão à pureza da água encontrada nos poços artesanais do rio Ivaí, mencionada regularmente nas celebrações em louvor a Santa.

O branco também pode ser associado à ideia de paz, de calma, de pureza e limpeza. Já o azul, cor do céu e do espírito, simboliza a lealdade, a fidelidade, a personalidade e subtileza, atribuídos na imagem da Virgem Maria.

Duas imagens foram confeccionadas, uma se encontra à beira do rio Ivaí na gruta de Nossa Senhora das Águas, no condomínio Pontal do Ivaí, e a outra está em posse do Pe. Jair Favoretto. O Sr. Furlan lembra que diversos pescadores entraram em contato com o padre pedindo para adquirir a imagem da Santa, e ainda menciona que nos arredores das cidades de Fênix³³, Cianorte³⁴ e São Jorge do Ivaí³⁵, moradores construíram um espaço para essas imagens, como forma de agradecimento e louvor a Rainha das Águas do Ivaí.

Sobre o surgimento de novas denominações para “Nossa Senhora”, Edésia Aducci (1998) salienta que esse processo se dá de maneira particular e restrito à cultura de uma determinada sociedade que, normalmente, busca confirmar a sua fé ou passa por alguma necessidade. No caso da Nossa Senhora das Águas, a nomeação surge da emergência de uma comunidade pela busca do bem potável.

A organização do loteamento instituiu o último domingo de agosto como data comemorativa a Nossa Senhora das Águas, pois nesse dia é celebrada a Assunção da Virgem ao céu.

No ano de 2003, apoiado pela Prefeitura Municipal de Ivatuba e pelos condôminos, essa comissão realizou a primeira festa em louvor à Rainha das Águas, dividida nas seguintes etapas: desfile fluvial, recepção a Nossa Senhora, missa eucarística e, por último, confraternização e almoço entre os devotos. Conforme dados fornecidos pelo Pe. Jair Favoretto, a primeira celebração contou com a participação de 800 romeiros, sendo a maioria pertencente ao município de Ivatuba.

No ano de 2004, a convite do Pe. Jair Favoretto, do arcebispo Dom Jaime Luiz Coelho³⁶ para presidir a celebração. Viabilizou a nomeação da Santa como a Padroeira do rio

³³ Fênix é uma cidade localizada na região Central do Paraná, possui uma população total de 4.942 habitantes.

³⁴ Cianorte é uma cidade localizada na região Noroeste do Paraná. Emancipada politicamente no mês de julho de 1953. Atualmente abriga uma população de 69.731 habitantes.

³⁵ São Jorge do Ivaí é uma cidade localizada na região Noroeste do Paraná. Sua população estimada em 2004 era de 5.335 habitantes.

³⁶ Nota-se nesse momento um gradativo processo de legitimação da Santa pelo clero local, ao ponto da presença do então arcebispo Dom Jaime ratificar a importância da Virgem perante os problemas ambientais que poderiam trazer danos para todo ecossistema e do mesmo abençoar e proclamar a Virgem do Ivaí como protetora daquele local.

Ivaí. A ocasião tornou-se importante para a consolidação da sacralização da Festa de Nossa Senhora das Águas na região, pois Ela deixa o seu perfil restrito ao município e expandiu-se como símbolo de fé regional. Rapidamente padroeira de todas as cidades banhadas pelo rio Ivaí.

Em 2005, o Governo do Paraná e a Secretaria de Estado da Cultura registraram a celebração de Nossa Senhora das Águas no livro “Festas Populares do Paraná” (CARNEIRO, 2005, p. 67). Pode-se considerar um fator fundamental no reconhecimento cultural que a festa adquiriu, ademais que esse registro evidência a popularidade do evento em todo Paraná, o que permite argumentar perante as autoridades municipais a necessidade do registro e inventariamento da celebração.

Sant’Anna (2003) afirma que é através do registro e mapeamento que se torna possível salvaguardar as diversas manifestações culturais. Para isso, o Instituto Jurídico do Registro é uma ferramenta fundamental no reconhecimento do patrimônio imaterial:

O registro corresponde à identificação e à produção de conhecimento sobre o bem cultural de natureza imaterial e equivale a documentar, pelos meios técnicos mais adequados, o passado e o presente destas manifestações, em suas diferentes versões, tornando tais informações amplamente acessíveis ao público. O objetivo é manter o registro da memória desses bens culturais e de sua trajetória no tempo, porque só assim se pode ‘preservá-los’ (SANT’ANNA, 2003, p. 52).

A autora ressalta que a opção pelo registro como forma de preservação se deve à dinâmica dos bens culturais imateriais, pois podem se desenvolver ou passar por pequenas mudanças ao longo do tempo. Por isso, adota-se este tipo de salvaguarda, diferente dos tomados pelos bens culturais materiais como a intervenção, conservação e restauração.

Sant’Anna (2003) considera que os bens escolhidos pelo Registro terão o mesmo tratamento que os bens tombados, circunscritos em obras denominadas “Livros de Registro dos Saberes”, “Livros das Celebrações”, “Livro das Formas de Expressão” e “Livro dos Lugares”. A autora orienta que a prática do registro deve ser realizada no período mínimo, de dez em dez anos.

Fonseca (2003) ressalta que a preservação da memória das manifestações - no caso dos rituais religiosos, como o da festa de Nossa Senhora das Águas - tem uma série de efeitos:

- 1) Aproxima o patrimônio da produção cultural, passado e presente.
- 2) Viabiliza leituras da produção cultural dos diferentes grupos sociais, dando-lhes voz não apenas na produção, mas também na leitura e preservação do sentido de seu patrimônio.
- 3) Cria melhores condições para que se cumpra o

preceito constitucional do ‘direito a memória’ como parte dos ‘direitos culturais’ de toda sociedade brasileira (FONSECA, 2003, p. 72).

Com base em Lyndell Prott, Fonseca (2003) afirma que as políticas para a valorização e preservação do patrimônio imaterial possuem indicativos diversos, como uma maneira de resguardar um estilo de vida e o sentido de pertença da comunidade. Nessa linha de abordagem, a ideia de preservar está intrinsecamente relacionada à importância do respeito à diversidade, à cidadania, à manutenção de diferentes memórias e identidades articuladas pela fé na Virgem das Águas.

Nota-se que a festa da Rainha do Ivaí, com o passar dos anos, tornou-se cada vez mais conhecida. Em 2007, o montante de pessoas já ultrapassava 3 mil romeiros – um número expressivo se levarmos em conta que a população de Ivatuba, segundo dados da Prefeitura Municipal, é de 3.005 habitantes - o que elucida a dilatação do sentimento de adoração em torno da Rainha das Águas.

Ao mesmo tempo em que a festa foi ganhando relevância, a fama dos milagres e bênçãos foi sendo disseminada pela região. Segundo alguns romeiros, o número de acidentes no rio diminuiu substancialmente graças à proteção de Nossa Senhora das Águas. Além disso, a festa vem se constituindo como uma prática cultural muito singular na região de Ivatuba, daí a relevância de se desenvolver uma pesquisa sobre essa manifestação do catolicismo popular.

Registrar estas manifestações religiosas conservando-as por meio de inventários sobre o modo como elas acontecem, o lugar onde são concebidos os objetos e signos utilizados na celebração, significará resguardar as memórias dos indivíduos que participaram de tais comemorações e reunir elementos que poderão constituir um “patrimônio imaterial local” da cultura popular e da história de Ivatuba.

Portando, pela mudança paulatina do conceito acerca do patrimônio cultural, tornou-se possível compreender as diferentes manifestações culturais de uma dada comunidade. Partindo desta premissa, cabe aos pesquisadores questionarem como o Culto Mariano atribuiu, nos últimos séculos, vários ideários à Virgem Santíssima, como a advogada do povo, a Nossa Senhora protetora, a Mãe e Rainha Admirável e a Imaculada, tributos também norteadores da Rainha das Águas.

Aliás, o padre Favoretto reforça que a padroeira do Ivaí não atua apenas como a protetora do rio e de suas redondezas, mas carrega o dogma da mãe de Jesus Cristo, responsável pela reencarnação da segunda pessoa (Pai, Filho e Espírito Santo), papel incisivo

na Igreja Católica. Assim, torna necessário refletir e perceber quais foram os polos aglutinadores das manifestações populares no culto mariano.

2.2 Marianismo, algumas reflexões

As raízes para essa devoção teriam origens milenares, referidas em livros apócrifos, passagens bíblicas e bulas dogmáticas como veremos a seguir. O documento biográfico de santos “Legenda Áurea”, escrito no século XIII pelo frade Jacopo de Varazze (2003), revela que Maria foi gerada da união de Joaquim, fazendeiro e criador de ovelhas, natural de Nazaré, e Ana, filha de Mathan, um sacerdote que vivia em Belém e tinha outras duas irmãs. Casaram-se prematuramente; o documento menciona que constituíam um casal “justo” e seguidor dos mandamentos do Senhor, no entanto, não conseguiam dar à luz a nenhum filho.

Após 20 anos de amargura e pedidos, Ana engravidou e deu à luz a uma filha, que recebeu o nome de Maria. Ao completar três anos, a menina foi levada ao templo, onde, de acordo com a promessa dos pais, viveria a serviço do divino. A Virgem foi ali educada e só retornou à casa dos pais aos 14 anos para se casar com José.

Segundo a historiadora Edilece Souza Couto (2004), até esse período são pouquíssimos os registros sobre a vida de Maria, sua biografia torna-se mais completa após o nascimento de Jesus Cristo, nas passagens bíblicas³⁷.

O historiador Oscar Calavia Saez (2008) ressalta a existência de diversos fatores que contribuíram para transformar a imagem de Nossa Senhora de uma simples referência evangélica a um personagem eximamente familiar e divino de modo equivalente ao seu filho. Por exemplo, o processo de criação iconográfica e iconológica da Virgem Maria.

³⁷ Ao todo, a Virgem Imaculada é mencionada 19 vezes no Novo Testamento, na Carta Encíclica de João Paulo II, “Redemptoris mater” o Papa destaca algumas aparições da virgem nas escrituras sagradas, nas quais vale destacar: O aparecimento do arcanjo Gabirel o anúncio de que seria ela a mãe do Filho de Deus em Lc, cap 1, v26-56, na visitação à sua prima Isabel em Lucas, capítulo 1, versículo 39-56.

A sua purificação e a apresentação do Menino Jesus no templo em Lucas, capítulo 2, versículo 22-38; na procura pelo menino no templo, quando este debatia com os doutores da lei em Lucas capítulo 2, versículo 41-50.

Na famosa parábola sobre as bodas de Caná, na Galileia em João, cap 2, v 1-11, quando João Paulo (1989) constata que é nessa passagem que a maternidade de Maria é desvelada e ela passa a atuar como medidora dos homens perante Cristo.

A Virgem é novamente citada na passagem à procura de Cristo enquanto este pregava e o elogio que lhe faz em Marcos, capítulo 3, versículo 33-35; ao pé da Cruz quando seu filho aponta a Maria como mãe do discípulo e a este como seu primogênito em João, capítulo 19, versículo 26-27 e por último depois da ascensão de Cristo aos céus, onde a Virgem era uma das mulheres que estavam reunidas com restantes discípulos na passagem de Atos dos Apóstolos.

Couto (2004) atesta que na iconografia, a imagem de Maria se apresenta em distintas posições do corpo e cortes das vestes, carregando ou não o descendente de Deus nos braços, envolto de objetos variados.

A historiadora afirma que, normalmente, a Virgem utiliza uma túnica branca, um manto azul e traz na cabeça a coroa real. Nas imagens presentes nas igrejas é habitual encontrar a Rainha sobre o planeta Terra amarfanhando uma serpente, ícone do pecado original e da visão dualista do sexo feminino: mãe bondosa e acolhedora e, ao mesmo tempo, maligna e tentadora.

Para Couto (2004), nas imagens dos cultos populares o animal está vivo, circundando a terra ou enrolada no corpo da estátua. Nesse caso, a cobra tem outro significado: simboliza a procriação, a fertilidade presente nos antigos cultos agrários. Sob os seus pés podem aparecer uma lua em fase crescente e cabeças de anjos.

Somado a esse fator pode-se mencionar também as cartas dogmáticas marianas que atestam sobre a Maternidade Divina, a Virgindade Perpétua, a Imaculada Conceição e, por último e os cultos e festejos em louvor a Virgem.

O dogma da Maternidade Divina foi proclamado pela Igreja Católica no Concílio de Efésios em 431, considerando Maria a “Mãe de Deus”. O Dogma sobre a Virgindade perpétua, enveredou-se nas falas do Bispo Ambrósio de Milão, por volta do ano 391 ou 392, no documento “De Institutione Virginis”, que se dedica em defender a virgindade perpétua de Nossa Senhora.

Sobre essa temática, os cristãos acreditam que Maria era pura quando concebeu Jesus, mas apenas a Igreja Católica e os ortodoxos creem que ela ficou eternamente virgem. Alguns setores do catolicismo ligam a ideia da sua pureza na tese do nascimento do seu filho pela profecia de Isaías, capítulo 7, versículo 14 da Bíblia Sagrada “Pois saibam que Javé lhes dará um sinal: A jovem concebeu e dará à luz um filho, e o chamara pelo nome de Emanuel”.

O terceiro dogma refere-se à Imaculada Conceição, em 8 de dezembro de 1854, o Papa Pio IX na bula dogmática “Ineffabilis Deus” Pio IX afirma que a Virgem foi concebida sem pecado.

Segundo Couto (2004), a Igreja Católica costumava homenagear a Virgem Maria com três festas. Na primeira, em 8 de setembro, comemorava-se o seu nascimento; na segunda, a sua purificação, também denominada de Hipopante ou Candelária e na terceira a alusão a Imaculada Conceição.

De acordo com Couto (2004), o louvor à Imaculada Conceição provavelmente foi o primeiro a ser difundido no Brasil pelos portugueses. Tomé de Souza trouxe uma imagem da

Santa e, ao fundar a cidade do Salvador, em 1549, participou ativamente da construção da primeira capela na Cidade Baixa, denominando-a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia. Nesse espaço, os marinheiros e comerciantes locais passaram a fazer suas orações em louvor à padroeira do Reino.

No Brasil, o catolicismo ibérico que desembarcava na região, no século XVI, foi hegemonicamente devocional e iconófilo. Segundo Mauricio de Aquino (2011), os primeiros europeus responsáveis pela cristianização no continente sulamericano carregavam consigo inúmeras imagens de santos, principalmente, as da Virgem Maria.

O historiador expõe que o catolicismo português era essencialmente mariano, e o apreço pelos retratos e figuras consolidou-se após as batalhas da reconquista da península, transformando-se em um marco da identidade ibérica. Nesse contexto, Maria tornava-se, também, o símbolo da identidade católica na guerra contra os reformistas protestantes, nas vitórias sobre os mouros, na descoberta do caminho das Índias e na restauração da independência portuguesa, na primeira metade do século XVII.

De acordo com Nilza Botelho Megabale (2001), os lusitanos transmitiram essa devoção ao culto mariano e a difundiram em solo brasileiro:

Várias efigies da Mãe de Deus chegaram ao nosso país, trazidas por marinheiros ou colonizadores lusitanos, que espalharam o culto das invocações em moda ou das padroeiras de suas províncias ou cidades natais. Além da Senhora da Esperança que veio na nau de Pedro Álvares Cabral e da Senhora da Glória, que consta ter chegado à Terra de Santa Cruz em 1503, muitas outras como as do Ó, do Monte, da Luz, da Graça, da escada, ornamentaram os altares dos mais antigos tempos coloniais (MEGABALE, 2001, p. 17).

Entre os séculos XVI e XVIII, no que diz a respeito à organização dos cultos coletivos, a Igreja e o Estado apresentam-se como cúmplices. Tal parceria se insere no contexto quando a Igreja Católica e o Estado português oficializaram a política de união dos poderes seculares e imateriais por meio do sistema de Padroado.

Maura Regina Petruski (2008) argumenta que essa “união criou uma legislação”, normativa das práticas religiosas coletivas como obrigatórias para todos os moradores da colônia. Impostas por lei, proibiram os súditos da Coroa delas se furtarem.

Na região que mais tarde seria o Estado do Paraná, também foi encontrada uma normatização que regia essa perspectiva. Os Provimentos estabelecidos pelo Ouvidor Geral de São Paulo, Raphael Pires Pardini, datados de 20 de janeiro de 1721, nos itens 5 e 6 estabeleciam aos habitantes da Vila de Curitiba:

5°. Proveo que os Juizes e oficiais da câmara assistiram em corpo de câmara a procissão de Corpus Christi, que o Reverendo Vigário e fregueses devem fazer conforme o Sagrado concílio Tridentino. E todas as pessoas que costumam andar na Governança desta Vila serão obrigados a virem assistir a dita procissão (SANTOS, 2000, p. 31).

Diante de seu caráter oficial e impositivo, a participação da população nas manifestações públicas de fé era relevante, tanto da população geral, quanto do comando político. Assim, as festividades religiosas estavam presentes em vias, bairros e cidades brasileiras. Tendo sua organização e concepção realizada pelos representantes da Igreja ou pelos leigos e fiéis.

Existem relatos de imagens da Virgem Maria que teriam sido encontradas em grutas, montanhas, florestas, arbustos, rios, rochas e, segundo a credence popular, haviam pedidos pela construção de um templo em sua intenção. “O desrespeito à sua ordem pode ocasionar alguma desgraça, como uma peste. A Senhora é sempre teimosa e não aceita que sua igreja seja construída longe do local onde ela foi encontrada” (COUTO, 2004, p. 98). É o caso da história de Nossa Senhora do Rocio, padroeira do Paraná.

Em Ivatuba, as festividades em louvor a Nossa Senhora não têm origem exata, porém, os indícios apontam que a primeira celebração em tributo a Nossa Senhora Rainha teria ocorrido em maio de 1960. Posteriormente, em 1975, datam o louvor a Nossa Senhora Aparecida. Até esse período, não consta nenhuma manifestação para a Virgem do Rocio, proclamada pelo arcebispo Dom Jaime Luiz Coelho, no ano de 1960, padroeira da cidade.

As festividades para encômio de Nossa Senhora do Rocio só datam no livro tombo da Paróquia Nossa Senhora do Rocio no ano de 1993, no dia 15 de novembro. Com tamanha lacuna temporal, cabe aos pesquisadores questionarem o porquê de, provavelmente, o culto a padroeira ter iniciado na cidade 30 anos após a sua instituição como padroeira?

Segundo Olinda Tenedine³⁸, missionária e devota da Virgem do Rocio, anualmente louva-se a padroeira no dia 15 de novembro com a celebração eucarística envolta de ritos e cânticos, porém festividades abertas para toda a população tomaram forma no início da década de 1990, quando a Igreja realizava as festas como forma de angariar tributos para a realização de obras e caridades. Tenedine alerta que, no entanto, a maioria dessas festas acontecia nos meses de julho - característica marcante de cidades agrícolas - depois da colheita do milho.

³⁸ Entrevista realizada no dia 15 de março de 2011, tendo 30 mim de duração.

A história da Padroeira de Ivatuba pode ser considerada um exemplo de como as imagens de Maria foram apropriadas e ganharam um novo sentido na cultura popular. Segunda Edésia Aducci (1998), Rocio é uma aldeia situada ao Oeste da província de Andaluzia, cerca de 20 km da antiga cidade de Almonte. É neste espaço que a suposta aparição da Nossa Senhora ocorreu. Aducci lembra que a imagem teria sido encontrada por um caçador, no tronco de uma árvore, onde provavelmente foi escondida pelos moradores de Almonte durante a dominação dos sarracenos.

A imagem envolvida em um manto de linho tinha no pedestal a inscrição “Nossa Senhora Redentora”. O caçador resolveu levar a imagem para Almonte, quando parou para descansar percebeu que a santa teria desaparecido. Confuso, voltou para o local onde tinha encontrado a estátua e se deparou com a mesma. Assombrado com o ocorrido sentiu-se humilhado e sem coragem de carregá-la novamente seguiu para Almonte, a fim de comunicar o milagre.

A notícia se espalhou rapidamente por toda Andaluzia. Em um breve espaço de tempo construíram um altar e, posteriormente, um santuário para a santa. Foi denominada de Nossa Senhora de Rocinas, pois assim se denominava a então aldeia de Rocio. Os habitantes de Almonte acreditam que foi a Virgem do Rocio que os livrou da peste em 1637, de uma grande seca em 1730, de epidemias em 1738 e 1744, da invasão de Napoleão em 1810 e da “fúria dos vermelhos” em 1936.

Atentamos para a aparição da mesma em território paranaense, segundo Sirlene Machado (1998), existem duas versões sobre o aparecimento da Virgem do Rocio na cidade de Paranaguá. A primeira refere-se ao local que hoje se encontra o Santuário do Rocio, na cidade de Paranaguá no Paraná, onde alguns pescadores dedicavam-se aos seus afazeres. Certo dia, Pai Berê, pertencente a este grupo lutava obstinadamente com a rede de pesca lançada ao mar, não obtendo êxito algum para alimentar a sua prole. Desconfortado, pediu aos céus que não o desamparasse. Lançou novamente as redes e ao puxá-la encontrou uma pequena imagem da Virgem Maria.

Berê passou a rezar o terço com seus vizinhos todas as noites. Machado (1998) conta que por diversas vezes o negro quis levar a imagem para a Igreja Matriz, mas essa sempre voltava à noite ao seu antigo lugar, onde surgira e hoje se encontra o Santuário do Rocio. Como em Almonte, a fé em Paranaguá aumentou após o ano de 1686, quando a pequena vila

foi assolada pela Peste da Bicha³⁹ e, assim, a Santa teria sido invocada para que livrasse o vilarejo desta lamúria.

A segunda versão conta o aparecimento de Maria em uma touceira de rosas, no local onde se encontra o seu santuário. Para os memorialistas, em novembro essas rosas desabrocham em cachos coloridos, que se despetalam ao vento. Alguns pescadores viram por volta da meia noite um grande clarão que saía das águas da baía de Paranaguá, e como uma estrela, repousava na moita dessas rosas. Curiosos e julgando tratar-se de algum tesouro escondido, foram ao local na manhã seguinte e com surpresa encontraram a imagem de Nossa Senhora, ainda coberta pelo orvalho da madrugada.

Ao acompanhar as passagens que narram a história sobre a Virgem do Rocio, percebe-se a existência de determinados elementos que foram apropriados conforme o contexto histórico local e revelam as necessidades de algum grupo em constante suplício. Atenta-se para a maneira que a virgem é encontrada - sempre envolto de alguma adversidade ou algum fenômeno considerado fantástico - ou as lamentações enfrentadas pela Santa, sempre padecendo a favor do seu povo, no caso as epidemias e pestes que assolavam a região.

Como na parábola bíblica no evangelho de João, capítulo 21, onde Jesus manifestou-se no mar de Tiberíades, as passagens do Rocio a Virgem se revelam ou na Baía de Paranaguá ou na aldeia em Almonte. De forma que o fenômeno constrói o espaço sacralizado, em que Maria passa a atuar como Mãe e protetora desses fiéis.

Couto (2004) reforça que, entre os pescadores, o culto mariano estava mais reforçado. A história da Virgem do Rocio se assemelha a tantas outras narradas no território nacional. No Brasil, a Virgem Maria possui diversas representações que, segundo Aducci (1998), realizam funções importantes na Igreja Católica: a de universalizar a devoção a Nossa Senhora, ligando-as nas causas articuladas no templo cristão, os mesmos que os do seu filho Jesus Cristo.

Como foi elucidado, o culto mariano não é homogêneo. A Mãe de Jesus possui diversas representações e vários significados construídos e apropriados conforme o espaço, causa ou circunstância. Enquanto para a Igreja, Maria é a Nossa Senhora, para o povo ela é

³⁹ Segundo o historiador Fabrício Forcato dos Santos (2008), a Peste da Bicha foi uma epidemia ocorrida no século XVII no Brasil, responsável por padecer centenas de vidas. Para controlar a doença, os médicos deste período receitavam aos doentes um "engodo", usando o cozimento da erva do bicho para que os doentes lançassem, por vômitos e evacuações, uns bichos cabeludos à semelhança de lagartas das hortas. É devido a esse procedimento que surgiu o nome da enfermidade. No dicionário da Língua Portuguesa de 1813, há a seguinte definição a respeito da "bicha": "Bicha, s. f. Insecto como a sanguexuga, lombriga, cobra" (SILVA, 1813, p. 280). Os sintomas da doença eram: calor tépido, delírios, ânsias, febre alta e grande quantidade de espirros.

singelamente a Senhora, a Mãe. De índole dogmática para os fiéis, a Virgem é considerada uma criatura privilegiada pelas prerrogativas que Deus lhe concedeu. Maria é admirada pela bondade, amabilidade, modéstia e santidade que irradiavam de todo seu ser, e pela beleza física. A Rainha é considerada, depois de seu filho, a mais perfeita das criaturas.

São por esses atributos que o culto popular mariano vem se perpetuando por séculos, manifestos nas formas de devoção inspiradas por sentimentos como a confiança na bondade, na misericórdia, na sabedoria e no poder “miraculoso” da Matriarca Divina.

Algumas nomeações recebem determinados termos em função de um fenômeno ou acontecimento “fantástico” que permeia a aparição da Virgem. Ela teria estabelecido contato com os devotos tendo em vista “alertar seus filhos” ou livrá-los do pecado por meio de graças ou milagres. Dentro dos títulos cabíveis a Maria pode-se mencionar alguns com dominações bem particulares, como as de Nossa Senhora da Gota de Ouro⁴⁰, das Treze Pedras⁴¹, do Brasil⁴², das Nuvens⁴³, da Árvore⁴⁴ e, recentemente das Águas.

⁴⁰ Segundo Notre-Dame na obra *Mille Pelerinages*, esta denominação provem de um riacho denominado “Gota de Ouro” cuja nascente se encontra em Launay, cantão de Beaumont-le-Roger na França. A Virgem é invocada todo dia 8 de setembro.

⁴¹ Em Villefranche-de-Rouergue, na França, um carroceiro dado em apuro por sua carroça estar atolada, implorou o auxílio de Nossa Senhora, que teria aparecido acompanhada dos 12 apóstolos, pousando seus pés, com precaução, nas 13 pedras que foram colocadas nesse lugar por ocasião das inundações, para ajudar os pedestres a atravessar a difícil passagem. De acordo com Notre-Dame, o bispo, informado do milagre, benzeu as 13 pedras e construiu ali o santuário em louvor a Virgem.

⁴² Em 1829, foi enviada de Nápoles para os padres brasileiros uma imagem de Nossa Senhora que conservam na igreja de Santo Efrên. Aducci (1998) conta que no dia 22 de fevereiro de 1840, um incêndio teria destruído toda a igreja em que abrigava a santa. No entanto, apenas a imagem não teria padecido sobre as chamas. Fundou-se assim a devoção a Nossa Senhora do Brasil.

⁴³ No fim de 1696, na cidade de Quito, Equador, encontrava-se gravemente enfermo o bispo de Quito, dom Sancho de Andrade e Figuerôa. Os médicos declararam-se impotentes para curar o mal e aconselharam ao paciente que recebesse os santos sacramentos. Tristes pela doença do Bispo, os habitantes de Quito teriam combinado de fazer uma manifestação de violência ao céu tomando Nossa Senhora por intercessora. Em 30 de dezembro de 1696, tanto por causa das preces a favor de seu bispo como por ser domingo, saiu da referida igreja a procissão em louvor a Virgem do Rosário.

Chegando o cortejo ao adro da igreja de São Francisco, um sacerdote teria levantado a voz, exclamando: “A Virgem! A Virgem!” Aos gritos do sacerdote todos levantam os olhos, dirigindo-os para o ponto do céu que ele assinalava com o dedo. Eram 17h. Via-se uma gigantesca imagem da Santíssima Virgem, formada como que de uma nuvem branquíssima e resplandecente, suspensa entre o céu e a terra. Aducci conta que se viam distintamente os traços do rosto, inclinado a Jesus Cristo que o tinha no braço esquerdo, e no direito, um ramo de açucenas.

A aparição se manteve no ar por alguns segundos e o prodígio da nuvem foi confirmado pela cura inesperada e rápida de S. Exa. Dom Sancho que teria iniciada no momento da aparição. Em prova de gratidão, dom Sancho não só autorizou o culto de Nossa Senhora da Nuvem para seus diocesanos, mas também erigiu na catedral de Quito um altar especial em sua honra.

⁴⁴ Segundo Notre-Dame na obra *Mille Pelerinages*, noticia-se este santuário desde 1703, na cidade de Chanonat, na França, foi encontrada uma imagem numa cavidade de uma árvore. A peregrinação a este espaço se dá no último domingo de setembro.

2.3 A festa da Rainha do rio Ivaí

Como visto anteriormente, o culto a Nossa Senhora tem suas raízes longuinhas apropriadas por diversos segmentos sociais, dando um significado novo para cada grupo ou comunidade. As festas religiosas são exemplos de expressões de fé, no entanto, a realização de um evento religioso movimenta um amplo número de pessoas, as quais começam a organizá-la meses antes do evento. Em Ivatuba, para as festas em honra a Nossa Senhora das Águas, uma comissão era formada para organizar o evento.

Os preparativos iniciavam-se ao fim das solenidades do ano vigente, período que era realizada a avaliação da festa que acabara e indicavam-se as possibilidades para o ano cedente.

No que se diz respeito à divisão de funções na organização das festividades, verificou-se uma lista de encargos, tanto para coordenadores como para voluntários, para que as responsabilidades de cada grupo ficassem mais claras. Segundo Anísio Furlan, a celebração à Nossa Senhora das Águas era, sobretudo, uma festa comunitária. Todos se dedicavam essencialmente ao objetivo de promover o louvor à Virgem da melhor forma possível.

As atividades preparatórias da festa de Nossa Senhora das Águas iniciavam-se a partir do mês de junho, período em que a comissão clerical reunia-se com os moradores dos condomínios para a tomada das primeiras decisões. Época em que um grupo de pessoas trabalhava unido em torno de um objetivo único: criar um arquétipo de festa religiosa que atendesse as expectativas da instituição eclesial, dos próprios festeiros e também do público participante.

Desde o princípio, as festividades da Virgem das Águas eram preparadas por dois grupos: o primeiro formado pelos integrantes da paróquia de Nossa Senhora do Rocio de Ivatuba, e o vigário Padre Jair Favoretto. O segundo grupo era formado por membros do condomínio Pontal do Ivaí e pela Prefeitura Municipal, responsáveis pelos momentos “profanos”, nos quais predominava o entretenimento. A eles cabiam a estrutura geral do evento, ou seja, programar reuniões para a discussão das propostas, montar equipes de voluntários para trabalhos de caixa, iluminação e limpeza do local, a compra de comidas e bebidas, cuidar da decoração do interior da Igreja, contratar os animadores, aparelhagem de som, fazer a divulgação do evento.

Na semana que antecedia a festividade, os trabalhos se intensificavam. A preparação do espaço, a arrumação das barracas, dos mastros e bandeiras, a organização dos assentos, a

preparação do local para os músicos e, por último, a decoração do caminho que liga a cidade de Ivatuba até o condomínio Pontal do Ivaí. Esse trajeto era todo decorado com bandeirinhas na cor azul e branco. Como pode ser verificado na imagem a seguir:



Imagem 20 – Alameda Silvio Furlan.
Fonte: Acervo particular do Sr. Anísio Furlan.

Essa foto remete ao registro da Alameda Silvio Furlan, que liga o município de Ivatuba com o condomínio Pontal do Ivaí. Ao fundo é possível avistar o montante de carros estacionados e um ônibus que segundo, o prefeito Vanderlei Santini⁴⁵, era cedido todo ano pela prefeitura para a população que não tinha como se locomover até o local da celebração.

A sua divulgação dava-se por meio de jornais, de folders e cartazes. Nos primeiros dias do mês de agosto, o evento era noticiado na imprensa regional. Abaixo uma nota do jornal eletrônico Hnew⁴⁶ com a menção ao evento:

Ivatuba, cidade a 40 quilômetros de Maringá, com menos de 2.800 habitantes, deve receber cerca de 3 mil pessoas, de 19 a 21 deste mês, para a Festa de Nossa Senhora das Águas. Entre os atrativos estão o prato típico do município – a leitoa desossada recheada – e a sexta edição da navegação fluvial. A homenagem à padroeira surgiu em 1997. Ao lotear um terreno a beira do rio Ivaí para condomínios e havendo necessidade de água potável contratou-se uma empresa para perfurar poços.

Eles perfuraram a 800 metros e não encontraram água. Um dos moradores sugeriu que chamasse o padre Jair Favoretto para abençoar o local. Feito isso, a empresa encontrou água a 30 metros.

Diante do fato, foi instituída uma missa, que resultou na incorporação da idéia de se ter uma padroeira, baseada em Nossa Senhora dos Navegantes.

Uma imagem foi cunhada em Aparecida do Norte (SP), com o nome de Nossa Senhora das Águas. à padroeira da cidade.

⁴⁵ Entrevista realizada na cidade de Ivatuba, no Paço Municipal José Gimenez Álvares, no dia 13 de novembro de 2010 tendo, 1h e 20 min. de duração.

⁴⁶ Disponível em: <<http://www.hnews.com.br/2008/09/procisso-fluvial-deve-atrair-3-mil-pessoas/>>. Acesso em: 25 jul. 2011.

De acordo com a prefeitura, pelo menos 50 barcos, de toda a região, devem participar da procissão fluvial com a imagem de Nossa Senhora das Águas, saindo do condomínio Pontal do Ivaí.

Depois do percurso pelas águas, a procissão segue de carro até a igreja matriz, onde ocorrerá a missa.

Nos três dias será servido o prato típico. A leitoa desossada recheada é um dos atrativos e faz parte do calendário gastronômico da região. Até ontem, somente para o almoço, foram vendidos mais de 1 mil convites.

Uma segunda forma de divulgação ocorria através da distribuição de cartazes de propaganda, fixados em locais estratégicos da cidade e nas regiões de maior circulação de pessoas, principalmente, em espaços públicos como a prefeitura municipal, o centro de saúde, o hospital público, as escolas municipais e estaduais, e também, nos estabelecimentos comerciais como supermercados, açougues, postos de gasolinas, farmácias, lanchonetes e restaurantes.

Além disso, algumas pessoas representantes do poder público recebiam um convite formal: impresso e nominal, contendo a descrição de toda a programação festiva daquele ano. O prefeito Vanderlei Santini lembra que, um mês antes da realização da festa, convidou algumas autoridades políticas da redondeza, ratificando a importância da festa para a região.

Outra maneira singular de divulgação era a do “boca a boca”, através de conversas informais entre os moradores da cidade e durante os avisos dos padres nas missas, em suas respectivas comunidades.

A comemoração em Ivatuba, no dia de homenagem a Maria tinha início às 09h, com desfile fluvial. A Virgem era colocada em um barco e seguida por diversos romeiros. O caminho percorrido prosseguia até os limites da cidade de Cianorte. Nas imagens a seguir pode-se observar o instante em que esses barcos adentravam nas margens do rio Ivaí e saía o cortejo fluvial em louvor a Virgem:



Imagem 21 – Procissão fluvial.
Fonte: Acervo particular do Sr. Anísio Furlan.

Na Imagem 21, percebe-se a interligação entre as distintas representações em torno da imagem de Nossa Senhora das Águas. A imagem aparece em destaque em uma altura superior aos demais elementos da fotografia. Posteriormente, notam-se os fiéis em procissão e, no último quadro percebe-se o ambiente em que a Santa intercede pelos seus devotos: o rio Ivaí e a flora regional.

Para Jacques Aumont (2004), a fotografia é veiculada na forma codificada, cabendo ao historiador interpretá-la e decifrá-la. Em uma mesma imagem existem diversas representações, entendidas pelo autor, como “um processo pelo qual se institui um representante que em certo contexto limitado tomara o lugar do que o representa” (AUMONT, 2004, p. 103). Do seu ponto de vista, ela é arbitrária na medida em que se baseia na “existência de convenções socializadas” (AUMONT, 2004, p. 103)

O cortejo fluvial tinha a duração de 1h e conforme a imagem se aproxima da gruta, hinos eram cantados pelos romeiros em louvor a Virgem Maria. Segundo a então Secretária de cultura e devota, Claude Ghelere⁴⁷, não existia regra para esse momento: o “coral da comunidade ‘puxava’ os cânticos e o coro seguia”.

Após procissão terrestre, iniciava-se a Missa em louvor a Nossa Senhora das Águas, normalmente o templo era formado por barracas cedidas pela prefeitura municipal e pela a Cooperativa Cocamar⁴⁸. Esse espaço recebia ornamentação de acordo com as tonalidades da indumentária da Santa. Furlan recorda que, em alguns anos, o ambiente foi decorado com bexigas na forma de peixes, crustáceos e outras alimárias aquáticas. Na Imagem 22, podem-se observar alguns desses adornos inseridos na tenda, onde os fiéis e os membros do clero se encontravam para louvar a Rainha do rio Ivaí.



Imagem 22 – A Tenda para a celebração de Nossa Senhora das Águas.
Fonte: Acervo Anísio Furlan.

⁴⁷ Entrevista realizada na cidade de Ivatuba, na Escola Municipal Afrânio Peixoto, no dia 9 de março de 2011, com 60 min. de duração.

⁴⁸ A Cocamar - Cooperativa Agroindustrial de Maringá - foi fundada em 27 de março de 1963 e na época era denominada de Cooperativa de Cafeicultores de Maringá Ltda. Disponível em: <www.cocamar.com.br/historia.php>. Acesso em: 22 jul. 2011.

A padroeira do rio Ivaí era exposta no lado direito do altar, enfeitada com fitas e sob vários balões azuis e brancos que formavam um semicírculo ou arco. Nas celebrações mais solenes, como é o caso da missa em louvor a Rainha do Ivaí, o altar era ungido pelo sacerdote no ritual da incensação - pode ser usado durante a procissão de entrada, no princípio da Missa, para incensar a cruz e o altar, durante a procissão maior e a proclamação do Evangelho, depois de colocados o pão e o cálice sobre o altar, para incensar as oblatas, a cruz, o altar, o sacerdote e o povo. O mesmo procedimento pode ser repetido na ocasião da ostentação da hóstia e do cálice, após a consagração- sacralizando ainda mais o espaço.

A imagem ficava no centro desse arco e sobre uma espécie de altar, construído para a virgem, onde brotava uma singela “cascata”. Nossa Senhora ficava à frente da queda d’água. Desse modo, os organizadores recriavam o mito fundador dessa Santa, responsável por conceder um bem maior aos seus “filhos”, o “bem potável” sem o qual não existiria vida. Velas eram acesas diante dela, do lado direito e esquerdo uma vez que elas simbolizavam a luz, a direção a seguir. Na Imagem 23, verificam-se mais detalhadamente os adornos supracitados.



Imagem 23 – Altar de Nossa Senhora das Águas.
Fonte: Acervo Anísio Furlan.

Nesta imagem, o fotógrafo, apesar de optar por um enquadramento vertical e provocar a concentração das linhas de visão, procurou inserir em um mesmo quadro a Santa, as rosas, folhas de coqueiros e a referida “cascata”.

Ao analisar uma imagem, é crucial considerar que existe um inevitável laço entre o fotógrafo, a câmera e o assunto tratado que, em última instância, resultam de representações diferenciadas do objeto e traduz a visão do mundo de quem captam as imagens. Segundo Peter Burke (2004), o uso da imagem como fonte de pesquisa pode enriquecer o conhecimento e a compreensão do passado, no entanto, exige extremo cuidado quando se procura decifrar os símbolos representados.

A missa da Virgem, um dia especial para a comunidade religiosa católica ivatubense, contava com a presença ativa dos fiéis que, por um ou outro motivo, participariam do ato religioso. Olinda Tenedine destaca que “muita gente que, não se via nas missas de sábado ou domingo, aparecia no dia da festa de Nossa Senhora das Águas”. Na barraca que abrigava os romeiros, as pessoas se postavam sem obedecer a uma ordenação especial, sem hierarquias.

A cerimônia se iniciava ao canto do Hino Nacional pelos romeiros, o que sob a ótica do Padre Jair Favoretto seria uma forma de homenagear o país e também uma maneira de demonstrar o amor e carinho que a Virgem tinha por toda nação. Após o cântico, o Pároco fazia alguns agradecimentos e concedia a palavra ao prefeito vigente. No ano de 2005, o prefeito Adolfo Semprebom ressaltou a importância da Santa para comunidade local, referenciando a festa como uma “tradição” do município. Para ele, os Ivatubenses se identificavam e veneravam a Virgem por ela ter nascido no seio da sociedade católica da região. No seu discurso, Semprebom agradeceu primeiramente a Deus, a Nossa Senhora das Águas e a todos que ajudaram na organização do evento. Como prova de gratidão à Santa, ainda salientou que a região vinha sofrendo pela falta de chuvas⁴⁹, mas com a realização da festa o “tempo” teria mudado e já era “possível ver alguns raios e trovões”⁵⁰.

Vale lembrar que Erick Hobsbawn (1984) afirma que algumas tradições, por mais que pareçam ser antigas, foram inventadas em curto espaço de tempo. Assim, o historiador define o termo “tradição inventada” como um complexo de práticas geralmente reguladas por normas subentendidas ou claramente aceitas. Essas práticas de ordem ritual ou simbólica tendem a firmar certos valores e normas de comportamentos pela repetição, o que resultaria numa continuidade de um passado histórico apropriado. Por essa via, o autor argumenta que a

⁴⁹ Entendemos por problemas como temperatura elevada, baixa umidade, incidência de queimadas, declínio do nível dos rios.

⁵⁰ Retirado da filmagem “3ª festa de Nossa Senhora das Águas”(2005), sequência 30 min e 39 segundos.

invenção da tradição ocorre com mais frequência quando uma transformação rápida da sociedade aniquila os padrões sociais para quais as tradições foram feitas, produzindo novos modelos (HOBBSAWN, 1984).

Para o historiador Hobsbawm, a construção dos símbolos é um dos fatores que ajuda na agregação das tradições inventadas por parte das sociedades. A utilização de elementos antigos destes povos, aliadas a uma linguagem elaborada e compostas de práticas e comunicações simbólicas religiosas, tendem a ser associadas aos problemas presentes no seu cotidiano.

Assim, para Hobsbawm (1984), o processo de criação e invenção das tradições pode estar estreitamente relacionado com tradições já conhecidas. As novas tradições se apegam aos ritos e ações já conhecidas. Um exemplo claro é o objeto desse estudo: parte significativa do festejo é similar aos ritos da celebração em louvor a Nossa Senhora dos Navegantes. No caso da festa realizada no condomínio Pontal do Ivaí, ocorreu uma adaptação e a reutilização do cerimonial da Virgem dos Navegantes, aliás, essa mudança parece ter sido fundamental para que a população de Ivatuba se identificasse com a comemoração.

Após o discurso do prefeito Adolfo Semprebom, o padre Jair Favoreto apresentou o então pároco de Ivatuba, Edmilson Gonçalves. Segundo o Sr. Anísio Furlan, este foi o único sacerdote da paróquia Nossa Senhora do Rocio (matriz da cidade) que participou efetivamente das solenidades em tributo à Virgem das Águas - indício de que os problemas entre autoridades clericais não foram resolvidos.

No início da celebração, o coral composto por vozes masculinas e femininas entoou o cântico em louvor a Nossa Senhora, com os dizeres “nossa senhora vimos a ti louvar unidas à natureza, o nosso canto entoar” – uma clara referência a um dos encargos atribuídos à Rainha do Ivaí, ou seja, a proteção ao meio natural e à paisagem cultural. Durante o rito litúrgico, a relação entre a fauna, a flora e Nossa Senhora das Águas foram exploradas a fim de estabelecer ou reforçar os vínculos entre elas, e a missão da Santa e do seu povo. Trata-se do ponto de convergência da construção discursiva que incorporava as representações de Nossa Senhora das Águas e um dos problemas mais sérios enfrentados pelos homens na atualidade: a preservação do meio e da vida.

Apesar da apresentação do Pe. Edmilson à comunidade, quem presidiu a celebração foi o pároco Jair Favoretto, logo, foi responsável pela homilia. O celebrante dirigiu sua pregação aos presentes e aproveitou para ressaltar os valores morais a serem observados pelos cristãos.

Nessa ocasião foram exaltadas as virtudes da Virgem Maria, tais como a de boa mãe, protetora e religiosa, além de assinalar os problemas ambientais que afetavam a região.

Era comum nas homilias do Pe. Jair Favoreto a alusão aos deveres dos cristãos necessários para o equilíbrio e salvação do planeta. Os seus sermões enfatizavam a importância da água como bem indispensável para a sobrevivência da humanidade e, retomava os compromissos assumidos pelos fiéis e pela Virgem Maria no pela preservação do rio Ivaí. Nessa linha, o padre associava a imagem de Maria à divindade protetora daqueles que necessitavam economicamente das águas do rio para viver - pescadores, agricultores, entre outros - e daqueles que zelavam e oravam pelo equilíbrio do planeta.

As homilias dos párocos propiciaram a propagação de percepções místicas, solidificando a compreensão dos significados elaborados pelos sujeitos que vivem nesse espaço. Assim, as representações dos milagres, que a Santa supostamente realizou, apresentam aspectos peculiares. Uma hipótese seria a fama disseminada pelo pároco Jair Favoretto, de que o número de óbitos no leito do rio Ivaí diminuiu consideravelmente após a proclamação da Virgem como padroeira e protetora do local.

Nesse sentido, cabe lembrar que as histórias de cunho cristão, levam os indivíduos a imergir no mundo místico, pois acreditam na palavra do padre e a mantém como verdadeira, produzindo novas narrativas e vivências. De acordo com Chartier (2002, p. 31):

Em determinada época, o cruzamento de diferentes suportes (lingüísticos, conceituais, afetivos) comanda ‘modos de pensar e de sentir’ [...], por exemplo, sobre os limites entre o possível e o impossível ou sobre as fronteiras entre o natural e o sobrenatural.

Para Chartier (2002), as representações coletivas podem ser consideradas o conjunto de bases, responsáveis pela a sustentação das práticas culturais que edificam o próprio mundo social. “Mesmo as representações coletivas mais elevadas não têm existência, não são realmente tais senão na medida em que comandam atos”, salienta o historiador Chartier (2002, p. 11).

Para tanto, nota-se que há a criação de um enredo simplificado. A história narra a importância do bem potável no lote banhado pelo rio Ivaí e a participação da virgem, sendo o rio e a religiosidade aspectos fundamentais para a legitimação perante a comunidade católica.

As análises dos depoimentos e homilias do Padre Jair Favoretto constataram que a crença, sobre a Imaculada do rio Ivaí, tem história própria e encontra terreno fértil entre os romeiros que as tomam com seriedade e as preservam. Dessa forma, são propagadas as práticas que influenciam a maneira como eles convivem com o sobrenatural. Talvez, a

principal delas esteja relacionada ao processo de apropriação dos seus significados pelas gerações que se sucedem. Esta inferência se justifica pelo fato de que as crenças são parte de um conjunto de elementos presentes no cotidiano dos habitantes, atuando sobre os indivíduos de todas as faixas de idade. Constata-se que a história de Nossa Senhora das Águas têm os elementos que dão subsídios a sua prosperidade.

Cabe salientar que o Pe. Favoretto, nas suas homilias, tratou o tema como recurso natural essencial para o desenvolvimento da região, indo além do ponto de vista sociocultural. Em sua preleção, referia-se a água como elemento fundamental para a conservação dos ciclos geológicos e biológicos, responsáveis por manter em equilíbrio o ecossistema. Para tanto, explanava que algumas medidas simples e acessíveis para a população fariam a diferença no presente e no futuro, principalmente, as atitudes devotadas à proteção das nascentes dos rios, à conservação das matas ciliares, ao combate à poluição e à redução do consumo diário da água.

A homilia, canal normativo, constituía uma ligação entre as “coisas de Deus” e os homens, induzindo os devotos a refletir sobre as questões espirituais e comportamentais. Por isso, Favoretto procurava garantir que determinados princípios prevalecessem na comunidade católica, em especial, entre aqueles que partilhavam a fé em Nossa Senhora.

Após as missas, eram realizadas algumas apresentações teatrais em louvor a padroeira do Ivaí, tendo sempre como pano de fundo a natureza, os rios, os pescadores, enfim, aspectos ligados ao mundo em que a Virgem das Águas. Também havia uma premiação para os barcos decorados participantes da procissão fluvial. Após as solenidades, os devotos interagiam nas barracas que vendiam quitutes, como cachorro quente, crepe, pastel, churrasco, doces, entre outros petiscos.

O Sr. Furlan relembra que alguns artistas locais se apresentavam no palco próximo à gruta – um momento de interação entre fiéis. Sendo os shows uma das balizas profanas da festa – discussão aprofundada no próximo capítulo.

Para Maura Regina Petruski (2008), tais ritos religiosos foram moldados pelo cristianismo desde a sua gênese e assimilaram determinadas tradições próprias do espaço territorial e das culturas populares, entre as quais se incluem as mais diversas manifestações festivas. No entanto, foi apenas no Concílio de Trento (1545-1563) que o Vaticano reconheceu a relevância dessas práticas dentro da instituição. Petruski (2008) atenta que o reconhecimento veio pelo número dos participantes e por servir como instrumento pastoral e catequético.

Na festa de Nossa Senhora das Águas, detectamos a convivência entre elementos sagrados e profanos que se hibridam durante o período festivo, assim, no próximo capítulo

atentara-se para os rituais sagrados estabelecidos pelo clero e presentes nas festividades, como as procissões, tanto fluvial quanto terrestre.

Nessa unidade primou-se pela reflexão sobre o culto Mariano e como foi apropriado por distintos segmentos sociais; se retomam as particularidades da celebração de Nossa Senhora das Águas, reconhecida como um patrimônio cultural imaterial local. Preservar esta celebração é essencial para compreensão e manutenção da cultura popular em Ivatuba e no Norte do Paraná.

No próximo capítulo serão discutidos alguns indicativos das razões que contribuíram para o desabrochar do sentimento de identidade entre a população de fiéis e a Santa do Ivaí.

3 RAINHA DO IVAÍ E DE IVATUBA

O capítulo anterior descreveu e caracterizou a festa de Nossa Senhora das Águas na cidade de Ivatuba, assim como a compreensão da imagem da Virgem Maria pela Igreja Católica sancionada no último milênio.

Essa unidade ocupa-se da discussão de alguns aspectos peculiares do culto da Virgem do Ivaí, responsáveis por sua popularização entre os habitantes de Ivatuba, em contraposição aos festejos de Nossa Senhora do Rocio, padroeira do município. Ademais, analisam-se os embates políticos entre os vigários locais, a organização do ritual da procissão em especial o momento na qual o romeiro e folião entram em contato com o “sagrado”.

3.1 Das águas do Ivaí para as ruas de Ivatuba

Durante o levantamento de fontes para essa pesquisa, observou-se que alguns aspectos explicitaram debates profundos. Como pode um festejo tão recente atingir um nível considerável de popularidade e participação entre os católicos ivatubenses? A resposta a esse questionamento está imbricada nas transformações que atingiram o louvor a Nossa Senhora das Águas e a população católica da cidade.

O primeiro fator para essa identidade entre a população se deu pela legitimação da Santa Ivatubense pelo arcebispo Dom Jaime Luis Coelho, muito respeitado na região. Cabe ressaltar que Dom Jaime nasceu no dia 26 de julho de 1916, em Franca, no Estado de São Paulo. Iniciou seus estudos no seminário da homônima cidade, cursando Filosofia e Teologia. No ano de 1941, recebeu a ordenação presbiteral na Catedral de Rio Preto. No dia 3 de dezembro de 1956, aos 40 anos, foi designado bispo da recém-criada diocese de Maringá no Estado do Paraná. Durante 40 anos à frente da arquidiocese Maringaense foi responsável por uma série de acontecimentos que marcaram a cidade, como a Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Glória, símbolo da cidade, a fundação da Livraria Irmãs Paulinas, a implantação do jornal diário Folha do Norte do Paraná e da TV católica 3º Milênio. Além disso, colaborou para a fundação da Faculdade Estadual de Ciências Econômicas, onde foi ministrado o primeiro curso superior de Maringá.

Como se procurou rapidamente demonstrar, D. Jaime estabeleceu com a população de todo a região Norte do Paraná relações de respeito, sendo uma figura sempre presente em comemorações cívicas e religiosas. O mesmo ocorreu com o município de Ivatuba. Segundo Rosilda Von Kriger, o convite para o arcebispo presidir a celebração no ano de 2002 partiu da família do Sr. Ângelo Celestino⁵¹, pois nas ocasiões em que o bispo visitava a cidade era acolhido na casa dos Celestinos desde o início da década de 1970, segundo Roseli, filha do Sr. Ângelo.

A chegada do bispo na cidade era sempre motivo de celebração, movimentava grande parte da comunidade católica, que se unia em um só objetivo, recepcioná-lo da melhor maneira possível. Normalmente, Dom Jaime se dirigia até Ivatuba nos meses de maio, quando era ordenado ao Sacramento da Crisma para os jovens munícipes e esporadicamente nas nomeações de um pároco novo.

Segundo Claudete Ghelere, as missas que contavam com a participação do arcebispo eram sempre as mais numerosas. A homilia de Dom Jaime era admirada pela comunidade católica. No ano de 2002, durante a celebração que legitimou a Santa das Águas como Nossa Senhora, Mãe do filho de Deus, como Rainha nascida nas margens do rio Ivaí clamando por socorro e proteção ao meio ambiente.

O sentimento mariano, escasso no município, pelas trocas de padroeiros, de São Sebastião para Nossa Senhora do Rocio, tomava força com a instituição de Nossa Senhora das Águas, antes padroeira do condomínio Pontal do Ivaí e, posteriormente, patrona do rio homônimo.

Uma gruta foi especialmente construída às margens do rio Ivaí em honra e tributo a Santa. Sua edificação contou com apoio e patrocínio da Prefeitura Municipal.



Imagem 24 – Gruta de Nossa Senhora das Águas.
Fonte: Acervo João Paulo P. Rodrigues.

⁵¹ Os senhores Ângelo e Benedito migraram do Estado de São Paulo para Ivatuba no ano de 1968, quando compraram um lote de 28 alqueires destinados para a produção de café e extração de madeira.

Ao analisar a imagem atenta-se para a placa ao lado direito da gruta, com os dizeres “Gruta de Nossa Senhora das Águas, apoio Prefeitura Municipal, Dom Jaime Luiz Coelho, Pároco Jair Favoretto e Anísio Furlan”. Clara referência aos responsáveis pela construção da figura da Santa do Ivaí.

A escolha do local da gruta deve-se a dois fatores: a sua proximidade da mata verde e das margens do rio Ivaí; de modo a reforçar a representação daquela que é considerada intercessora e protetora da natureza. Anísio Furlan recorda que, mesmo quando o rio subiu pelas chuvas fortes, a gruta e a imagem nunca foram danificadas. Outro fator determinante para a construção de uma identidade da Santa pela população de Ivatuba refere-se às apresentações da Virgem na cidade. No ano de 2003, a Prefeitura Municipal organizou um desfile comemorativo aos 42 anos de emancipação política. O município foi dividido em grupos que teriam a responsabilidade de levar às ruas o que consideravam mais relevantes e essenciais no espaço onde moravam.

O catarinenense radicado em Ivatuba, Saul Dandolini⁵², revela que desde os primeiros anos de emancipação política, o município sempre promoveu desfiles comemorativos ao dia do aniversário da cidade. Os cortejos cívicos na cidade visavam homenagear os “heróis do passado”, acontecimentos relevantes na época ou apresentar as características e particularidades de Ivatuba.

Cada evento tinha uma temática central e dela desdobrava-se um conjunto de elementos veiculados à história da cidade. Dandolini recorda que em 1969, no aniversário de oito anos, a cidade homenageou a expedição da Apollo 11⁵³. Em julho do mesmo ano, o homem posou pela primeira vez na lua.

Na fotografia a seguir, observa-se o momento em que o carro alegórico passava pela Avenida João XXIII.



Imagem 25 – Desfile de aniversário de oito anos de Ivatuba.
Fonte: Acervo: Adolfo Semprebom.

⁵² Entrevista realizada no dia 06/12/2011 tendo 40 min de duração.

⁵³ Apollo 11 foi a quinta missão do Programa Apollo a pousar na Lua em 20 de julho de 1969.

Nessa imagem observa-se que o foco do fotógrafo está notoriamente no carro alegórico. Ao centro notamos três figurantes representando os astronautas da missão Apollo e ao centro deles o então prefeito Adolfo Semprebom. Acompanhando-os havia três mulheres que figuram próximo à nave.

Dandolini recorda que naquele período poucas pessoas tinham acesso à televisão, logo a montagem do carro alegórico foi feita com base nas fotografias encontradas em jornais, como a Folha de Londrina e o Estado de S. Paulo.

É certo que o uso da fotografia propagou-se no século XX e passou a ser utilizada como registro dos mais diversos acontecimentos. A possibilidade de “registrar” um momento trouxe para o campo historiográfico o debate sobre suas possibilidades indiciárias do passado, de forma que, se durante muito tempo o historiador privilegiou a utilização da fonte escrita, há algum tempo vêm incorporando em seus trabalhos as imagens.

Porém, como qualquer outra fonte, a fotografia deve ser questionada, analisada e confrontada. Nesta pesquisa entende-se que, para o historiador, “[...] utilizar a evidência de imagens de forma segura, e de modo eficaz, é necessário como no caso de outros tipos de fonte, estar consciente das suas fragilidades” (BURKE, 2004, p. 18). Fundamentalmente, é preciso considerar que ela em si não é neutra: a fotografia fala, tem um discurso que deve ser visto e revisto dentro de um contexto em que foi produzida. Conforme aponta Burke (2004), as imagens interessam ao historiador, tanto pelo que deixam transparecer quanto ao que omitem.

Nessa direção, destaca-se o instante em que se iniciava o desfile comemorativo no ano de 1969.



Imagem 26 – Desfile de aniversário de oito anos de Ivatuba.
Fonte: Acervo Adolfo Semprebom.

Nota-se que trata de registro organizado do evento e que em perspectiva hierárquica o foco recai sobre o menino ao centro, que segura o cartaz com os dizeres “Parabéns Ivatuba pelos seus 8 anos”. Ele é Anísio Furlan, síndico do condomínio Pontal do Ivaí, que fora escolhido por ter nascido no mesmo ano em que a cidade foi emancipada politicamente (1961). Na sequência, adolescentes e adultos compunham as outras alas do desfile.

Nessa imagem, cabe destacar outros aspectos, como o chão batido e as casas de madeira, comuns naquela época. Rosanna Steinke (2011) assinala que alguns estudos mostram que o desmatamento era visto como um negócio civilizador, porque as árvores derrubadas representavam a abertura de campos que viriam a constituir núcleos urbanos de distintos tamanhos. O que estava de acordo com o pensamento da época, cujo intuito era promover a expansão de fronteiras e incentivar a migração para lugares como o Norte do Paraná. Logo, não é por acaso que as casas de madeira são enquadradas como signos da prosperidade e do progresso.

Em 1969, o trajeto do desfile cívico em Ivatuba ocorria na Avenida João XXIII e terminava no cruzamento da mesma com a rua Rio de Janeiro, em frente ao paço municipal. No final da década de 1970, o evento foi deslocado para a Avenida Jaime Canet Jr. Oito anos depois, o próprio Jaime Canet participou do desfile ao inaugurar a antiga avenida principal com o seu homônimo.



Imagem 27 – Inauguração da Avenida Jaime Canet.
Fonte: Acervo Adolfo Semprebom.

Nesse retrato, o fotógrafo preocupou-se em registrar de forma panorâmica e ampla a multidão que se aglomerava próximo ao palanque, onde estava o então governador Jaime Cannet Jr (no canto direito próximo do microfone) e o então prefeito Nivaldo Trevisan (ao lado de Cannet de costas para a fotografia).

Na foto, em que Jaime Canet Júnior discursa, observam-se novas referências ao desenvolvimento de Ivatuba e o crescimento populacional. O ângulo utilizado pelo fotógrafo de origem desconhecida propicia a expectativa de progresso. A figura do então governador Jaime Canet no canto direito e em plano superior reforça a construção visual do poder e da autoridade exercidos pelos políticos nomeados durante o regime militar no Brasil.

Outro artefato que chama a atenção é o cálice no canto direito da imagem. Percebe-se que provavelmente teria ocorrido alguma celebração católica no mesmo local, costume comum entre os ivatubenses. Segundo o prefeito Vanderlei Santini, essas solenidades sempre se iniciavam com a missa e bênção do pároco regente.

Ao analisar a fotografia é cabal perceber, conforme Burke (2004), que as imagens registradas contribuem para reafirmar a transmissão de valores e auxiliam a perpetuação de um grupo.

O uso de imagens por historiadores não pode e não deve ser limitado a ‘evidencia’ no sentido estrito do termo. Deve-se também deixar espaço para o que Francis Haskell denominou ‘o impacto da imagem na imaginação histórica’. Pinturas, estatuas, publicações e assim por diante permitem a nós posteridade, compartilhar as experiências não-verbais ou o conhecimento de culturas passadas (BURKE, 2004, p. 17).

Além disso, o estudo de algumas imagens fotográficas revela quais foram as representações criadas nessas celebrações e no contexto histórico. Dessa forma crucial para o desenvolvimento dessa pesquisa o material audiovisual que captou particularidades da festa em tributo a Nossa Senhora das Águas. No início do século XXI, os desfiles tornaram-se comuns novamente, segundo João Evangelista Gimenes Rodrigues⁵⁴, no ano de 2000, a homenagem focou-se nas instituições estabelecidas na cidade, como escola, câmara de vereadores e a polícia militar. Na mesma semana, a paróquia Nossa Senhora do Rocio completava 40 anos de existência e participou de uma festa com a presença de diversos padres que trabalharam nessa comunidade. No entanto, chama a atenção, conforme os depoimentos supracitados, que em nenhum destes festejos a imagem da padroeira Nossa Senhora do Rocio tenha tido um lugar destacado no desfile.

⁵⁴ Entrevista realizada no dia 6 de dezembro de 2011, tendo 25 min de duração.

No desfile que comemorou os 39 anos do município, observa-se na imagem a seguir, que o fotógrafo optou por um enquadramento na horizontal, possibilitando retratar os alunos que desfilavam a uma curta distância ao fundo a urbe ivatubense, precisamente o início da Avenida Jaime Canet Jr. Chama a atenção o fato de as crianças estarem carregando a bandeira do Brasil, a do Paraná e a de Ivatuba. As crianças usam o uniforme da Escola Afrânio Peixoto e ao centro observamos Ângela Matesco, professora das séries iniciais, coordenando o desfile.



Imagem 28 – Desfile comemorativo aos 39 anos de Ivatuba.
Fonte: Acervo Vanderlei Santini.

O ângulo de tomada da fotografia compõe uma escolha decisiva e auxilia a construir uma impressão de realidade atrelada ao retrato. Segundo Joubert Teixeira (2005, p. 100), “Esse tipo de angulação oferece certa impressão de imponentia, porque se a fotografia for tirada de cima para baixo, os objetos retratados parecerão menores, se for tirada de baixo para cima haverá a impressão de aumento dos mesmos”.

Em 2003, a inclusão da Santa do Ivaí no cortejo colocou em evidência o papel assumido pela Virgem na cidade, principalmente porque a ideia partiu dos devotos. Diante de tais manifestações, Furlan e o Pe. Jair Favoretto acataram o pedido dos fiéis e levaram a imagem da Rainha das Águas até a cidade. Como se vê a seguir, um barco foi adornado com o intuito de carregá-la.



Imagem 29 – Barco em louvor a Nossa Senhora das Águas.
Fonte: Acervo Anísio Furlan.

Ao analisar a fotografia, nota-se o cuidadoso preparo da embarcação decorada com artefatos de tonalidades azul claro e o branco, predominantemente remetem a pureza das águas do rio e também à virgindade de Maria. A embarcação estava decorada com rosas brancas, vermelhas e cor-de-rosa. A rosa branca é o símbolo da pureza e da inocência, do respeito e da reverência, a vermelha refere-se ao amor intenso e a cor-de-rosa está relacionada à gentileza, à gratidão, aos atributos conferidos à na figura de Nossa Senhora.

No barco havia espaço também para bexigas nas cores azul e branca, tons encontrados na indumentária da Rainha do Ivaí. Os balões foram adicionados como representação de presentes, cujo intuito era o de agradecer os pedidos alcançados. Furlan recorda que alguns balões tinham a forma de peixes e crustáceos, uma tentativa de representar o espaço aquático da Virgem.

A alegoria se completa quando ao lado esquerdo da Santa é adicionado um banner com os dizeres “Ajude a Ivatuba lapidar o seu diamante, incentivando o turismo regional”. O termo “incentivando” funciona nesse contexto como apoio financeiro. Nesse período, o condomínio Pontal do Ivaí despertava como negócio promissor, principalmente para aqueles que procuravam diversão e lazer, longe dos grandes centros urbanos.

Outro indício que chama a atenção no cortejo foi as faixas que antecederam a Santa, como se pode observar na imagem a seguir.



Imagem 30 – Desfile de 42 anos do aniversário de Ivatuba.
Fonte: Acervo Anísio Furlan.

A fotografia pertencente ao acervo de Anísio Furlan transparece com ímpeto a ideia entrelaçada no ideal de turismo e lazer propagado por Furlan e Pedro Mariano no período de comercialização dos lotes do condomínio Pontal do Ivaí (conforme se destacou no primeiro capítulo). O loteamento e o nome do seu fundador estão escritos com letras garrafaís destacando “Anísio Furlan” escrito em vermelho, tonalidade que simboliza o poder, a vitalidade e a confiança para si mesmo. Características autodenominadas por Furlan em seu empreendimento.

Na segunda faixa, o destaque remete-se ao Pontal do Ivaí, que por sua vez parabeniza Ivatuba pelos seus 42 anos. Esta seria uma forma de homenagear a cidade, mas também uma maneira de difundir propagandas sobre o loteamento. Essa segunda faixa é escrita toda na cor azul, contrapondo-se a primeira e a terceira que mesclam o azul com o vermelho.

No fundo da imagem, encontramos a última faixa, com os dizeres “Que Nossa Senhora das Águas, ilumine os caminhos de Ivatuba, Pontal do Ivaí”, o banner que deveria abrir o desfile para a Santa acabou sendo colocado na última escala de importância, porque apesar do nome Nossa Senhora das Águas estar escrito em vermelho, são os dizeres sobre o Pontal do Ivaí que recebem destaque na faixa (letras em maiúsculas e na cor preta). Nas três faixas que antecederam a embarcação, o nome do loteamento está presente, portanto não restam dúvidas de que a intenção de Furlan era divulgar o nome do condomínio.

Mas, o número exacerbado de propagandas inseridas nos cortejos da Santa não foi suficiente para ofuscar a presença dela. Olinda Tenedine⁵⁵ recorda que no momento em que as pessoas viram a Imagem, a alegria e emoção tomaram conta dos devotos. Essa passagem

⁵⁵ Entrevista realizada no dia 12/12/2011 tendo 30 min de duração.

ficou marcada pelo nome “a Santa vai às ruas”, pois foi a primeira vez que deixou seu santuário e saiu em direção “ao encontro do seus fiéis”⁵⁶.

3.2 Embates, mudanças e conflitos.

No ano de 2007, novamente a Santa saiu do condomínio Pontal do Ivaí e tomou as alamedas de Ivatuba, porém, a razão para o cortejo ser em solos ivatubenses não estaria ligada a algum desfile comemorativo, como acontecera em 2003, mas pela falta de espaço para acomodar os fiéis e romeiros.

Já em 2006, preocupados com o número de devotos que ultrapassavam a barreira dos 3 mil, o Padre Jair Favoretto, Anísio Furlan e o então prefeito Adolfo Semprebom tiveram a ideia de produzir um adesivo distribuído aos moradores das paróquias que, anualmente, participavam da celebração. O mesmo teria a finalidade de controlar o número de participantes no evento, porque somente quem possuísse o decalque poderia entrar no condomínio Pontal do Ivaí e partilhar das festividades. Essa também era uma forma de “selecionar” os devotos, pois tinham acesso aos adesivos apenas quem dirigisse às paróquias previamente determinadas (Nossa Senhora do Rocio em Ivatuba, Sagrado Coração de Jesus, em Maringá, São Pedro, em Doutor Camargo e Paróquia Nossa Senhora do Rosário, em Floresta).

Com apoio financeiro da Prefeitura Municipal de Ivatuba, foram confeccionados os adesivos que serviriam como “passaporte” para a festa de Nossa Senhora das Águas. Olinda Tenedine explica que os adesivos eram entregues para a população ao final das missas de domingo. A então ministra de eucaristia recorda que a procura pelos decalques intensificaram-se na semana que antecedeu a festa. Claudete Ghelere, Secretária de Cultura, naquela ocasião, afirmou que os adesivos também eram distribuídos pela Prefeitura Municipal, para os visitantes de outras cidades. Assim, o adesivo funcionava também como um convite formal para devotos e romeiros mais ilustres e veiculados às práticas católicas regulares como, por exemplo, frequentes missas aos domingos.

⁵⁶ Grifos de Olinda Tenedine



Imagem 31 – Adesivo da Festa de Nossa Senhora das Águas. Dimensões 10 cm x 10 cm.

A Imagem 31 reproduz o adesivo confeccionado no ano de 2006, nele são informados a data e o local da celebração. O decalque apresenta, no primeiro plano, a imagem de Nossa Senhora das Águas e ao fundo são ostentados símbolos intrínsecos a sua história, tais como pescadores, o rio Ivaí e a flora ivatubense.

Apesar da iniciativa no sentido de controlar o número de fiéis, o montante ultrapassou o público presente na festividade de 2005. Segundo Anísio Furlan, foram contabilizados aproximadamente 3.500 romeiros, em grande parte pertencentes aos municípios de Ivatuba.

Assim, no ano de 2007, os organizadores da festa tiveram a ideia de mudar o local da celebração da missa. O desfile fluvial foi mantido às margens do rio Ivaí, mas os festejos, as barracas e o ato litúrgico da missa foram transferidos para o perímetro urbano da cidade de Ivatuba. A mudança do local deu-se ao fato da Paróquia Nossa Senhora do Rocio ter um salão paroquial extenso e capaz de receber os devotos.

A celebração, como nos anteriores, aconteceu no último final de semana de agosto, porém o número de devotos à espera da Virgem nas margens do rio Ivaí diminuiu consideravelmente, como pode ser observado na Imagem 32.



Imagem 32 – Romeiros à espera de Nossa Senhora das Águas.
Fonte: Acervo Rosilda Von Kriger.

A fotografia da imagem 32 mostra que a Secretária de Turismo primou por captar os fiéis aplaudindo Nossa Senhora das Águas, e também, o momento do ancoradouro na rampa náutica, do condomínio Pontal do Ivaí. Anísio Furlan alerta que o número de romeiros à espera da Virgem no loteamento caiu consideravelmente, porque muitos ônibus e excursões que se dirigiam até a festa, preferiram se acomodar na Praça da Paróquia Nossa Senhora do Rocio, local onde aconteceu a celebração eucarística.

Outros preferiram acompanhar a Rainha das Águas, no momento em que adentrava o centro urbano de Ivatuba. O movimento gerou uma extensa carreta de automóveis que seguiam o carro da Virgem do Ivaí pelas Avenidas João XX III, Pio XII e Jaime Canet Jr⁵⁷ e nas ruas Duque de Caxias⁵⁸, Rui Barbosa⁵⁹ e Marechal Floriano⁶⁰.

⁵⁷ Jaime Canet Junior foi governador do Estado do Paraná, de 1975 a 1979, escolhido para o cargo pelo Presidente Ernesto Geisel.

⁵⁸ Caxias ou Luís Alves de Lima e Silva foi um significativo estrategista da história militar brasileira.

⁵⁹ Rui Barbosa se destacou como advogado e jornalista, ávido defensor dos direitos e garantias individuais, opondo-se à escravidão. Tornou-se o primeiro ministro da fazenda, cargo que lhe proporcionou a administração de reformas econômicas modernizadoras.

⁶⁰ Floriano Peixoto, popularmente intitulado "Marechal de Ferro" dado ao rigor como conduzia as questões militares e políticas, promoveu a consolidação do regime republicano no Brasil, entre 23/11/1891 a 15/11/1894, período em que ocupou o cargo de presidente do país.



Imagem 33 – Carreata de Nossa Senhora das Águas, nas ruas de Ivatuba.
Fonte: Acervo Rosilda Von Kriger.

Nessa fotografia detecta-se a intencionalidade da autora ao focar, em plano aberto, a Santa, e os automóveis que a seguiam na Avenida João XX III. A imagem passa a sensação de que os carros enfileirados representariam os filhos de Maria, a linha imaginária em perspectiva induz a representação de longa fila de veículos.

O fotógrafo posicionado do outro lado da rua enquadrrou esse contingente de automóveis na margem esquerda, deixando o plano direito para a Avenida João XX III, na qual se observam-se os artefatos que enfeitavam as ruas por onde a Santa passava.

Após 30 min. de carreata, a Santa foi levada para a Praça da Igreja Matriz, todavia, ao chegar à paróquia Nossa Senhora do Rocio, a imagem foi proibida de entrar na Igreja pelo pároco local.



Imagem 34 – Chegada de Nossa senhora das Águas na Praça da Igreja Matriz.
Fonte: Acervo Rosilda Von Kriger.



Imagem 35 – Altar construído na Praça da Igreja Matriz.
Fonte: Acervo Rosilda Von Kriger

Se na Imagem 34 verifica-se instante da chegada da Santa na Praça da Igreja Matriz, na Imagem 35, vê-se do altar construído em frente à Igreja, local destinado para a celebração da missa em louvor a Santa. Na primeira foto nota-se o registro da embarcação que carregava a Imagem e a presença dos romeiros que se aglomeravam para a missa em louvor a Nossa Senhora das Águas. Ao fundo da fotografia foram colocadas mais bandeirinhas de cores azuis e brancas, para adornar o local.

Segundo o Pe. Jair Favoretto, o responsável por tal retaliação foi o então pároco do município Pe. Francisco Gecivan Garcia, que não apoiou a festa e tampouco permitiu que a imagem adentrasse na paróquia Nossa Senhora do Rocio. Anísio Furlan alegou que esse era o trajeto acordado pela comissão organizadora: após o término da carreata a Imagem iria adentrar na Igreja matriz e, na sequência, seria celebrada a missa.

Curiosamente, embora aparentemente não partilhasse dos tributos a Nossa Senhora das Águas, o padre Francisco Gecivan Garcia participou do culto em sua homenagem, como pode ser constatado na imagem a seguir.



Imagem 36 – Missa em louvor a Nossa Senhora das Águas.
Fonte: Acervo Rosilda Von Kriger.

Ao Pe. Jair Favoretto coube celebrar a missa, chama atenção nesta foto a hierarquização dos lugares ocupados pelos sacerdotes e ministros. Jair Favoretto encontra-se ao centro do altar e com a hóstia nas mãos, logo presidiu a celebração. O Padre Francisco Gecivan está posicionado no lado direito de Favoretto, auxiliando-o no momento da Eucaristia. Por último vê-se quatro ministros ao lado direito da fotografia - todos moradores de Ivatuba - que também ajudavam na celebração. No canto esquerdo, está o coral, composto por membros da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, comunidade que era presidida pelo Padre Jair Favoretto. Nota-se o contraste que serviu de contraponto nessa celebração. Pessoas das Paróquias de Ivatuba e Maringá participavam e colaboravam com o evento festivo.

Por certo, o desconforto causado pelo fato da Santa não ter entrado na Igreja Matriz, despertou a curiosidade da população que não compreendeu o motivo do ocorrido. Segundo Rosilda Von Kriger, na semana que antecedeu a celebração, ocorreu uma reunião na Igreja Matriz com o Padre Gecivan, os ministros, Anísio Furlan e as secretárias de Cultura e Turismo, Claudete Ghelere e Rosilda Von Kriger. Contudo, o pároco já demonstrava sinais de que não apoiaria a festa, peculiar do município. A reunião encerrou-se com a decisão da participação do padre, mas sem a passagem da Santa pela Igreja.

Do ponto de vista do Pe. Favoretto, a atitude desfavorável do Pároco Garcia resultava do seu descontentamento com Nossa Senhora das Águas, porque além dela ter realizado

graças naquelas terras, obteve grande aceitação entre a população residente em Ivatuba e nos arredores. Talvez tenha atingido maior popularidade do que Nossa Senhora do Rocio – padroeira do município.

Já o Pe. Garcia justificou a sua decisão nos seguintes termos: “se tratava de um evento “muito fechado”, onde apenas os organizadores Anísio Furlan e o Pe. Jair Favoretto “opinavam”. Diferente do que diziam, “de forma alguma era contra a Santa das Águas”. Ele reconhecia sua legitimidade perante centenas de devotos da cidade, porém era contrário à “hierarquia imposta na organização do festejo”⁶¹.

Polêmica à parte, a utilização da micro-história possibilitou compreender a identidade e os modos de viver de indivíduos que antes eram excluídos da memória oficial. Esse enfoque tornou-se crucial para a compreensão das desavenças emergentes em torno da festa de Nossa Senhora das Águas. A análise dos bastidores da festa trouxe à tona aspectos que os próprios devotos desconheciam e colocaram em evidência distintos interesses.

Nesse caso, a metodologia proposta pela micro-história possibilitou maior aproximação do objeto e permitiu a descoberta de fenômenos considerados “menores” mas que alteraram a compreensão dos “significados” e manifestações de fé dos ivatubenses.

Apenas em 2007 a festa incorporou uma novidade: o bolo de Nossa Senhora das Águas. A ideia partiu dos próprios organizadores da festa, que acreditavam ser esta mais uma forma de homenagear a Virgem do Ivaí. O bolo⁶² confeccionado por moradores de Ivatuba, com recheio de doce de leite, tinha no seu interior centenas de medalhinhas com a imagem de Nossa Senhora das Águas.

Segundo o Padre Jair Favoretto, aqueles que encontrassem tais medalhas seriam agraciados com a proteção da Padroeira do rio Ivaí. A multidão que, anteriormente, aglomerava-se na Praça da Igreja Matriz deslocaram-se para o Salão Paroquial, como se pode observar no registro a seguir

⁶¹ Entrevista realizada na cidade de Maringá, no Seminário Diocesano de Maringá no dia 14 de junho 2009 tendo 40 min. de duração.

⁶² O bolo com a medalha de Nossa Senhora das Águas também é servido nos festejos de Santo Antonio. Em todo Brasil, no dia 13 de junho, é servido o bolo com milhares de medalhinhas do santo casamenteiro. Na tradição das Festas Juninas aquele que encontrar a medalha do protetor tem grandes chances de encontrar algum pretendente amoroso.



Imagem 37 – O Bolo de Nossa Senhora das Águas.
Fonte: Acervo Rosilda Von Kriger.

Nota-se que o fotógrafo optou por retratar no mesmo quadro o bolo de Nossa Senhora das Águas e as dezenas de pessoas que se enfileiravam à espera da guloseima considerada sagrada. Assim, observa-se a intencionalidade do autor em promover o ambiente como um espaço lotado, noção alicerçada pelo ângulo da fotografia.

No ano de 2008, novamente, a celebração aconteceria no perímetro urbano de Ivatuba. Nesse ano, a paróquia Nossa Senhora do Rocio tinha lançado a sua primeira festa típica, a Leitoa Recheada. Os organizadores do prato tiveram a ideia de unir a celebração de Nossa Senhora das Águas com a festa da padroeira de Ivatuba. Porém, pelas fortes chuvas que ocorreram no dia, a carreata foi suspensa, acontecendo apenas a Missa, que naquele ano foi presidida pelo Pároco Francisco Gecivan. Segundo moradores da cidade, surpreendentemente, nenhuma menção a Nossa Senhora das Águas foi feita.

Após a missa foi servido o almoço. Aqueles que participaram do banquete foram presenteados com um prato de porcelana com os seguintes dizeres: “1º Festa da leitoa recheada”. Entretanto, neste artefato não foi efetuada nenhuma menção à celebração de Nossa Senhora das Águas. Indicativo que geram suspeitas de outra “retalhação” do pároco Garcia. Depoimentos de alguns leigos atestam que a atitude deixou a impressão de que o pároco da Igreja Nossa Senhora do Rocio teria aproveitado o público que prestigiou a Santa do Ivaí e direcionou o mesmo público para a festa pertencente à Matriz da cidade, angariando assim benefícios para a festividade que iniciava na região.

3.3 O Sacro e o Profano nas procissões

Neste tópico centraliza-se a discussão em um dos clímax da festa de Nossa Senhora das Águas, a procissão. Para o antropólogo Roberto Damatta (1994), é nessa prática religiosa que elementos profanos e sagrados se fundem, pois a imagem do padroeiro está em contato com a comunidade e não a Igreja, sendo reverenciado por orações, penitências e cânticos.

Segundo Maura Petruski (2008), no Brasil, o costume foi introduzido no governo geral de Tomé de Souza (1549-1553). Mas, a prática era plural, assemelhando-se mais com um espetáculo do que com uma manifestação religiosa. As procissões seguiam a dinâmica de dramatizações e autos. Para Petruski (2008, p.172):

Inferno, Paraíso, o bem, o mal, figuras mitológicas, vida de santos e histórias bíblicas eram as representações contidas nas máscaras utilizadas pelos integrantes do grupo que fazia sua apresentação, que tinham como objetivo central o ensinamento religioso aos homens. O uso da alegoria nesses atos religiosos vinha da Idade Média, sendo essa categoria aceita e difundida pela instituição religiosa.

Porém, o costume perderia força. No início do século XVIII, a publicação das Constituições do Arcebispo da Bahia afirmava que as procissões deveriam ser apresentadas como uma “oração pública feita a Deus por um comum ajuntamento de fiéis(Constituições, 1853, p.191)”: Ou seja, elas teriam que se afastar das representações profanas e assemelhar-se ao sagrado.

A procissão de Nossa Senhora das Águas incube características pertencentes a estes dois lados. Antes de adentrarmos nessa reflexão, torna-se necessário historiar o conjunto de procissões no festejo. Segundo o padre Jair Favoretto, essa manifestação religiosa era uma forma de reverenciar a Santa do Ivaí. No festejo, no condomínio Pontal do Ivaí existem duas procissões: a fluvial, onde os navegadores acompanham o barco da Rainha das Águas, e a terrestre que se acontece após a Virgem ser recebida pelos fiéis na rampa náutica.

Às 09h iniciava-se a primeira procissão. Anísio Furlan recorda que essa manifestação constituía o primeiro rito da festividade, os barcos navegavam aproximadamente 7 km nas margens do Ivaí.



Imagem 38 – Procissão fluvial.
Fonte: Acervo Anísio Furlan.

Na fotografia de 2005, pode-se notar uma quantidade razoável de barcos enfeitados com bexigas e tecidos das cores azul e branco, tonalidades presentes na imagem de Nossa Senhora das Águas. Também é possível observar as bandeiras do Brasil, Paraná e Ivatuba nas embarcações que seguem no entorno do barco que transporta a imagem da Santa. Saltam aos olhos a quantidade de rosas que são dispostas no andor da Santa. Essas flores, segundo a devota Olinda Tenedine, seriam a melhor forma de louvar a Rainha, pois simbolizavam, por um lado, a doçura da Mãe Santíssima mediante suas cores rosadas e seu aroma e, por outro, o suplício vivenciado por Ela, representado por meio dos espinhos.

Na Bíblia Sagrada, no Evangelho de Mateus, capítulo 6, versículo 28, consta uma menção às flores “olhai para os lírios do campo – exorta-nos Jesus –: não trabalham nem fiam. Pois Eu vos digo: nem Salomão, em toda a sua magnificência, se vestiu como qualquer um deles” (BIBLIA, 1990, Mateus 6: 28). Para os católicos, a Virgem possui a semelhança de uma flor, o perfume e a cor que remetem às sensações como o acolhimento e o aconchego.

A procissão fluvial impressionava pela rica ornamentação dos barcos que acompanhavam o trajeto, e é nesse momento que encontramos o primeiro elemento profano da procissão.

Segundo Anísio Furlan, para estimular os navegadores, ocorria uma premiação para a âncora melhor acabado. Assim, mais do que homenagear e reverenciar a Virgem do Ivaí, a procissão fluvial tornava-se uma alusão respeitosa a “profissão” dos barqueiros e pescadores.

O resultado da avaliação dos barcos era divulgado após a celebração eucarística, no início do baile e da quermesse. A premiação valorizava as representações do meio ambiente, ferramentas para pesca, coletes de salva vidas e kits para a preservação como, por exemplo, sacolas biodegradáveis.

Após a chegada da Santa, iniciava-se a segunda procissão, com intuito de entoar e reverenciar o nome de Nossa Senhora das Águas. Partia-se da rampa náutica, a Virgem era ancorada e, progredia até o local da missa, nas proximidades da gruta da padroeira do rio Ivaí.



Imagem 39 – Nossa Senhora das Águas.
Fonte: Acervo Anísio Furlan.

Na fotografia supracitada são registradas a chegada da Virgem e a procissão até o local da celebração eucarística. Nessa imagem, o enfoque principal incide sobre a figura de Nossa Senhora das Águas, carregada por seus “filhos”. Conforme referências do historiador Erwin Panofsky (1979), pode-se perceber, a partir da perspectiva iconológica, que esta imagem tende a reforçar a ideia da Virgem como Mãe dos seus fiéis. Por isso, Ela é carregada nos ombros como um ato de sacrifício, suplício e amor. Ademais, a Santa evoca a noção de protetora do rio Ivaí conforme aparece em meio às águas.

Por último, nota-se a associação da figura da Virgem de Ivatuba às bandeiras de Ivatuba, Paraná e do Brasil conforme mostram as Imagens 38 e 39. Uma alusão ao fato de que Ela não seria apenas a Senhora dos cidadãos ivatubenses, mas de toda a população do Paraná

e do Brasil, uma vez que essas bandeiras cercam a imagem tanto do lado direito, como do esquerdo (Imagem 39) além de acompanhá-la na procissão fluvial e terrestre (Imagens 38 e 39).

Após a chegada da imagem, ocorria uma queima de fogos e o lançamento de balões nas cores azul e branco. Claude Ghelere lembra que era comum citações como “Viva Nossa Senhora das Águas”, “Viva a Mãe rainha do Ivaí” e “Viva a Virgem das Águas”.

Os fogos e os balões estourados tinham o intuito de chamar a atenção para o evento, instigando a população a acompanhar o acontecimento. Os cartuchos, arrumados durante a madrugada, ficavam expostos ao lado esquerdo da gruta da Santa.

Na Imagem 40, pode-se observar a Virgem das Águas sendo acolhida pelos fiéis e romeiros no condomínio Pontal do Ivaí.



Imagem 40 – Chegada de Nossa Senhora das Águas no condomínio Pontal do Ivaí.
Fonte: Acervo particular do Sr. Anísio Furlan.

Nesta imagem nota-se a intencionalidade do fotógrafo em registrar, no mesmo quadro e em plano aberto, o contingente da população à espera da padroeira e do barco com a Virgem das Águas. Ao deparar-se com este registro imagético, tem-se a sensação de que o espaço reservado para a adoração da Santa está lotado, efeito do enquadramento dado pelo referido profissional.

Na Imagem 41, flagrou-se a movimentação dos fiéis em direção da Santa e a formação da outra procissão.



Imagem 41 – Festa de Nossa Senhora das Águas (2004).
Fonte: Acervo particular do Sr. Anísio Furlan.

Como alerta Peter Burke (2004), na Imagem 41 e nas demais detecta-se a intencionalidade do fotógrafo em registrar no mesmo enquadramento a procissão terrestre, bem como as autoridades clericais e políticas presentes no evento. Do lado inferior esquerdo, é registrada a presença do Arcebispo Dom Jaime Luiz Coelho que, naquele ano, institucionalizava a Virgem como a padroeira do rio Ivaí. Ao lado direito do bispo, nota-se a presença do prefeito Vanderlei Santini que acompanhou todo o cortejo ao lado de Dom Jaime.

No canto direito superior é possível observar a pequena gruta erguida em homenagem à Virgem e o deslocamento de dois casais de devotos ao encontro da procissão. Ao final, pode-se detectar uma constante preocupação do fotógrafo: flagrar imagens repletas de pessoas de distintas faixas etárias - crianças, adultos e idoso, irmanados, amparavam uns aos outros e caminhavam de mãos dadas de modo a criar o clima fraterno entre todos.

Mais do que captar e decodificar os diferentes signos de uma imagem, é necessário interpretar e desconstruir as fotografias (forma e conteúdo), sempre considerando o contexto histórico-social de sua produção. No caso desse registro, deve-se levar em conta que a organização contratou um fotógrafo profissional e que os devotos constituem agentes que participaram da criação do evento.

A musicalidade presente durante a procissão também contribuiu para a criação de uma atmosfera agradável e misteriosa. Os cânticos se intercalavam com preces, ladainhas e terços que eram mencionados durante todo o percurso. Após completar o séquito, a chegada da

Imagem no templo era marcada por muita emoção. Nossa Senhora das Águas era acolhida com aplausos que se fundiam com os barulhos dos fogos de artifícios, finalizando o momento sacro e profano da festividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da festa de Nossa Senhora das Águas, durante os últimos três anos, teve como objetivo a compreensão da construção mítica entorno da Santa do Ivaí. Radicada no cerne da comunidade católica de Ivatuba, a crença na Virgem manteve uma linha tênue entre a devoção religiosa e o medo do desconhecido.

A premonição de um padre, convicto de que o lado Sul de Ivatuba não iria se desenvolver cobriu esse espaço de uma aura mística, mas, por circunstâncias investigadas nessa pesquisa, o referido lugar foi cenário da manifestação da Virgem. Além disso, acontecimentos como a decadência da cultura do café, o advento da lavoura branca, a morte da jovem no antigo porto de areia e o encontro de uma Santa sem cabeça no Pontal sustentaram os alicerces e fizeram crescer a crença nos milagres de Nossa Senhora das Águas.

Algumas particularidades relativas ao fomento da religiosidade no município contribuíram para que a devoção a Ela se difundisse rapidamente. A mesma comunidade que adotou São Sebastião como seu protetor desde que se instalou na região abraçou as “causas” atribuídas a Rainha do Ivaí. Em ambos os casos a crença em Nossa Senhora do Rocio teria sido deixada em um plano secundário?

Esta indagação torna necessária a retomada de pistas investigadas no primeiro capítulo dessa dissertação. De certa forma, os migrantes foram obrigados a aceitar Nossa Senhora do Rocio como padroeira da cidade por imposição do Arcebispo Dom Jaime, uma vez que cultuava o Santo de Milão e alimentava a crença de que Ele teria resguardado a todos e dado forças para a comunidade enfrentar as agruras do desmatamento, as doenças e o temor da instalação em terras desconhecidas. As demonstrações de fé em São Sebastião se expressavam nas novenas, festas e procissões, muitas delas registradas em fotografias – aspecto que confere aos eventos referidos maior solenidade e a importância de serem registrados para a posteridade.

Posteriormente, a veneração a Nossa Senhora das Águas foi justificada pelo fato de que Ela teria suplantado o “mal”, na medida em que demonstrou seu poder em um espaço tido como “amaldiçoado” durante muitos anos. Legitimada pela mesma autoridade eclesiástica de outrora (D. Jaime), a figura de Nossa Senhora das Águas foi alijada a uma causa coletiva considerada crucial na atualidade, qual seja a proteção dos bens naturais, conforme abordado no segundo e terceiro capítulos.

Somam-se a esses acontecimentos outros fatores tomados como sinalizadores de algo afirmativo: a festa adquiriu caráter comunitário e mobilizou vários setores da cidade. A prefeitura municipal disponibilizou ônibus para locomoção dos romeiros até o loteamento; a Cooperativa Cocamar patrocinou a festa e responsabilizou-se pelo fornecimento das barracas que abrigavam os fiéis durante as festividades; autoridades políticas de distintos partidos contribuíram com donativos para as premiações das embarcações e aquisição de fogos de artifícios em homenagem à chegada da santa; os ministros da eucaristia da paróquia Nossa Senhora do Rocio se dispuseram a ajudar o Pe. Jair Favoretto durante a celebração e a comunidade católica de Ivatuba divulgou a festa na região com um acentuado sentido de pertencimento.

Constata-se que a elevação de Nossa Senhora das Águas à condição de padroeira e protetora das cidades banhadas pelo rio Ivaí gerou benefícios individuais e coletivos. Os devotos atestam que foram atendidos em suas preces e as cidades, em especial, Ivatuba teve sua economia dinamizada. A Santa foi responsabilizada pelo reaquecimento do comércio local e por gerar empregos advindos dos investimentos no setor turístico.

Os documentos levantados não deixam dúvida de que o “milagre da água” concorreu para transformar o condomínio Pontal do Ivaí em um empreendimento promissor. O Sr. Anísio Furlan, idealizador do loteamento, não dissimula que a valorização dos lotes naquela região ocorreu em decorrência do sucesso das festividades em louvor a Nossa Senhora das Águas, pois, além de retirar o estigma negativo sobre o local, o tornou mais conhecido. Os primeiros terrenos, vendidos no ano de 1997, valiam cerca de 7 ou 8 mil reais (dependendo da localização), atualmente os poucos lotes que ainda restam sofreram uma valorização de aproximadamente 1.200%, estão sendo negociados por 120 mil reais.

No estudo ora apresentado, buscou-se compreender a dinâmica da festividade em louvor à Nossa Senhora das Águas, entre 1997 e 2008, sem dissociá-la do contexto sociocultural e econômico no qual foi implementada. Desde a primeira missa realizada em ação de graças em tributo a santa até o ano em que foi rechaçada pelo pároco Francisco Gecivan Garcia, a festa ampliou-se e atingiu todas as cidades banhadas pelo rio Ivaí. A Virgem passou de protetora do condomínio Pontal do Ivaí para padroeira do rio homônimo.

Torna-se capital salientar que os indícios levantados no decorrer dessa pesquisa permitem inferir que mesmo se a decisão de legitimá-la como padroeira do rio não fosse posta pelo Padre Jair Favoretto e ratificada pelo Arcebispo Dom Jaime Luiz Coelho, a santa não sofreria resistência por parte das comunidades católicas daquela região, porque os fiéis tomaram a manifestação da Virgem como um sinal divino. As relações de dádiva e

contraditórias se complementaram, portanto, na perspectiva dos fiéis os milagres se concretizaram. Assim, ano após ano, a devoção foi adquirindo um colorido cada vez maior no universo fantástico recriado pelos devotos que continuaram a participar das celebrações, apesar das celeumas entre os padres e das dificuldades de adequação dos espaços.

A popularidade da festa foi atestada no livro “Festas Populares do Paraná” (Carneiro, 2005, p. 67), algo singular do ponto de vista a formalização de seu reconhecimento como um bem imaterial. Não ao acaso, o governo estadual tomou a iniciativa de listar as várias tipologias patrimoniais do Estado. O reconhecimento dos bens culturais imateriais constituiu uma demanda desde as proposições da Constituição de 1988, fortalecidas pela oficialização das primeiras manifestações populares, como o grafismo indígena, as festas de tambor, os saberes de ofício, entre outros.

Destaca-se o envolvimento da população nos festejos em tributo a Nossa Senhora das Águas, tanto no âmbito religioso, quanto ao profano. Nos dias da celebração era comum observar a cidade enfeitada de branco e azul - cores da santa e os munícipes se preparando para receber os romeiros. Cada fase da missa em ação de graças era minuciosamente planejada, as orações e cânticos escolhidos para a ocasião. Os comerciantes passaram a abrir seus estabelecimentos nos dias de festa para atender ao grande número de pessoas que se deslocavam para Ivatuba.

A organização da festa até 2008 era estimulada pelo sentimento de fraternidade entre os devotos, que inspirados na fé superavam pequenas celeumas e dedicavam seus dias ao tributo em honra de Nossa Senhora. Eles se reuniam para rezar e trabalhar nas semanas que antecederiam as celebrações, e por meio da partilha de suas vivências, troca de experiências e retomada das memórias dos “velhos tempos” lembravam de muitos “causos”. Nas festas, as famílias que haviam convivido nas décadas de 1950, 1960 e 1970 se reencontravam e os amigos de infância eram apresentados aos netos e demais descendentes.

O festejo permitia o convívio entre homens, mulheres e crianças de distintos seguimentos sociais, propiciando trocas culturais e religiosas. Os sentimentos de alegria e devoção eram compartilhados no condomínio Pontal do Ivaí, na gruta da Santa e na rampa náutica, local de desembarque da santa e ápice do festejo. A queima de fogos e o louvor dos filhos de Maria contagiavam os romeiros.

Todavia, no ano de 2008 a festividade passou por alterações, esta nova fase da celebração foi transferida para o condomínio Pontal das Bananeiras, próximo à cidade de Floresta. A procissão fluvial e a missa foram mantidas, mas, foram acrescentados novos entretenimentos como bailes, a distribuição de almoço. Embora não constitua objetivo dessa

pesquisa, vale destacar que a mudança do local da festa não se deu somente em função dos desentendimentos entre os párocos de Ivatuba, o espaço físico onde ocorria a festa já não comportava o montante de romeiros e fiéis que se deslocavam para a cidade.

A comunidade de Ivatuba continua participando da celebração, muitos romeiros vão de carro ou de ônibus fretados pela prefeitura municipal. Portanto, conclui-se que a reverência a Nossa Senhora das Águas não foi abalada.

Em termos metodológicos, percebeu-se que os aportes da pesquisa permitiram desvelar o mito fundador da crença na Virgem do Ivaí e compreender as relações entre os sujeitos que juntos e por força de sua relação com o universo fantástico partilharam práticas de devoção e posturas políticas frente à defesa do meio.

A abordagem revelou aspectos previamente não observados, como a passagem da Santa do loteamento Pontal do Ivaí até o seu impedimento de entrar na Igreja Matriz. Muitos daqueles romeiros que vivenciaram tais acontecimentos não entenderam os motivos do ocorrido – aspecto desvendado no decorrer dessa pesquisa através dos depoimentos dos párocos e organizadores da celebração. Alterando-se a escala de observação do macro para o micro foi possível compreender fenômenos que assumiram significados completamente novos.

Espera-se que o cotejamento entre fontes plurais tenham permitido ao leitor apreender valiosas pistas sobre formação da comunidade católica em Ivatuba, bem como compreender a festa de Nossa Senhora das Águas como um bem cultural imaterial. Para tanto, se recorreu à análise de relatos, entrevistas, fotografias, matérias jornalísticas e demais fontes com o intuito de mostrar parte da história e das memórias de Ivatuba e região.

Alguns depoimentos da população residente em Ivatuba e de autoridades municipais revelam que a comunidade está buscando alternativas para trazer a celebração da Rainha do Ivaí novamente para cidade. Cogita-se a criação de um parque ambiental, próximo ao rio Ivaí e ao condomínio Pontal do Ivaí, no ano em que a festa completa uma década de existência. Portanto, em 2012, pode reservar surpresas para a comunidade católica ivatubense que sonha reviver as emoções da celebração no local onde foi constituída.

Em síntese, constatou-se que os impasses individuais “resolvidos” com a mediação da santa geraram uma identidade religiosa que culminou em um projeto mais complexo: a luta em prol da preservação das águas do rio Ivaí e da diversidade da flora local. Mesmo que esta “causa” tenha sido sugerida pelos mentores da celebração, ela foi aceita e acolhida pela comunidade.

FONTES

Impressos

Revista Ivatuba Progresso Constante. 1985. Antonio Padilha

Revista 40 anos de Paróquia Nossa Senhora do Rocio. 2000. Padre Sidney Salazar.

Audiovisuais

1ª Festa de Nossa Senhora das Águas. Ano 2003. Duração 15 min

2ª Festa de Nossa Senhora das Águas. Ano 2004. Duração 70 min.

3ª Festa de Nossa Senhora das Águas. Ano 2005. Duração 115min.

Reportagem do Canal RPC. A Festa de Nossa Senhora das Águas. Ano 2007. Duração 4,30 min

Imagéticas digitalizadas

72 Fotografias do acervo de Anísio Furlan.

25 Fotografias do acervo de Amélia Camotti.

15 Fotografias do acervo de Adolfo Semprebom

12 Fotografias do acervo de Rosilda Von Kriger.

11 Fotografias do acervo de João Paulo P. Rodrigues.

08 Fotografias do acervo de Vanderlei Santini/Prefeitura Municipal

Fontes orais

Entrevistas realizadas por João Paulo Pacheco Rodrigues

Entrevista realizada na residência da Sr^a. Maria Presa, na cidade Ivatuba, no dia 25 de julho de 2010. (2h e 15 min de duração).

Entrevista realizada na residência do Sr. Paulo Salvador, na cidade de Curitiba no dia 20 de novembro de 2011. (40 min de duração).

Entrevista realizada na residência do Sr. Olinto Presa, na cidade de Ivatuba no dia 14 de novembro de 2011. (50 min de duração).

Entrevista realizada na residência do Sr. Saul Dandolini, na cidade de Ivatuba, no dia 21 de novembro de 2011. (40 min de duração).

Entrevista realizada na residência do Sr. Saul Dandolini, na cidade de Ivatuba, no dia 06 dezembro de 2011. (30 min de duração).

Entrevista realizada no condomínio Pontal do Ivaí do Sr. Anísio Furlan, no município de Ivatuba, no dia 20 de junho de 2011. (2hs e 40 min de duração).

Entrevista realizada na secretaria da Igreja Sagrado Coração de Jesus, pelo Pe. Jair Favoretto, na cidade de Maringá, no dia 21 de maio de 2009 (60 min de duração).

Entrevista realizada na residência da Sr^a Olinda Tenedine, na cidade de Ivatuba, no dia 15 de março de 2011, (30 min de duração).

Entrevista realizada na residência da Sr^a Olinda Tenedine, na cidade de Ivatuba, no dia 12 de dezembro de 2011. (30 min de duração).

Entrevista realizada no Paço Municipal José Gimenés Álvares, pelo Sr. Vanderlei Santini, na cidade de Ivatuba, no dia 13 de novembro de 2010. (1h e 20 min. de duração).

Entrevista realizada na Escola Municipal Afrânio Peixoto pela Sr^a Claudete Ghelere, na cidade de Ivatuba, no dia 9 de março de 2011. (60 min. de duração).

Entrevista realizada no Paço Municipal José Gimenés Álvares pela Sr^a Rosilda Von Kriger, na cidade de Ivatuba, no dia 15 de outubro de 2011. (40 min de duração).

Entrevista realizada na residência do Sr. João Evangelista Gimenés Rodrigues, na cidade de Ivatuba, no dia 6 de dezembro de 2011. (25 min de duração).

Entrevista realizada no Seminário Diocesano de Maringá, pelo Padre Francisco Gecivan Garcia, na cidade de Maringá, no dia 14 de junho 2009. (40 min. de duração).

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DPEA, 2003.
- ADUCCI, Edésia. **Maria e seus títulos gloriosos**. São Paulo: Loyola, 1998.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.
- ANDRADE, Solange Ramos de. A romaria enquanto manifestação da religiosidade católica. In: Terezinha Oliveira. (Org.). **Religiosidade e educação na história**. 1. ed. Maringá: EDUEM, 2010. v. 1, p. 115-130.
- ANDRADE, Solange Ramos de. O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, ano 3, n. 7, p. 131-145, maio 2010.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papirus, 2004.
- AMARAL, Rita. Festas católicas brasileiras e os milagres do povo. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 187-205, jun. 2003.
- AQUINO, Mauricio de. **História e devoção**: a construção social do culto a Nossa Senhora Aparecida do vagão queimado de Ourinhos (1954-2004). Bauru: EDUSC, 2011.
- BACHERLAD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: edição pastoral. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990.
- BONDARIK, Roberto. **A Geada Negra de 1975**. 2008. Disponível em: <<http://robertobondarik.blogspot.com.br/2008/07/geada-negra-de-1975-erradicao-da.html>>. Acesso em: 11 set. 2011.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do sagrado**: estudos de religião e ritual. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1992.

CANCIAN, Nadir. **Cafeicultura paranaense: 1900-1970**. 1977. 497 f. Tese (Doutorado em História)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARNEIRO JR, Renato Augusto. **Festas populares do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2005.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1985.

CHARTIER, Roger. **À Beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná**. São Paulo: Ave Maria, 1977.

COUTO, Edilece Souza. **Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)**. 2004. 215 f. Tese (Doutorado em História)– Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

COX, Harvey. **A festa dos foliões**. Petrópolis: Vozes, 1974.

DIOCESE de Ivatuba: 40 anos de História. Ivatuba: Cúria Diocesana, 2000.

DA SILVA, Ed Carlos. **Entre o maravilhoso e o fantástico: a Vila de Alto Palmital-PR e suas crenças**. 2009. Tese (Doutorado em História)–Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** 7. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DE VARAZZE, J. **Legenda áurea: vida de santos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DESTEFANI, Edilaine Valéria. **Regime hidrológico do rio Ivaí – PR**. 2005. 95 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)–Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.

DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. **Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá: EDUEM, 1999.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. P. 56-76.

GOMBRICH, Ernst. **História da Arte**. Lisboa: Difil, 1999.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda**: os discursos do Patrimônio Cultural no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ; Minc-Iphan, 2003.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Edições 70, 1994.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 2003.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p. 133-161.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-154.

LUZ, France. **O fenômeno urbano numa zona pioneira**: Maringá. Maringá: Prefeitura Municipal, 1997.

MACHI, Euclides. O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades. **História Questões e Debates**, Curitiba, ano 22, n. 43, p. 33-53, jul/dez. 2005.

MACHADO, Sirlene. **Nossa Senhora do Rocio, padroeira do Paraná**. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 1998.

MAGABALE, Nilza Botelho. **Invocações da Virgem Maria no Brasil**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

MISSAL Romano. São Paulo: Paulinas, 1976.

MORAES FILHO, Alexandre J. Mello. **Festas populares do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

MORI, Vanderleia. **Ocupação do Solo no Município de Ivatuba**. 1999. Monografia (Especialização em Geografia)–Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jandaia do Sul, Jandaia do Sul, 1999.

MOTA, Lucio Tadeu . **História do Paraná**: ocupação humana e relações interculturais. 1. ed. Maringá: EDUEM, 2005.

NEIVA, Artur Hehl. A imigração na política brasileira de povoamento. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 86, p. 151-183, maio 1950.

NOELLI, Francisco Silva; MOTA, Lucio Tadeu. A pré-história da região onde se encontra Maringá, Paraná. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (Org.). **Maringá e o Norte do Paraná**: estudos de história regional. Maringá: EDUEM, 1999. p. 5-19.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1991.

PADILHA , Antonio. **Ivatuba progresso constante**. Londrina: Traço Publicações, 1985.

PADRE ROHRBACHER. **Vida dos Santos**. São Paulo: Editora das Américas, 1959.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. A paisagem urbana de Maringá expressa em distintas representações pictóricas da cidade. In: PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo; ZANIRATO, Sílvia Helena (Orgs.). **Narrativas da pós-modernidade na pesquisa histórica**. Maringá: Eduem, 2005. p. 121-140.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio cultural, consciência e preservação**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo; FUNARI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PEREIRA, José Carlos. A linguagem do corpo na devoção popular do catolicismo. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 3, p. 67-98, 2003.

PESAVENTO, Sandra J. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PETRUSKI, Maura Regina. **Julho chegou... e a festa também**: Sant'Ana e suas comemorações na cidade de Ponta Grossa (1930-1961). 2008. 254 f. Tese (Doutorado em História)–Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

POPE PIUS XII. **Munificentissimus Deus**: Defining the Dogma of the Assumption. Vatican, November 1, 1950.

PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa et al. (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004. p. 298-313.

PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil colônia**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PRIORE, Mary Del. **Religião e religiosidade no Brasil colônia**. São Paulo: Ática, 1997.

PRIORE, Mary Del. **Esquecidos por Deus**: monstros no mundo europeu e ibero-americano (séculos XVI e XVIII). São Paulo: Cia das Letras, 2000.

PROENÇA, Graça. **História da arte**. São Paulo: Ática, 2002.

REESINK, Misia Lins. Para uma antropologia do milagre: Nossa Senhora, seus devotos e o regime militar. **Caderno CRH**, Salvador, v. 18, n. 44. p. 267-280, 2005.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RHODEN, Luiz Fernando. O patrimônio imaterial: algumas reflexões sobre o registro. **Revista Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 31, p. 253-260, 2002.

ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis**: o sagrado e o urbano. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.
SAEZ, Oscar Calavia. Ídolos, mitos, lendas. Sobre a interpretação da iconografia católica. In: MANOEL, Ivan Manoel; ANDRADE, Solange Ramos de (Orgs.). **Identidades religiosas**. Franca: UNESP-FHDSS; Civitas Editora, 2008. p. 203-227.

SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 46-55.

SANCHIS, Pierre. Ainda Durkheim, ainda a religião. In: ROLIM, Francisco Cartaxo (Org.). **A religião numa sociedade em transformação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p. 11-31.

SANTOS, Antonio César de Almeida. Provimentos do ouvidor Pardinho para Curitiba e Paranaguá (1721). **Monumenta**, Curitiba, v. 3. n. 10, p. 27-80, 2000.

SANTOS, Benedito Beni dos; ROXO, Roberto M. **A religião do povo**. São Paulo: Paulinas, 1978.

SANTOS, Fabrício Forcato dos. **Conflitos setecentistas**: sociedade e clero das vilas de Curitiba e Paranaguá (1718-1774). 2008. 161 f. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

SILVA, Antonio de Moraes. **Dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Typografia Lacérdina, 1813.

TEIXEIRA, Joubert Paulo et al. Descrevendo fotografias. In: MORELLI, Ailton José (Org.). **Introdução ao estudo de História**. Maringá: EDUEM, 2005.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Norte do Paraná: história e fantasmagorias**. 1997. 338 f. Tese (Doutorado em História)–Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

SUSS, Gunter Paulo. **Catolicismo popular no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1979.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da História: micro-história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VARAZZE, Jacopo de. **Legenda áurea: vida de santos**. Tradução de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VELHO, Otavio Guilherme. **Frentes de expansão e estruturas Agrárias**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ZORTEA, Alberto João. **Londrina através dos tempos e crônicas da vida: homenagem aos pioneiros**. São Paulo: Juriscredi, 1975.